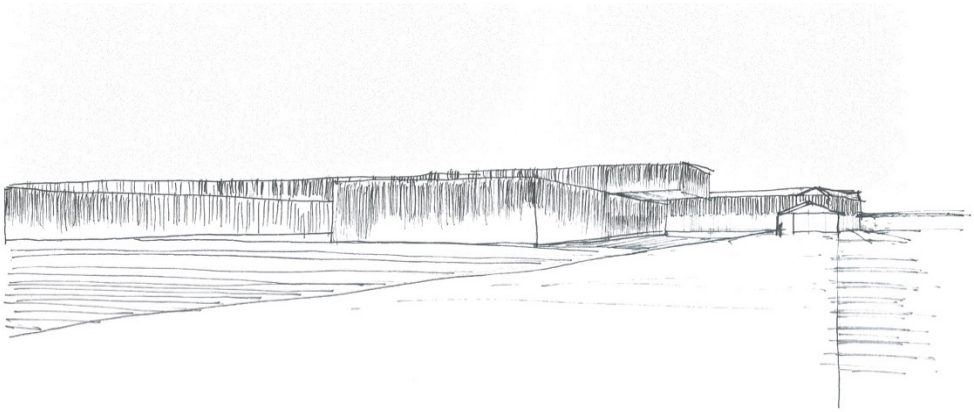


O Património Esquecido

(Re)erguer a Quinta Braamcamp como Centro Cultural e de Congressos

Ricardo Vasconcelos da Silva

(Licenciado)

Projeto Final de Mestrado para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura

Orientação Científica:

Professor Doutor Pedro Jorge Dias Pimenta Rodrigues

Professor Doutor José Luís Mourato Crespo

Júri:

Presidente: Professor Doutor Carlos Alexandre Mesquita

Vogal: Professor Doutor Miguel Calado Baptista-Bastos

Documento Definitivo

Lisboa, FA ULisboa, Março, 2019

O Património Esquecido

(Re)erguer a Quinta Braamcamp como Centro Cultural e de Congressos

Ricardo Vasconcelos da Silva

(Licenciado)

Projeto Final de Mestrado para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura

Orientação Científica:

Professor Doutor Pedro Jorge Dias Pimenta Rodrigues

Professor Doutor José Luís Mourato Crespo

Júri:

Presidente: Professor Doutor Carlos Alexandre Mesquita

Vogal: Professor Doutor Miguel Calado Baptista-Bastos

Documento Definitivo

Lisboa, FA ULisboa, Março, 2019

TÍTULO

O PATRIMÓNIO ESQUECIDO

SUBTÍTULO

(RE)ERGUER A QUINTA BRAAMCAMP COMO CENTRO CULTURAL E DE CONGRESSOS

NOME

Ricardo Vasconcelos da Silva

ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA

Professor Doutor Pedro Jorge Dias Pimenta Rodrigues

Professor Doutor José Luís Mourato Crespo

JÚRI

Presidente: Professor Doutor Carlos Alexandre Mesquita

Vogal: Professor Doutor Miguel Calado Baptista-Bastos

RESUMO

O complexo da Quinta Braamcamp, situado na orla ribeirinha no noroeste do Barreiro, albergou várias atividades industriais ao longo dos anos que recentemente cessaram. O lugar em que está implementado pertence a um território único, em relação à sua envolvente, no qual permanecem memórias e elementos que demonstram as várias atividades que existiram neste local.

A escolha deste lugar para a intervenção surgiu devido à grande carga de elementos marcantes para a cidade e por ser uma oportunidade de reabilitá-los e de os devolver ao Barreiro, daí o título do trabalho *O Património Esquecido*. Deseja-se conjugar uma arquitetura já existente, com memórias incorporadas, com uma arquitetura contemporânea, de forma a proporcionar uma nova valorização quer de elementos arquitetónicos quer do espaço público.

Este projeto de intervenção pretende criar uma nova vivência de Alburrica, reconectando-se com o centro da cidade e dinamizando este lugar através da população residente e de visitantes, permitindo ainda uma ligação única entre o Barreiro e o estuário do rio Tejo, reinventando as margens do rio. Pretende-se implementar várias linhas programáticas, de caráter cultural, educacional, turístico e ambiental.

PALAVRAS-CHAVE

Indústria | Património | Memória | Paisagem | Reabilitação

ABSTRACT

The Quinta Braamcamp complex, located on the riverside in the northwest of Barreiro, housed several industrial activities over the years that recently ceased. The place where it is implemented belongs to a unique territory, in relation to its surroundings, in which memories and elements that demonstrate the various activities that existed in this place remain.

The choice of this place for the intervention arose due to the great load of elements striking for the city and of being an opportunity to rehabilitate them and to return to Barreiro, due to this its title of The Forgotten Heritage. We want to combine an existing architecture, with built-in memories, with a contemporary architecture, in order to provide a new appreciation of both architectural elements and the public space.

This intervention aims to create a new experience of Alburrica, reconnecting to the center of the city and dynamizing this place both through the present population and people from abroad, allowing a unique connection between Barreiro and the Tejo estuary, reinventing the banks of the river. The intention is to implement several programs, of a cultural, educational, tourism and environmental character.

KEYWORDS

Industry | Heritage | Memory | Landscape | Rehabilitation

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais por me terem apoiado ao longo destes cinco anos árduos. Ao meu pai por ser o mais crítico e por querer sempre o meu melhor em tudo e por me ensinar que com trabalho chegamos sempre onde queremos chegar. À minha mãe por ser a minha motivação nos momentos decisivos.

Ao meu irmão pelo companheirismo e pela paciência nos dias menos bons.

Aos amigos que conheci na faculdade, estou muito grato de os ter encontrado e de me terem acompanhado nesta jornada da vida e espero que possamos continuar juntos nas próximas etapas.

Aos meus amigos que estiveram presentes na vinda para Portugal e que continuam os mesmos, que apesar da distância continuam com a mesma amizade e companheirismo.

Aos meus orientadores, Professor Pedro Rodrigues e Professor José Crespo, pela disponibilidade e pela ajuda ao longo deste trabalho

À pessoa que me ajudou muito ao longo dos últimos quatro anos, que me fez apaixonar ainda mais pela arquitetura, pela paciência nos momentos mais críticos. Muito obrigado Catarina

Muito obrigado a todos

ÍNDICE DE FIGURAS

Capa - Proposta volumétrica. Elaborado pelo Autor, 2018

Figura 1 – Vista sobre Alburrica e os seus moinhos de vento. Fotografia do Autor, 2019 2
FONTE: Fotografia do Autor, 2019

Figura 2 – Fotografia aérea sobre o Complexo da Quinta Braamcamp. Finais século XX 12
FONTE: https://www.cm-barreiro.pt/frontoffice/pages/792?news_id=5330. Consultado em 18 Janeiro de 2019

Figura 3 – Interior das Oficinas da CP. Autor Desconhecido, 1961 14
FONTE: http://memoriaefuturo.cm-barreiro.pt/pt/portal/espaco-memoria/rota-do-trabalho-e-da-industria/industrializacao-e-associativismo/o-caminhodeferro-no-barreiro.html. Consultado em !8 Janeiro de 2019

Figura 4 – Fundição nas Oficinas da CP. Autor Desconhecido, 1976 15
FONTE: http://memoriaefuturo.cm-barreiro.pt/pt/portal/espaco-memoria/rota-do-trabalho-e-da-industria/industrializacao-e-associativismo/o-caminhodeferro-no-barreiro.html. Consultado em 18 Janeiro de 2019

Figura 5 – Meio de Transporte utilizado na Revolução Industrial. Autor Desconhecido, ANO 16
FONTE: http://memoriaefuturo.cm-barreiro.pt/pt/portal/espaco-memoria/rota-do-trabalho-e-da-industria/industrializacao-e-associativismo/o-caminhodeferro-no-barreiro.html. Data de consulta 18 Janeiro de 2019

Figura 6 – Antiga zona agrícola. Barreiro, 1963 18
FONTE: AA. VV. (1987, p.32)

Figura 7 – Marinhas do Lavradio em plena atividade nos anos 30 19
FONTE: AA. VV. (1985, p.25)

Figura 8 – Oficinas da Barreiro. Álbum Resende, 1923 20
FONTE: http://memoriaefuturo.cm-barreiro.pt/pt/portal/espaco-memoria/rota-do-trabalho-e-da-industria/industrializacao-e-associativismo/o-caminhodeferro-no-barreiro.html. Consultado em 18 Janeiro de 2019

Figura 9 – A Indústria marcada no território do Barreiro. CMB 21
FONTE: https://www.cm-barreiro.pt/pages/851. Consultado em 18 Janeiro de 2019

Figura 10 – Oficinas da CP e caminhos de ferro. 1993 22
FONTE: http://memoriaefuturo.cm-barreiro.pt/pt/portal/espaco-memoria/rota-do-trabalho-e-da-industria/industrializacao-e-associativismo/o-caminhodeferro-no-barreiro.html. Consultado em 18 Janeiro de 2019

Figura 11 – Companhia União Fabril 22
FONTE: http://memoriaefuturo.cm-barreiro.pt/pt/portal/espaco-memoria/rota-do-trabalho-e-da-industria/industrializacao-e-associativismo/o-barreiro-e-a-companhia-uniao-fabril.html. Consultado em 28 Janeiro de 2019

Figura 12 – Complexo Industrial da Quimiparque no processo de demolição. 23
FONTE: https://jornaleconomico.sapo.pt/noticias/afinal-vai-haver-ponte-entre-o-barreiro-e-o-seixal-391991. Consultado em 18 Janeiro de 2019

Figura 13 – Vista Poente sobre a Companhia União Fabril. FONTE: http://memoriaefuturo.cm-barreiro.pt/pt/portal/espaco-memoria/rota-do-trabalho-e-da-industria/industrializacao-e-associativismo/a-industria-corticeira-e-o-barreiro.html. Consultado em 18 Janeiro de 2019 24

Figura 14 – Vivência do rio Tejo. Património naval. Rio Tejo, 1950 FONTE: AA. VV. (1989a, p.37) 25

Figura 15 – Antiga Estação Ferroviária do Barreiro. Fotografia do Autor, 2019
FONTE: Fotografia do Autor, 2019 26

Figura 16 – Fotografia aérea sobre a Quinta Braamcamp em ruína. Retyro Style, 2016
FONTE: http://www.dronestagr.am/quinta-braamcamp-barreiro/. Consultado em 18 Janeiro de 2019 26

Figura 17 – Moinho de maré do Braamcamp em ruína, Fotografia do Autor, 2017
FONTE: Fotografia do Autor, 2017 27

Figura 18 – Vista Norte sobre a fábrica de cortiça do Barreiro. 1936 FONTE: AA. VV. (2015, p.28) 28

Figura 19 – Moinhos de vento de Alburrica. João Vaz, 1859-1931 FONTE: http://lisboa-e-o-tejo.blogspot.com/2016/08/o-grupo-do-leao-3-parte.html. Consultado em 18 Janeiro de 2019 28

Figura 20 – Moinho de maré do Braamcamp em ruína, Fotografia do Autor, 2017
FONTE: Fotografia do Autor, 2017 30

Figura 21 – Moinho Grande de Alburrica. Fotografia do Autor, 2019 FONTE: Fotografia do Autor, 2019 30

Figura 22 – Vista sobre o moinho de vento e o moinho de maré do Cabo em Alburrica,
FONTE: AA. VV. (1990, p.23) 30

Figura 23 – Localização dos moinhos de maré no estuário do Tejo. Sem Escala. Elaborado pelo Autor, 2019
FONTE: Elaborado pelo Autor, 2019 31

Figura 24 – Moinho Gigante de Alburrica. FONTE: AA. VV. (1985, p.11) 33

Figura 25 – Moinho Gigante à esquerda e o Pequeno à direita em Alburrica. Biblioteca Municipal do Barreiro, 1889 FONTE: AA. VV. (1991, p.6) 33

Figura 26 – Edifício antigo da estação dos caminhos de ferro do Sul e Sueste
FONTE: AA. VV. (1981, p.3) 34

Figura 27 – Memória piscatória do interior da ruína. Fotografia do Autor, 2018
FONTE: Fotografia do Autor, 2018 36

Figura 28 – Ilustração da relação de Alburrica com atividade piscatória FONTE: AA. VV. (1999, p.23) 36

Figura 29 – Complexo da Quinta Braamcamp e dos moinhos de maré e de vento de Alburrica. Pintura que retrata a época entre os finais do século XIX e início do século XX 38
FONTE: http://confessium-mandrag.blogspot.pt/2011/02/alburrica-memorias.html. Consultado em 20 Janeiro de 2019

Figura 30 – Complexo da Quinta Braamcamp durante o processo de demolição da fábrica de cortiça. 2008 39
FONTE: Ibidem

Figura 31 – Vista do Cristo Rei para Alburrica. Fotografia do Autor, 2019 39
FONTE: Fotografia do Autor, 2019

Figura 32 – Pessoas sobre o paredão com paisagem sobre a cidade do Barreiro. Barreiro, 1930 40
FONTE: http://memoriaefuturo.cm-barreiro.pt/pt/portal/espaco-memoria/rota-do-trabalho-e-da-industria/industrializacao-e-associativismo/associativismo.html. Consultado em 18 Janeiro de 2019

Figura 33 – Paisagem sobre o rio Tejo e vista sobre Lisboa. Catarina Ramos, 2017 42
FONTE: Fotografia de Catarina Ramos, 2017

Figura 34 – Paisagem Industrial 43
FONTE: AA. VV. (1989, p.35)

Figura 35 – Paisagem natural de Alburrica. Fotografia do Autor, 2019 44
FONTE: Fotografia do Autor, 2019

Figura 36 – Paisagem industrial vista da cidade do Barreiro. Fotografia do Autor, 2019 46
FONTE: Fotografia do Autor, 2019

Figura 37 – Planta batimétrico do estuário do Tejo. Elaborado pelo Autor, 2019 47
FONTE: Elaborado pelo Autor, 2019

Figura 38 – Alçado principal do Moritzburg Museum. Halle 52
FONTE: http://www.nietosobejano.com/project.aspx?i=2&t=MORITZBURG_MUSEUM. Consultado em 19 Janeiro de 2019

Figura 39 – Relação dos elementos reabilitados com o espaço público. Ribeira das Naus, Lisboa. PROAP, 2009 56
FONTE: http://www.proap.pt/pt-pt/projecto/requalificacao-do-espaco-publico-da-ribeira-das-naus/ Consultado em 19 Janeiro de 2019

Figura 40 – Fase de elaboração do espaço público da ribeira das naus. Ribeira das Naus, Lisboa. PROAP, 2009 56
FONTE: http://www.proap.pt/pt-pt/projecto/requalificacao-do-espaco-publico-da-ribeira-das-naus/ Consultado em 19 Janeiro de 2019

Figura 41 – Relação do passeio marítimo com o rio Tejo e a paisagem. Ribeira das Naus, Lisboa. PROAP, 2009 56
FONTE: http://www.proap.pt/pt-pt/projecto/requalificacao-do-espaco-publico-da-ribeira-das-naus/ Consultado em 19 Janeiro de 2019

Figura 42 – Identificação da baixa inclinação, de forma a ser acessível por todas as pessoas. Ribeira das Naus, Lisboa. PROAP, 2009 57
FONTE: http://www.proap.pt/pt-pt/projecto/requalificacao-do-espaco-publico-da-ribeira-das-naus/ Consultado em 19 Janeiro de 2019

Figura 43 – Possibilidade de aproximação e contato com água. Ribeira das Naus, Lisboa. PROAP, 2009 57
FONTE: http://www.proap.pt/pt-pt/projecto/requalificacao-do-espaco-publico-da-ribeira-das-naus/ Consultado em 19 Janeiro de 2019

Figura 44 – Fase demonstrativa do projeto na continuação do paredão sobre o rio Tejo. Ribeira das Naus, Lisboa. PROAP, 2009 57
FONTE: http://www.proap.pt/pt-pt/projecto/requalificacao-do-espaco-publico-da-ribeira-das-naus/ Consultado em 19 Janeiro de 2019

Figura 45 – Relação do passeio com a rampa de acesso ao rio. Ribeira das Naus, Lisboa. PROAP, 2009 58
FONTE: http://www.proap.pt/pt-pt/projecto/requalificacao-do-espaco-publico-da-ribeira-das-naus/ Consultado em 19 Janeiro de 2019

Figura 46 – Praça com vista sobre o rio Tejo tendo como horizonte a outra margem do rio. Ribeira das Naus, Lisboa. PROAP, 2009 58
FONTE: http://www.proap.pt/pt-pt/projecto/requalificacao-do-espaco-publico-da-ribeira-das-naus/ Consultado em 19 Janeiro de 2019

Figura 47 – Reabilitação do espaço do cais naval. Ribeira das Naus, Lisboa. PROAP, 2009 58
FONTE: http://www.proap.pt/pt-pt/projecto/requalificacao-do-espaco-publico-da-ribeira-das-naus/ Consultado em 19 Janeiro de 2019

Figura 48 – Relação do elemento preexistente com o elemento contemporâneo. Moritzburg Museum, Halle. Nieto Sobejano Arquitectos, 2008 60
FONTE: https://www.archdaily.com/132838/moritzburg-museum-extension-nieto-sobejano-arquitectos/50143cda28ba0d5b49000474-moritzburg-museum-extension-nieto-sobejano-arquitectos-photo
Consultado em 19 Janeiro de 2019

Figura 49 – Planta do piso 0. Moritzburg Museum, Halle. Nieto Sobejano Arquitectos, 2008 60
FONTE: https://www.archdaily.com/132838/moritzburg-museum-extension-nieto-sobejano-arquitectos/50143ceb28ba0d5b49000477-moritzburg-museum-extension-nieto-sobejano-arquitectos-plan
Consultado em 19 Janeiro de 2019

Figura 50 – Planta do piso 1. Moritzburg Museum, Halle. Nieto Sobejano Arquitectos, 2008 60
FONTE: https://www.archdaily.com/132838/moritzburg-museum-extension-nieto-sobejano-arquitectos/50143cee28ba0d5b49000478-moritzburg-museum-extension-nieto-sobejano-arquitectos-plan
Consultado em 19 Janeiro de 2019

Figura 51 – Relação entre antigo e novo. Moritzburg Museum, Halle. Nieto Sobejano Arquitectos, 2008 61
FONTE: https://www.archdaily.com/132838/moritzburg-museum-extension-nieto-sobejano-arquitectos/50143cfd28ba0d5b4900047d-moritzburg-museum-extension-nieto-sobejano-arquitectos-elevations
Consultado em 19 Janeiro de 2019

Figura 52 – Secção demonstrativa da relação entre o novo e o preexistente. Moritzburg Museum, Halle. Nieto Sobejano Arquitectos, 2008 61
FONTE: https://www.archdaily.com/132838/moritzburg-museum-extension-nieto-sobejano-arquitectos/50143d0528ba0d5b49000480-moritzburg-museum-extension-nieto-sobejano-arquitectos-sections
Consultado em 19 Janeiro de 2019

Figura 53 – Vista aérea do enquadramento com a paisagem. Moritzburg Museum, Halle. Nieto Sobejano Arquitectos, 2008 FONTE: http://www.nietosobejano.com/project.aspx?i=2&t=MORITZBURG_MUSEUM Consultado em 19 Janeiro de 2019 61

Figura 54 – Detalhe do afastamento entre o piso superior e a ruína. Moritzburg Museum, Halle. Nieto Sobejano Arquitectos, 2008 FONTE: https://www.archdaily.com/132838/moritzburg-museum-extension-nieto-sobejano-arquitectos/50143ce628ba0d5b49000476-moritzburg-museum-extension-nieto-sobejano-arquitectos-photo Consultado em 19 Janeiro de 2019 62

Figura 55 – Relação do piso inferior com o piso superior. Moritzburg Museum, Halle. Nieto Sobejano Arquitectos, 2008 FONTE: https://www.archdaily.com/132838/moritzburg-museum-extension-nieto-sobejano-arquitectos/50143cd528ba0d5b49000473-moritzburg-museum-extension-nieto-sobejano-arquitectos-photo Consultado em 19 Janeiro de 2019 62

Figura 56 – Axonometria explodida das várias funções do edifício. Moritzburg Museum, Halle. Nieto Sobejano Arquitectos, 2008 FONTE: https://www.archdaily.com/132838/moritzburg-museum-extension-nieto-sobejano-arquitectos/50143d0228ba0d5b4900047f-moritzburg-museum-extension-nieto-sobejano-arquitectos-scheme Consultado em 19 Janeiro de 2019 62

Figura 57 – Relação da plataforma com o passeio. Development banques of the Meurthe, Raon-l'Étape. Cite Architecture, 2012 FONTE: https://www.archdaily.com/340042/development-banks-of-the-meurthe-atelier-cite-architecture/51363141b3fc4b53360000bb-development-banks-of-the-meurthe-atelier-cite-architecture-photo Consultado em 19 Janeiro de 2019 64

Figura 58 – Enquadramento dos passadiços na envolvente. Development banques of the Meurthe, Raon-l'Étape. Cite Architecture, 2012 FONTE: https://www.archdaily.com/340042/development-banks-of-the-meurthe-atelier-cite-architecture/51363251b3fc4b121b0000e0-development-banks-of-the-meurthe-atelier-cite-architecture-photo Consultado em 19 Janeiro de 2019 64

Figura 59 – Enquadramento do passadiço no verde. Development banques of the Meurthe, Raon-l'Étape. Cite Architecture, 2012 FONTE: https://www.archdaily.com/340042/development-banks-of-the-meurthe-atelier-cite-architecture/51363212b3fc4b4f4c0000d2-development-banks-of-the-meurthe-atelier-cite-architecture-photo Consultado em 19 Janeiro de 2019 65

Figura 60 – Detalhe do afastamento entre o vão e abertura na fachada. Centro de Alto Rendimento de Remo do Pocinho, Vila Nova de Foz Côa. Álvaro Fernandes Andrade, 2008 FONTE: https://www.archdaily.com.br/br/248200/centro-de-alto-rendimento-de-remo-do-pocinho-slash-alvaro-fernandes-andrade/52e5aa01e8e44e9906000196-57-jpg Consultado em 19 Janeiro de 2019 68

Figura 61 – Enquadramento do equipamento na paisagem. Centro de Alto Rendimento de Remo do Pocinho, Vila Nova de Foz Côa. Álvaro Fernandes Andrade, 2008 FONTE: http://espacodearquitetura.com/projects/58cfc9ec3d418089041b0669 Consultado em 19 Janeiro de 2019 68

Figura 62 – Direção do campo de visão sobre a paisagem. Centro de Alto Rendimento de Remo do Pocinho, Vila Nova de Foz Côa. Álvaro Fernandes Andrade, 2008 68
FONTE: https://www.archdaily.com.br/br/248200/centro-de-alto-rendimento-de-remo-do-pocinho-slash-alvaro-fernandes-andrade/52e5aae1e8e44e990600019a-65-jpg Consultado em 19 Janeiro de 2019

Figura 63 – Detalhe do afastamento entre o vão e abertura na fachada. Centro de Alto Rendimento de Remo do Pocinho, Vila Nova de Foz Côa. Álvaro Fernandes Andrade, 2008 69
FONTE: https://www.archdaily.com.br/br/248200/centro-de-alto-rendimento-de-remo-do-pocinho-slash-alvaro-fernandes-andrade/52e5a988e8e44e081d00015d-52-jpg Consultado em 19 Janeiro de 2019

Figura 64 – Grande entrada de luz natural no espaço interior. Centro de Alto Rendimento de Remo do Pocinho, Vila Nova de Foz Côa. Álvaro Fernandes Andrade, 2008 69
FONTE:
http://espacodearquitetura.com/projects/58cfc9ec3d418089041b0669 Consultado em 19 Janeiro de 2019

Figura 65 – Relação de vários tipos materiais. Centro de Alto Rendimento de Remo do Pocinho, Vila Nova de Foz Côa. Álvaro Fernandes Andrade, 2008 70
FONTE:
http://espacodearquitetura.com/projects/58cfc9ec3d418089041b0669 Consultado em 19 Janeiro de 2019

Figura 66 – Relação da estrutura metálica com fachada de alvenaria. Glass Courtyard, Berlim. Reese Architekten, 2007 72
FONTE: https://libeskind.com/work/glass-courtyard/ Consultado em 19 Janeiro de 2019

Figura 67 –Composição da estrutura envidraçada. Glass Courtyard, Berlim. Reese Architekten, 2007 72
FONTE: https://libeskind.com/work/glass-courtyard/ Consultado em 19 Janeiro de 2019

Figura 68 – Ambiência sentida durante o dia. Glass Courtyard, Berlim. Reese Architekten, 2007 73
FONTE: https://libeskind.com/work/glass-courtyard/ Consultado em 19 Janeiro de 2019

Figura 69 – Ambiência sentida durante a noite. Glass Courtyard, Berlim. Reese Architekten, 2007 74
FONTE: https://libeskind.com/work/glass-courtyard/ Consultado em 19 Janeiro de 2019

Figura 70 – Vegetação natural intacta. Parque Quzhou Luming, Quzhou.. Turenscape, 2010 76
FONTE: https://www.archdaily.com/446025/qunli-stormwater-wetland-park-turenscape/52799d07e8e44e879c00008b-qunli-stormwater-wetland-park-turenscape-image Consultado em 19 Janeiro de 2019

Figura 71 – Enquadramento do projeto com a paisagem natural. Parque Quzhou Luming, Quzhou.. Turenscape, 2010 76
FONTE: https://www.archdaily.com/446025/qunli-stormwater-wetland-park-turenscape/52799d55e8e44e8654000097-qunli-stormwater-wetland-park-turenscape-image Consultado em 19 Janeiro de 2019

Figura 72 – Pontos de vista em cotas superiores. Parque Quzhou Luming, Quzhou.. Turenscape, 2010 77
FONTE: https://www.archdaily.com/446025/qunli-stormwater-wetland-park-turenscape/52799f5ce8e44e865400009a-qunli-stormwater-wetland-park-turenscape-image Consultado em 19 Janeiro de 2019

Figura 73 – Ligação da cota do passeio com os passadiços. Parque Quzhou Luming, Quzhou. Turenscape, 2010 77
FONTE: https://www.archdaily.com/446025/qunli-stormwater-wetland-park-turenscape/52799cf9e8e44e8654000096-qunli-stormwater-wetland-park-turenscape-image Consultado em 19 Janeiro de 2019

Figura 74 – Vista sobre a paisagem natural relacionando com a cidade. Parque Quzhou Luming, Quzhou.. Turenscape, 2010 77
FONTE: https://www.archdaily.com/446025/qunli-stormwater-wetland-park-turenscape/52799c63e8e44e879c000089-qunli-stormwater-wetland-park-turenscape-image Consultado em 19 Janeiro de 2019

Figura 75 – Relação dos passadiços térreos com os superiores. Parque Quzhou Luming, Quzhou.. Turenscape, 2010 78
FONTE: https://www.archdaily.com/446025/qunli-stormwater-wetland-park-turenscape/52799de6e8e44ef0040000a0-qunli-stormwater-wetland-park-turenscape-image Consultado em 19 Janeiro de 2019

Figura 76 – Maquete do edifício com reflexão do mesmo sobre a água. Finlandia Hall, Helsínquia. Alvar Aalto, 1971 80
FONTE: http://dev.finnisharchitecture.fi/project.php?id=196 Consultado em 19 Janeiro de 2019

Figura 77 – Detalhe da fachada do núcleo da sala de concertos. Finlandia Hall, Helsínquia. Alvar Aalto, 1971 80
FONTE: http://dev.finnisharchitecture.fi/project.php?id=196 Consultado em 19 Janeiro de 2019

Figura 78 – Detalhe da cobertura da sala de concerto. Finlandia Hall, Helsínquia. Alvar Aalto, 1971 81
FONTE: http://dev.finnisharchitecture.fi/project.php?id=196 Consultado em 19 Janeiro de 2019

Figura 79 – Materialidade da fachada. Finlandia Hall, Helsínquia. Alvar Aalto, 1971 81
FONTE: https://www.alvaraalto.fi/en/architecture/finlandia-hall/ Consultado em 19 Janeiro de 2019

Figura 80 – Continuidade de vários elementos sobre a margem da baía Töölönlahti. Finlandia Hall, Helsínquia. Alvar Aalto, 1971 82
FONTE: https://www.alvaraalto.fi/en/architecture/finlandia-hall/ Consultado em 19 Janeiro de 2019

Figura 81 – Aberturas estreitas ao longo da fachada. Finlandia Hall, Helsínquia. Alvar Aalto, 1971 82
FONTE: http://dev.finnisharchitecture.fi/project.php?id=196 Consultado em 19 Janeiro de 2019

Figura 82 – A existência de vazio na atual implementação da estação fluvial do Barreiro. 1978 84
FONTE: https://www.pinterest.pt/pin/307370743294721082/. Consultado em 19 Janeiro de 2019

Figura 83 – Grande concentração urbana. Foto Cor. 85
FONTE: CMB (2003, p.20)

Figura 84 – Alburrica e a Ponta do Mexilhoeiro. 1985 87
FONTE: AA. VV. (1985, p.13)

Figura 85 – Complexo da Quinta Braamcamp na 1ª metade do século XIX. 1986 89
FONTE: AA. VV. (1986, p.7)

Figura 86 – Quinta Braamcamp com o viveiro de peixes. 1920 90
FONTE: CMB (2015, p.15)

Figura 87 – Fábrica de cortiça do Barreiro. 1936 90
FONTE: CMB (2015, p.28)

Figura 88 – Planta do Complexo da Quinta Braamcamp no século XIX 90
FONTE: Câmara Municipal do Barreiro

Figura 89 – Robert Hunter Reynolds (1820-1872) 91
FONTE: CMB (2015, p.8)

Figura 90 – Fábrica de cortiça de Braamcamp 92
FONTE: AA. VV. (1981, p.5)

Figura 91 – Fábrica de cortiça do Barreiro "A sea of cork". 1935 94
FONTE: CMB (2015, p.29)

Figura 92 – A cozer cortiça 94
FONTE: AA. VV. (1981, p.23)

Figura 93 – Localização de Alburrica e da zona de intervenção. Elaborado pelo Autor, 2019 97
FONTE: Elabordo pelo Autor, 2019

Figura 94 – Proposta volumétrica. Elaborado pelo Autor, 2018 98
FONTE: Elaborado pelo Autor, 2018

Figura 95 – 1º Anteplano de Urbanização do Barreiro, 1957 101
FONTE: FARIA (2010, p.93)

Figura 96 – Proposta de nova localização do estádio do Futebol Clube Barreirense, 1957 101
FONTE: FARIA (2010, p.98)

Figura 97 – Estudo de requalificação de Alburrica | Barreiro 104
FONTE: NEVES e VEIGA (2013, p.146)

Figura 98 – Proposta urbana da zona dos pescadores. Elaborado pelo grupo de trabalho, 2017 107
FONTE: Elaborado pelo grupo de trabalho, 2017

Figura 99 – Proposta urbana do centro da cidade do Barreiro. Elaborado pelo grupo de trabalho, 2017 108
FONTE: Elaborado pelo grupo de trabalho, 2017

Figura 100 – Proposta urbana da zona das antigas instalações da Quimiparque. Elaborado pelo grupo de trabalho, 2017 109
FONTE: Elaborado pelo grupo de trabalho, 2017

Figura 101 – Proposta de intervenção urbana para a cidade do Barreiro. Elaborado pelo grupo de trabalho, 2017 110
FONTE: Elaborado pelo grupo de trabalho, 2017

Figura 102 – Esquema ilustrativo do percurso cultural. Elaborado pelo Autor, 2019 113
FONTE: Elabordo pelo Autor, 2019

Figura 103 – Elementos existentes da área de intervenção. Elaborado pelo Autor, 2019 113
FONTE: Elaborado pelo Autor, 2019

Figura 104 – Eixos existentes. Elaborado pelo Autor, 2019 113
FONTE: Elaborado pelo Autor, 2019

Figura 105 – Eixos propostos. Elaborado pelo Autor, 2019 113
FONTE: Elaborado pelo Autor, 2019

Figura 106 – Planta de intervenção urbana de Alburrica. Elaborado pelo Autor, 2019 117
FONTE: Elaborado pelo Autor, 2019

Figura 107 – Planta do piso térreo do edifício da Quinta Braamcamp e do moinho de maré. Elaborado pelo Autor, 2019 125
FONTE: Elaborado pelo Autor, 2019

Figura 108 – Planta do primeiro piso do edifício da Quinta Braamcamp e do moinho de maré. Elaborado pelo Autor, 2019 125
FONTE: Elaborado pelo Autor, 2019

Figura 109 – Planta de cobertura do edifício da Quinta Braamcamp e do moinho de maré. Elaborado pelo Autor, 2019 127
FONTE: Elaborado pelo Autor, 2019

Figura 110 – Esquema funcional do edifício. Elaborado pelo Autor, 2019 129
FONTE: Elaborado pelo Autor, 2019

Figura 111 – Axonometria ilustrativa da implantação do edifício. Elaborado pelo Autor, 2019 129
FONTE: Elaborado pelo Autor, 2019

Figura 112 – Eixos da construção do edifício do piso térreo. Elaborado pelo Autor, 2019 132
FONTE: Elaborado pelo Autor, 2019

Figura 113 – Eixo da construção do piso superior. Elaborado pelo Autor, 2019 132
FONTE: Elaborado pelo Autor, 2019

Figura 114 – Implantação do edifício no lugar. Elaborado pelo Autor, 2019
FONTE: Elaborado pelo Autor, 2019 132

Figura 115 – Campos de visão para Alburrica e o rio Tejo. Elaborado pelo Autor, 2019 132
FONTE: Elaborado pelo Autor, 2019

Figura 116 – Planta do piso térreo do novo equipamento. Elaborado pelo Autor, 2019 135
FONTE: Elaborado pelo Autor, 2019

Figura 117 – Planta do segundo piso do novo equipamento. Elaborado pelo Autor, 2019 136
FONTE: Elaborado pelo Autor, 2019

Figura 118 – Planta do segundo piso do novo equipamento. Elaborado pelo Autor, 2019 137
FONTE: Elaborado pelo Autor, 2019

Figura 119 – Planta do segundo piso completo do novo equipamento. Elaborado pelo Autor, 2019 138
FONTE: Elaborado pelo Autor, 2019

Figura 120 – Planta de cobertura do novo equipamento. Elaborado pelo Autor, 2019 139
FONTE: Elaborado pelo Autor, 2019

ÍNDICE

RESUMO II

ABSTRACT IV

AGRADECIMENTOS VI

ÍNDICE DE FIGURAS VIII

01 | INTRODUÇÃO 2

1.1 | O TEMA E A PROBLEMÁTICA 4

1.2 | OBJETIVOS 6

1.3 | METODOLOGIA 8

02 | PATRIMÓNIO E MEMÓRIA 12

2.1 | A INDÚSTRIA 14

2.1.1 | O BARREIRO PROTO INDUSTRIAL 18

2.1.2 | O BARREIRO INDUSTRIAL 20

2.1.3 | O BARREIRO PÓS-INDUSTRIAL 23

2.2 | PATRIMÓNIO 25

2.2.1 | A INDÚSTRIA COMO PATRIMÓNIO CULTURAL 27

2.2.2 | OS MOINHOS DE MARÉ 29

2.2.3 | OS MOINHOS DE VENTO 32

2.3 | MEMÓRIA 34

2.3.1 | A MEMÓRIA DE ALBURRICA 37

2.4 | A PAISAGEM 40

2.4.1 | PAISAGEM RIBEIRINHA E INDUSTRIAL DO BARREIRO 45

2.5 | SÍNTESE 49

03 | PROJETOS DE REFERÊNCIA 52

3.1 | RIBEIRA DAS NAUS, PROAP | Lisboa (Portugal), 2009 55

3.2 | MORITZBURG MUSEUM, NIETO SOBEJANO ARQUITECTOS | Halle (Alemanha), 2008 59

3.3 | DEVELOPMENT BANKS OF THE MEURTHE, ATELIER CITE ARCHITECTURE | Raon-l'Étape, Voges (França), 2012 63

3.4 | CENTRO DE ALTO RENDIMENTO DE REMO DO POCINHO, ÁLVARO FERNANDES ANDRADE | Vila Nova de Foz Côa (Portugal), 2008 67

3.5 | GLASS COURTYARD, JEWISH MUSEUM, REESE ARCHITEKTEN | Berlim (Alemanha), 2007 71

3.6 | PARQUE QUZHOU LUMING, TURENSCAPE | Quzhou (China), 2010 75

3.7 | FINLANDIA HALL, ALVAR AALTO | Helsínquia (Finlândia), 1971 79

04 | O CASO DE ALBURRICA - BARREIRO 84

4.1 | A EVOLUÇÃO DO LUGAR 85

4.2 | O COMPLEXO DA QUINTA BRAAMCAMP 88

4.3 | A INDÚSTRIA CORTICEIRA NA QUINTA BRAAMCAMP 91

4.4 | SÍNTESE 95

05 | O PATRIMÓNIO ESQUECIDO: EQUIPAMENTO CULTURAL COMO IMPULSO DE DESENVOLVIMENTO DA REGIÃO 98

5.1 | ANÁLISE DOS PLANOS PROPOSTOS NO BARREIRO 100

5.1.1 | 1º ANTEPLANO DE URBANIZAÇÃO DE 1957 101

5.1.2 | WORKSHOP ESTEJO, 2013 103

5.2 | PROPOSTA URBANA PARA A CIDADE 105

5.3 | REGENERAÇÃO DE ALBURRICA 111

5.4 | O REINTERPRETAR DA QUINTA BRAAMCAMP | INDÚSTRIA VS CULTURA 119

5.5 | REABILITAÇÃO DO ANTIGO E CONSTRUÇÃO DO NOVO | A QUINTA BRAAMCAMP 121

5.6 | O EQUIPAMENTO DA MARGEM NORTE 130

06 | CONSIDERAÇÕES FINAIS 141

BIBLIOGRAFIA 145

ANEXOS 150



Figura 1 – Vista sobre Alburrica e os seus moinhos de vento. Fotografia do Autor, 2019

01 | INTRODUÇÃO

1.1 | O TEMA E A PROBLEMÁTICA

O património esquecido surge como tema devido ao elevado valor patrimonial que a Quinta Braamcamp transmite à cidade do Barreiro. Atualmente encontra-se em ruína, reconhecendo-se apenas a sua implantação na natureza e sem qualquer uso esperado no futuro. Existe uma oportunidade de reabilitação do edificado, de modo a reviver a sua memória, destacando-se o seu valor patrimonial para a cidade, visto que, outrora foi um complexo que concedeu oportunidades de atividades no desenvolvimento do Barreiro. Como consequência, é um património demasiado valioso para ser deixado ao abandono e cair no esquecimento de forma à perda da memória do lugar.

A proposta do projeto final de mestrado consiste na reabilitação da Quinta Braamcamp, situada no parque natural de Alburrica, no Barreiro, requalificando-o com o uso de um centro cultural e de congressos e com uma extensão do edifício de modo a que este complemente a sua intenção primária de utilização. Esta ideia surgiu com a ida ao lugar e após um melhor entendimento do potencial da área, e da sua fraca utilização no dia-a-dia, que torna a cidade do Barreiro num lugar dormitório e não de estar/conviver. Com a criação de um ponto de cultura numa zona tão escassa de turismo e espaços de lazer, mas com grande potencial para tal, promove-se a vinda de pessoas para aquela zona, podendo expandir depois este estímulo para o resto da cidade.

O parque natural de Alburrica, no Plano Diretor Municipal está classificado como espaço verde de recreio e lazer, de proteção e enquadramento. Trata-se de uma zona de grande interesse patrimonial e paisagístico na qual deve ser mantida e valorizada a estrutura natural existente, em que a nova construção não influencie a estrutura do parque. Potencialmente é um lugar de lazer e de tranquilidade, pautado pelo agitar das ondas do rio Tejo, um retiro "espiritual". Pode ser um ponto de partida para que a cidade se comece a transformar num sítio visitável, apreciando a sua história. Existem vários pontos do Barreiro que ainda hoje, observando-os, nos remetem diretamente para a atividade presente naquele lugar, como a aldeia de

pescadores e vestígios industriais, que deixaram uma memória marcante. Pretende-se que o centro cultural e de congressos, possam retransmitir essa reminiscência. Como esta zona é protegida e valorizada, a estrutura natural, pretende-se, para além de potenciar a cidade com um equipamento, criar uma reabilitação transformando o edifício num modo autossustentável, de forma a encaixar no enquadramento em que se encontra, voltando-o para o futuro.

A ideia surge após a análise do território da margem sul da Área Metropolitana de Lisboa onde se observa a existência de uma escassez de espaços culturais na zona sul. Esta análise aparece devido à sobrelotação da cidade de Lisboa em termos de eventos culturais. Conclui-se que existe um grande défice destes equipamentos na zona sul, que sirvam para desafogar o centro de Lisboa, e trazer pessoas para o Barreiro de modo a dinamizar a sua economia e a própria cidade.

1.2 | OBJETIVOS

A zona de intervenção do projeto final de mestrado pertence à orla ribeirinha da cidade do Barreiro, mais concretamente ao parque natural de Alburrica, na qual estão integrados elementos que demonstram as várias ocupações ocorridas neste lugar, tais como: piscatória, industrial e moageira.

No trabalho a desenvolver pretende-se a valorização da área de Alburrica na criação de uma nova proposta urbana onde se englobe um novo edifício em conjunto com a preexistência, neste caso as ruínas da Quinta Braamcamp e do moinho de maré do Braamcamp. Procura-se dinamizar e relacionar uma preexistência com um edifício contemporâneo, de forma a traçar novas vivências e integrar as preexistências com a cidade.

Neste projeto final de mestrado pretende-se requalificar este lugar que está ligado ao passado industrial que teve grande influência no desenvolvimento da cidade do Barreiro. A cidade teve alterações profundas devido à indústria e que transformaram a relação com o rio desde os tempos dos descobrimentos. Após a desindustrialização conduziu-a para muitos espaços vazios ao longo da cidade e várias barreiras, quebrando a relação com vários pontos do Barreiro. Para resolver estes problemas pretende-se desenvolver estes objetivos:

- Regenerar o espaço público de Alburrica, que atualmente está mal aproveitado

- Reabilitar o património cultural da cidade e devolvendo-o aos seus residentes

- Eliminar as várias barreiras existentes na cidade e potenciando as suas ligações

O parque natural de Alburrica é considerado um espaço verde de recreio e lazer, mas que atualmente não está qualificado para tal uso, faltando áreas de contemplação e de estar que possam servir os utilizadores daquela área. De maneira a resolver estes problemas pretende-se:

- Preservar a estrutura natural de Alburrica, valorizando o património industrial.

- Interligar as várias zonas do parque com a cidade

- Melhorar os acessos a vários pontos do parque

- Promover a cultura na cidade do Barreiro

Atualmente em média passam pela cidade do Barreiro todos os dias mais de vinte mil pessoas para chegarem a Lisboa. O que torna o Barreiro num lugar de conexão para a capital e que não vivenciam o seu espaço, ou seja, carece de um elemento que possa atrair as pessoas a permanecer na cidade para a viverem e para promoverem economicamente a cidade.

- Reutilizar as preexistências, de forma a reviver a memória local

- Criar um programa para desenvolver a região

- Criar um programa que abranja a educação e a cultura

- Promover a ligação do parque com a cidade

- Criar um equipamento que possa desenvolver economicamente e socialmente a região, integrando o mesmo com a envolvente.

1.3 | METODOLOGIA

O projeto final de mestrado desenvolve-se com uma investigação e interpretação de modo a compreender o lugar, através da recolha e análise de informação e consequentemente gerando questões de trabalho na ajuda do desenvolvimento do projeto.

Esta investigação será composta por duas partes, uma parte teórica e outra prática. A investigação desenvolvida na parte teórica, a nível de conceitos e outros tópicos, serão aplicados na parte prática, neste caso o projeto.

Na primeira fase da metodologia resulta numa análise do local de intervenção, análise histórica e social. Os dados estatísticos serão fundamentais para a caracterização e análise do território. Esta pesquisa decorre na consulta de documentos históricos, planos, programas e projetos propostos para o local. A observação *in loco* com vários registos da informação recolhida será uma ferramenta essencial do trabalho.

A segunda fase da metodologia trata-se na realização de pesquisa documental que ajude a chegar ao conceito de projeto. Análise de documentos teóricos e projetos de referência.

A terceira fase passa pela análise SWOT, assim como, o estudo da articulação da malha urbana com o parque natural de Alburrica e críticas ou pontos fortes dos projetos propostos para a zona.

A quarta fase passará pela proposta de plano urbano, ou seja, relacionar/ trabalhar a zona de projeto com a cidade, que a rodeia. Posteriormente, uma solução de propostas para o local, de forma abstrata. Será também importante a consulta de projetos de referência que foram implementados em locais de potencialidades semelhantes e de áreas protegidas.

Na fase cinco será para um programa mais concreto, ou seja, um programa de espaços com as suas respetivas funções e aprofunda-se a proposta à escala do edifício e do território. Foram analisados vários exemplos de projetos que ajudaria na realização do trabalho.

Na fase seis ocorre o desenho da proposta final desde as escalas 1:200 até 1:20.

Na sétima fase ocorreu a composição do projeto final de mestrado.

Por fim na oitava fase foi a execução das peças finais de apresentação do projeto.

1.4 | ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

A organização sequencial do trabalho está composta por uma componente teórica e prática, que se complementam. Esta estrutura apresenta-se dividida em cinco capítulos, excluindo as Considerações Finais, Bibliografia e Anexos. Este desenvolve-se numa lógica decrescente, desde uma ideia mais ampla até a uma mais específica.

No capítulo 2 – Património e Memória pretende-se explorar vários conceitos teóricos, como a Indústria, o Património, a Memória e a Paisagem. Nestes conceitos existem subtópicos para fundamentar cada um deles em função da área de intervenção.

A indústria subdivide-se em três conceitos relacionando-os com o Barreiro. O Barreiro Proto Industrial, A Indústria no Barreiro, A Indústria como Património Cultural, cada um destes subcapítulos tem uma ordem cronológica, desde a época mais antiga aos tempos mais recentes do Barreiro.

O património está subdividido em três partes. A primeira parte é sobre O Património no Barreiro em que se expõe todo o património em todo o território da cidade. Na segunda e terceira parte enumera-se concretamente o património existente no complexo de Alburrica, Os Moinhos de Maré e Os Moinhos de Vento, respetivamente.

A memória subdivide-se numa parte que corresponde A Memória de Alburrica em que se explica o passado e os acontecimentos naquela região e os marcos marcantes da sua história.

Por fim, o último corresponde à Paisagem que está fundamentada com o subcapítulo A Paisagem Ribeirinha e Industrial do Barreiro.

Cada um destes conceitos posteriormente são explorados e explicados o seu significado e o impacto que têm na arquitetura.

O capítulo 3 – Projetos de Referência contém algumas obras arquitetónicas que apoiam no desenvolvimento da proposta urbana e arquitetónica.

O capítulo 4 – Enquadramento e Contextualização de Alburrica - Barreiro subdivide-se em duas partes, A Evolução do Lugar e Quinta Braamcamp, em que este último se subdivide com A Indústria Corticeira na Quinta Braamcamp. Estas duas partes explicam a evolução do lugar e mais concretamente da Quinta Braamcamp e que posteriormente um pouco da sua história em relação à indústria corticeira que ali albergava.

No capítulo 5 – Proposta de Projeto Final de Mestrado, Este capítulo tem como título: O Património Esquecido: Equipamento Cultural como Impulso de Desenvolvimento da Região. Neste capítulo analisa-se os vários planos urbanos propostos para a cidade do Barreiro e como estes influenciaram a proposta urbana para a cidade. Explicita-se e justifica-se as estratégias conceptuais e programáticas que influenciam a proposta arquitetónica atravessando várias escalas até uma escala de detalhe construtivo.

Neste último capítulo apresenta-se as considerações finais que justificam o trabalho elaborado e os anexos que demonstram todo o processo de investigação. Ainda nos anexos serão publicados os elementos finais de projeto como fotografias das maquetes finais.



Figura 2 – Fotografia aérea sobre o Complexo da Quinta Braamcamp. Finais século XX

02 | PATRIMÓNIO E MEMÓRIA

2.1 | A INDÚSTRIA

A indústria segundo o dicionário da língua portuguesa define-se como uma *"atividade económica que se baseia numa técnica, dominada, em geral, pela presença de máquinas ou maquinismos, para transformar matérias primas em bens de produção e de consumo"* (PORTO EDITORA, 2010). A atividade industrial está associada à produção em grande escala através de maquinarias que transformam os bens materiais em matéria de consumo desenvolvendo-se a partir do século XVIII com a revolução industrial.

A atividade industrial para que seja implementada, num certo local, necessita de um edifício de produção, chamado de "fábrica", que é caraterizada por um modo de produção



Figura 3 – Interior das Oficinas da CP. Autor Desconhecido, 1961

e técnica. Esta atividade necessita também de exploração de recursos energéticos e edifícios de apoio, como bairros habitacionais (DERRUAU, 1977).

A criação dos espaços industriais desenvolveu um tipo de arquitetura singular. Os próprios materiais e sistemas de construção foram evoluindo a par da evolução industrial e foram pioneiros da engenharia e arquitetura. Esta atividade, ao longo do tempo, foi-se desenvolvendo ao mesmo ritmo da atividade tecnológica e ganhou peso no sistema económico, social e político. As inovações tecnológicas

marcantes desta época estão associadas ao aperfeiçoamento da máquina a vapor de James Watt e o tear mecânico de Catwright. Estas inovações permitiram uma evolução exponencial da produção e de tornaram independentes as instalações das fontes de energia tradicionais, hidráulica e eólica, apesar de requererem abundância de água. Com estas inovações invocaram-se novas preocupações nas construções dos edifícios, de forma a aproximá-las às matérias primas e às redes de transportes.



Figura 4 – Fundição nas Oficinas da CP. Autor Desconhecido, 1976

O sistema de produção, com o passar do tempo foi sofrendo várias alterações em termos de evolução, como a mecanização e a especialização da indústria. No início da revolução industrial os desenhos dos elementos industriais baseavam-se em instalações de grandes naves e edifícios em altura, *"Poder-se-ia então falar da grande fábrica ou do alto-forno com alturas superiores a oito metros"* (Folgado, 2005, p.81).



Figura 5 – Meio de Transporte utilizado na Revolução Industrial. Autor Desconhecido

Os materiais usados na construção das instalações eram baratos, de modo a rentabilizar o investimento e assegurar a segurança e estabilidade. No início da revolução industrial o material mais utilizado na construção dos edifícios industriais era o tijolo devido à sua de produção. No século XIX, a atividade explorar novos métodos de construção, tais como a exploração das potencialidades do ferro, em que este material possibilitou responder a novas exigências da indústria. As novas exigências da atividade requeriam vãos de maior dimensão, construção em altura e novas tipologias de edifícios como estações, pavilhões, armazéns, características que o ferro conseguia garantir.

No final do século XIX, surgiu um novo material que viria a revolucionar significativamente a construção que corresponde ao betão. Correspondia a uma grande versatilidade dos espaços, oferecendo grandes soluções inovadoras para as exigências crescentes da indústria.

A revolução industrial foi responsável pela modificação da malha urbano e rural, de modo não planeada, não só pela implantação de estruturas industriais, como também pela exploração de matérias primas, o recurso de fontes energéticas e redes de circulação. Com o desenvolvimento da indústria e a sua transformação é gerada uma modificação igualmente presente na paisagem. (CUSTÓDIO, 2005)

O desenvolvimento da indústria química surge, mais tarde, com grandes parques industriais implementados nas periferias das cidades. Um dos exemplos mais marcantes dessa expansão significativa das indústrias é a Companhia de União Fabril (CUF) que se instala no Barreiro, em 1907, transformando radicalmente o vasto território na periferia de Lisboa juntamente com centenas de fábricas do setor químico que estiveram cerca de 100 anos ativas.

2.1.1 | O BARREIRO PROTO INDUSTRIAL

Num artigo publicado por Frank Mendels, em 1972, fala num conceito da proto indústria, *"Proto-Industrialization: The first phase of the industrialization Process"* onde explica que a revolução industrial, ocorrida no século XVIII, deveu-se ao início da indústria moderna, mas não ao início da indústria em geral. Esta revolução representa numa quebra de um fio condutor na perspetiva de indústria anteriormente utilizadas e aplicadas a nível de produção e gestão (MENDELS, 1972)

Antes da indústria moderna existia a produção artesanal que se encontravam na periferia das cidades, num sistema em geral de autoconsumo na sua fase inicial. Com a proto indústria inicia-se uma fase em que as mercadorias e produtos são movimentados e vendidos em mercados diferentes das suas origens. Este mercado disponibilizava de uma liberdade de produção pois não sofria de um grande controlo como a supervisão que era concebida pelos produtores rurais.

Ao contrário da indústria moderna, que se posicionava em território específico, de forma a retirar o máximo da produção em massa, a proto indústria posicionava-se de forma dispersa ao longo do território. Apesar de se posicionar desta forma estas indústrias encontravam-se estrategicamente nas redondezas das cidades.



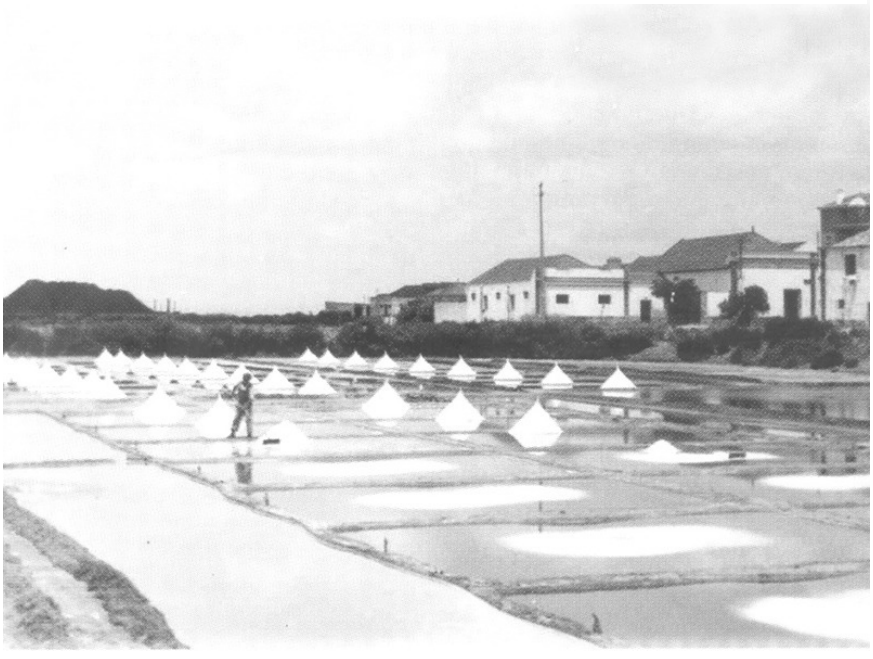
Figura 6 – Antiga zona agrícola. Barreiro, 1963

A indústria artesanal é uma indústria caseira, familiar localizada em zonas rurais, tal como podemos observar no Barreiro, e é definida por Mendels como uma indústria de grande valor no fornecimento de bens e produtos de consumo para as cidades. Esta atividade tinha uma característica que está relacionada com o sucessivo

aumento populacional que resultava no aumento do consumo como do território em que estava inserido.

Desde os primeiros registos o Barreiro encontrava-se ligado à indústria, com as qualidades naturais, territoriais e de proximidade à capital. A área do território de Alburrica é o lugar onde se pode encontrar a atividade moageira e náutica que estão relacionadas com as áreas habitacionais do Bairro Antigo e da aldeia ribeirinha dos pescadores. Estas pequenas atividades, moageira e piscatória, são o reflexo da proto indústria no Barreiro, que obtiveram um enorme papel relevante, ao longo dos anos, a nível de recursos e produtos que podiam ser transportados de barco para a capital, de forma a satisfazer o consumo.

Figura 7 – Marinhas do Lavradio em plena atividade nos anos 30



2.1.2 | O BARREIRO INDUSTRIAL

Na cidade do Barreiro desde a época da proto indústria estabeleceu-se um aumento populacional constante, implementando-se várias iniciativas e projetos devido à proximidade a Lisboa. Com a excelente posição geográfica foram criados os primeiros troços de caminhos de ferro que tinham como objetivo o escoamento dos produtos entre as regiões a norte do Tejo e a região alentejana. Com esta rede de transporte iniciam-se as primeiras alterações na paisagem rural e a capacidade de atrair a indústria moderna, pelas condições geográficas e de infraestruturas. Com esta evolução deu-se a transformação da paisagem e das caraterísticas rurais, alterando-se as raízes e as características rurais, piscatórias e proto industriais marcadas do território.

Com a implementação da rede ferroviária no Barreiro, a primeira indústria a se instalar no território foi a corticeira. Atraiu mão de obra vinda do Alentejo e Algarve e alguma do setor agrícola. Estabeleceram também as primeiras oficinas dos caminhos de ferro que se afixaram por todo o território do Barreiro.

Figura 8 – Oficinas da Barreiro. Álbum Resende, 1923



Mais tarde no século XX, em 1907, através de Alfredo da Silva, implementou-se um "verdadeiro" complexo industrial fabril da CUF (Companhia União Fabril), instalada com tudo o que necessitava, desde os bairros operários que eram

posicionados estrategicamente perto das fábricas e a construção de portos e frotas marítimas para o escoamento das mercadorias. Desde 1911 até ao final da década de 60 a população do Barreiro duplicou a cada duas décadas, em que 50% correspondia à população que trabalhava no sector industrial, consequência disso foi a implantação de mais bairros operários passando de uma vila operária a uma cidade industrial com cerca de 60 fábricas ativas (MENDES e FARIA,)

Com estas várias implementações de fábricas industriais e as suas estruturas complementares veio alterou-se completamente a imagem e a estrutura paisagística da cidade do Barreiro. Perdeu-se a característica rural anteriormente conhecida da cidade e alterando-se por completo a morfologia natural, urbana, social e económica, passando para uma paisagem caracterizada e dominada por chaminés, armazéns, bairros operários, aterros enormes e oficinas. A criação desta cidade industrial teve um impacto no meio ambiente devido à elevada poluição e sucessivos aterros que destruíram a fauna e flora da bacia do Tejo destruindo as atividades piscatórias e agrícolas que caracterizaram a imagem do Barreiro.



Figura 9 – A Indústria marcada no território do Barreiro. CMB

Atualmente a cidade do Barreiro está marcada por um vasto património industrial que grande parte encontra-se ao abandono, criando desta forma vários vazios urbanos dispersos pela cidade. A revolução industrial foi muito importante para a evolução do Barreiro, mas trouxe várias consequências em termos ambientais e territoriais. Em

termos territoriais foi responsável, como referido anteriormente, na alteração da paisagem da cidade e criando vários terrenos vacantes. Em termos ambientais a industrialização foi responsável pela poluição do estuário do Tejo, retirando assim o sustento aos pescadores e a vivência entre as margens do rio com as pessoas.



Figura 10 – Oficinas da CP e caminhos de ferro. 1993



Figura 11 – Companhia União Fabril

2.1.3 | O BARREIRO PÓS-INDUSTRIAL

Portugal, na segunda metade do século XX, entra em decadência devido à crise económica da década de 70. Esta crise económica irá contribuir para a destruição das indústrias em Portugal, obrigando-as a deslocar-se para fora dos centros urbanos, deixando espaços e infraestruturas vazios e devolutas.

O Barreiro é considerado cidade, em 1984, numa altura em que se evidenciavam sinais de decadência do património industrial. A cidade do Barreiro, como outras cidades ribeirinhas, perde a sua essência, enquanto centro industrial.

Com o fim da era industrial, houve uma mudança da sua atividade económica para os serviços, tornando-se numa cidade dormitório, pela proximidade da cidade de Lisboa e pela oferta de emprego.



Figura 12 – Complexo Industrial da Quimiparque no processo de demolição.

Hoje a cidade tem uma população maioritariamente envelhecida e tem vindo a perder população consistentemente ao longo dos próximos anos. A perda do interesse dos habitantes pelo Barreiro deve-se principalmente à baixa qualidade de vida, uma baixa atratividade e qualificação de certas partes do centro urbano, o estado de degradação dos edifícios históricos e industriais que contribuem negativamente na imagem e paisagem da cidade.

Todo este processo de desindustrialização, na cidade do Barreiro, transformou um tecido cheio de atividade num grande vazio urbano, que poderá resultar numa oportunidade de transformação urbanística da cidade.

Figura 13 – Vista Poente sobre a Companhia União Fabril.



2.2 | PATRIMÓNIO

A palavra património tem por si só um significado universal no quadro das sociedades contemporâneas. Associa-se o património a algo que podemos herdar de familiares, bens de família. O termo património associado à cultura criou um novo campo significativo, o de património cultural, aumentado assim a sua importância.

O Património é responsável pela qualidade de vida cultural e afirmação de diferentes comunidades, derivado a estes aspetos o Património obtém um valor de identidade e de memória de uma comunidade (AA. VV., 1993).

Em Portugal, e neste caso, o património industrial foi ganhando, ao longo das últimas décadas, uma grande força no âmbito do património nacional. Como o TICCIH (The International Committe for the Conservation of the Industrial Heritage) nos transmite o património industrial representa os vestígios da cultura industrial que possui valor histórico, isto é, edifícios, maquinarias, oficinas, fábricas, minas, armazéns, onde se desenvolveram atividades sociais relacionadas com a indústria como bairros operários, educação e locais de culto.

Entre o final do século XX e no início do século XXI houve uma sensibilização de investigações arqueológicas e de transformar os edifícios industriais em rotas de turismo. Para conservar estes elementos industriais, na última década em Portugal, estes espaços foram convertidos maioritariamente em espaços museológicos (SAMPAIO, 2002). Existe um grande número de equipamentos culturais que nos transmitem a história da indústria em Portugal.

Apesar destas alterações da função de espaço, atualmente os lugares ligados com a realidade industrial encontram-se excluídos dos planos de pormenores, requalificação urbana e sem medidas de prevenção ou proteção, o que conduz à sua destruição. Vários edifícios industriais nacionais foram destruídos, nomeadamente nas cidades de Lisboa e Porto.



Figura 14 – Vivência do rio Tejo. Património naval. Rio Tejo, 1950

Porém, no território nacional a gestão e prevenção do património industrial está dependente do poder local, em que as autarquias, câmaras e juntas de freguesias desenvolvem projetos culturais de recuperação ou reabilitação dos espaços industriais, de modo a reerguer o valor destes, tão importantes para as suas regiões.



Figura 15 – Antiga Estação Ferroviária do Barreiro. Fotografia do Autor, 2019

Figura 16 – Fotografia aérea sobre a Quinta Braamcamp em ruína. Retyro Style, 2016



2.2.1 | A INDÚSTRIA COMO PATRIMÓNIO CULTURAL

O património industrial começa a receber uma maior atenção e preocupação, a partir do século XX, por parte de vários países Europeus e dos Estados Unidos de América, com a criação de inúmeros movimentos para a concretização da reutilização dos edifícios industriais desativados em museus e outros usos. Nos últimos anos, a legislação internacional tem vindo a ser melhorada, de modo a integrar as ruínas industriais nas leis do património cultural e urbano.

O primeiro exemplar industrial que integra a lista do Património Mundial da UNESCO são as minas de Wieliczka, na Polónia, de 1789. São publicadas várias publicações sobre o tema, como World Industrial Archgeology (1979) de Kenneth Hudson, contribuindo assim o reconhecimento na sociedade sobre o património industrial, de forma a ser lecionado nas escolas e universidades. Este tipo de património é cada vez mais explorado, de forma a observar as potencialidades no turismo cultural, na museologia e na investigação.

Existe uma enorme dificuldade em diferenciar e reconhecer os espaços e edifícios industriais como património a proteger e do reconhecimento de património construído. Um dos elementos de reconhecimento do valor prende-se com a própria natureza, tais como, a função exclusivamente utilitária, o abandono e ruína em que muitas vezes se encontram, a estética específica e pouco valorizada. A maioria dos edifícios são recentes o que não lhes fazem obter o elo temporal para ser considerado como património. Devido a estes elementos de caracterização de património tende em atrasar e dificultar a sua proteção e preservação.





A atividade industrial está presa a diversos parâmetros da vida quotidiana, económica, política e cultural da sociedade, e a sua evolução acontece do tempo. Os vestígios da atividade industrial são fontes de informação de grande potencial para compreender a História geral ou local de uma região.

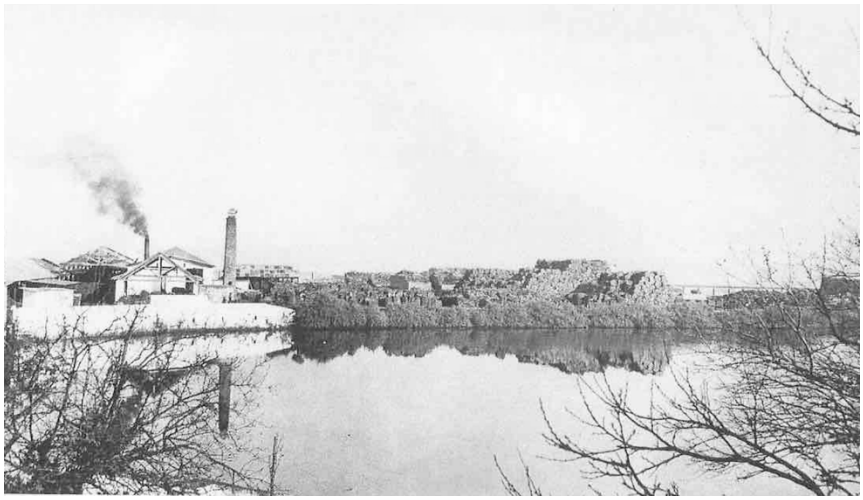
(à esquerda)

Figura 17 – Moinho de maré do Braamcamp em ruína, Fotografia do Autor, 2017

(em baixo)

Figura 18 – Vista Norte sobre a fábrica de cortiça do Barreiro. 1936

Figura 19 – Moinhos de vento de Alburrica. João Vaz, 1859-1931





2.2.2 | OS MOINHOS DE MARÉ

Os moinhos de maré e de vento, situados no parque de Alburrica, representam um património arquitetónico e industrial da cidade do Barreiro. Ao longo do tempo foram construídas várias estruturas arquitetónicas ao longo das margens do rio Tejo, nomeadamente os moinhos de maré.

Estas construções são da Idade Média devido à estrutura sólida em pedra aparelhada, com arcadas voltas para o rio e mecânica e utilização do equipamento de moagem. Representam igualmente o património nacional da pré industrialização que tinham como objetivo o fornecimento de farinha. As caldeiras que pertenciam às antigas salinas são reconvertidas e anexadas aos moinhos, desde o século XIV até aos finais do século XIX. Dos dozes moinhos de maré identificados no concelho do Barreiro, quatro fazem parte de Alburrica (NEVES e VEIGA, 2013)

Nos terrenos da Quinta Braamcamp encontra-se o moinho de maré, chamado Moinho do Braamcamp, que foi construído no século XVIII, possuía dez pares de mós, e de todos os moinhos da região era o que se encontrava em melhor estado de conservação, até ocorrer um incêndio em 2011, deixando-o num estado muito degradado (AA. VV., 1993).

Para além do moinho de maré do Braamcamp foram construídos outros três moinhos. O primeiro moinho a ser construído na região, anterior a 1534, foi o Moinho do Cabo de Pêro Moço, que mais tarde fica denominado do Cabo da Lenha ou somente Cabo. Continha inicialmente quatro casais de mós e posteriormente duplicado a capacidade para oito casais de mós.

Anteriores a 1652 foram construídos os moinhos de maré chamados de Grande e Pequeno. O Moinho de Maré Grande continha sete moendas, em elevado estado de degradação conservando apenas o sistema da caldeira. O moinho de maré Pequeno assim chamado por conter apenas três mós esteve em funcionamento até ao século XX. Posteriormente passa a ter uma função de armazém de produtos que chegavam do Ribatejo através das fragatas.



Figura 20 – Moinho de maré do Braamcamp em ruína, Fotografia do Autor, 2017

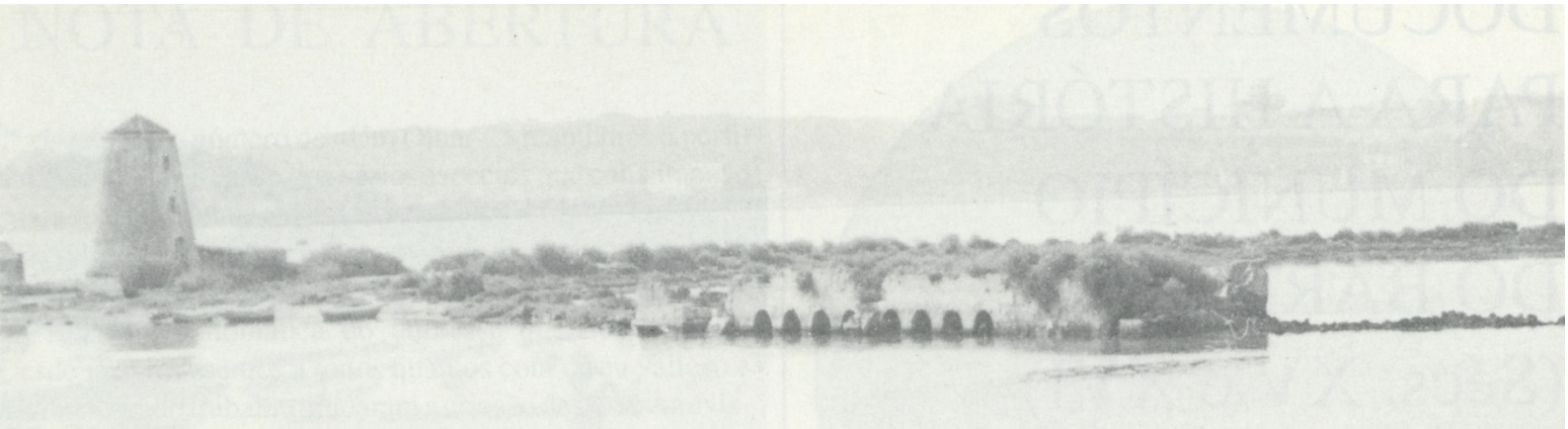


Figura 21 – Moinho Grande de Alburrica. Fotografia do Autor, 2019

Figura 22 – Vista sobre o moinho de vento e o moinho de maré do Cabo em Alburrica,

(página seguinte)

Figura 23 – Localização dos moinhos de maré no estuário do Tejo. Sem Escala




N

2.2.3 | OS MOINHOS DE VENTO

O aumento populacional da cidade do Barreiro teve consequências no fornecimento de farinha de trigo à população obrigando a implementar uma nova forma de moagem, de forma a responder às necessidades. Começou-se a construir moinhos de vento estrategicamente junto às praias onde existiam as linhas de penetração de vento.

O primeiro moinho de vento a surgir em Alburrica foi o moinho do Barão do Sobral em 1818, no terreno pertencente à Quinta Braamcamp associado à fábrica de bolachas. A construção deste moinho teve influências de tipologia holandesa e inglesa e após um incêndio este moinho desaparece no final do século XX.

Em 1827, foi construído o moinho de vento do Jim, situado no extremo poente de Alburrica, com o sistema de velas original de tipologia holandesa, velas de madeira retangulares ocultada em lona (CAMARÃO, 2010).

Mais tarde em 1852 são construídos mais três moinhos a vento na região de Alburrica, um deles chamado de Gigante com o sistema de velas idêntico ao moinho de vento do Jim. Os outros dois moinhos que surgem, de dimensões mais pequenas em relação ao Gigante e são de tipologia portuguesa, os moinhos de vento Nascente e Poente.



(em cima)

Figura 24 – Moinho Gigante de Alburrica.

(em baixo)

Figura 25 – Moinho Gigante à esquerda e o Pequeno à direita em Alburrica. Biblioteca Municipal do Barreiro, 1889



2.3 | MEMÓRIA

Memória vem do latim "memoria" que rapidamente pode ser entendida como "lembrança". Fernando Pessoa descreve a memória como uma consciência pertencente ao tempo, *"A memória é a consciência inserida no tempo"*. É uma palavra demasiada complexa para dispor de um único significado pois encaminha para muitos outros conceitos. A máquina não possui memória apesar de assim o transmitir, pelo facto de não ter consciência da existência de memória tornando incapaz a sua comunicação, tal como acontece com os animais. Em suma, uma das características da memória é de pertencer apenas ao Homem devido a ter capacidades de transmitir/comunicar a mesma.

É descrita como sendo uma capacidade de conservar conteúdos evocando-as num espaço de tempo diferente que pode cair no esquecimento. Esta consequência pode ser considerada oposta à memória, mas é um dos elementos que torna e fortaleze o que realmente é uma memória. Esta capacidade do Homem para armazenar memórias em que apenas se lembra de alguns aspetos, uma vez que, de forma inconsciente foram considerados importantes. Assim sendo, só se pode considerar uma memória quando esta entrar no esquecimento, o que torna uma grande diferença entre memória e história. Apesar de ambas representarem factos que ocorreram no passado, a história relata na integra tal e qual como ocorreram esses mesmos factos, a memória sofre uma modificação pessoal o que a faz distanciar da história.

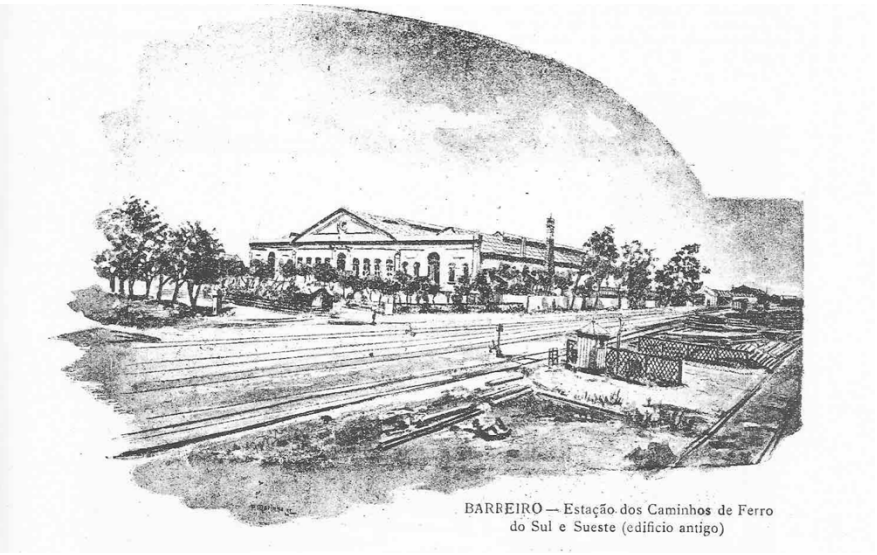


Figura 26 – Edifício antigo da estação dos caminhos de ferro do Sul e Sueste

A memória humana é instável e maleável, de tal maneira que não existe uma memória fiel. É particularmente impossível a existência de uma memória fiel pois desde que ela é criada, é sujeita ao esquecimento e ao contexto social e familiar de cada pessoa. Com o passar do tempo vai-se alterando inconscientemente quer uma componente quer outra, estão interligadas.

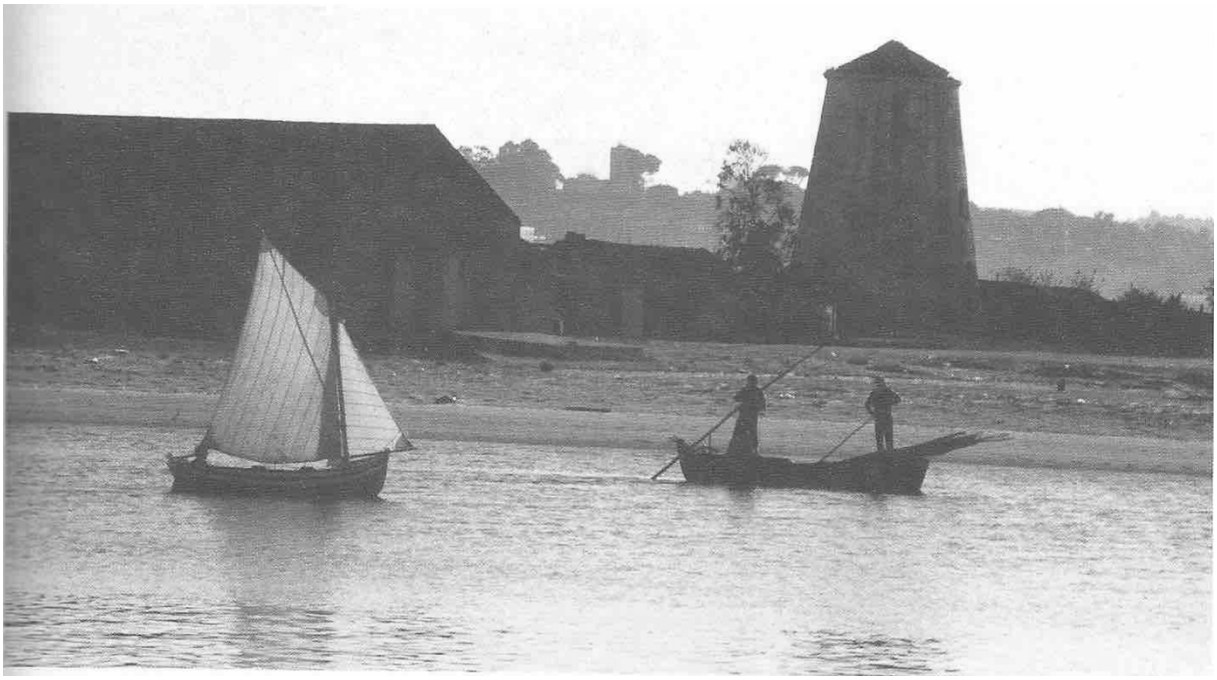
A existência de memórias só acontece se houver uma ação ou uma experiência do indivíduo, ou seja, os aspetos com maior relevância para surgir uma memória é o espaço, lugares arquitetónicos, e o tempo. Os espaços arquitetónicos para obterem uma memória consistem em lugares onde já foram sujeitos ao esquecimento e ou à interpretação do valor do espaço. Desse modo, para obter uma melhor interpretação do valor ou história do lugar existe uma maior necessidade de investigar o que é um "lugar". Com o "tempo" sucede a mesma investigação da sua interpretação. Esta não retrata apenas o "quando" na memória, visto que pode ter sido dado uma maior importância à mesma muito depois do seu acontecimento. Só existe memória porque existiu um passado que influenciou nas decisões presente e que influencia no futuro. Como tal, a memória é um elemento de reforço para compreender o momento presente, com aquilo que já aconteceu, o passado, e o que poderá ainda acontecer no futuro.

A memória pode ser dividida em dois tipos – memória individual e memória coletiva. A memória individual consiste exclusivamente para o indivíduo e a coletiva abrange a um determinado grupo de indivíduos ou ocorrências da sociedade. O ato de memória é uma atividade própria do Homem que consiste em acontecimentos passados que foi sujeito a modificações pessoais em que se inclui o esquecimento em que os fatores tempo e espaço contribuem para tal.



Figura 27 – Memória piscatória do interior da ruína. Fotografia do Autor, 2018

Figura 28 – Ilustração da relação de Alburrica com atividade piscatória



2.3.1 | A MEMÓRIA DE ALBURRICA

Segundo José Pedro Machado no Vocabulário Português de Origem Árabe, 1991, *"Alburrica é um topónimo derivado do árabe Al-Barriqâ com o significado de brilho e esplendor"* que é o que realmente aquele lugar nos transmite quando o vivenciamos. Este lugar representa um conjunto patrimonial histórico de imenso valor para a cidade do Barreiro, desde a pré-história até à atividade proto industrial.

Situada a noroeste do Barreiro e limitada a norte e a Oeste pelo rio Tejo e a Sul pelo rio Coina, com uma morfologia de recorte natural derivado pelos esteiros, que cria uma ligação muito próxima do Homem com o rio. Devido às características do lugar seduziu uma procura da implementação de edificado com funções distintas que atualmente são consideradas património da cidade.

Como anteriormente referido, a ocupação de Alburrica vem desde a pré-história pelas descobertas de espólio arqueológico em Pedra recolhidas por um amador no final da década de 60. Na Idade Média a zona terá sido aproveitada para a criação de salinas e através de documentação referente à reconversão destas em caldeiras para a implementação de moinhos de maré, num total de 4 (CAMARÃO, 2010).

No século XVIII, com o surgimento da proto indústria aparecem os métodos de moagem, descrita como indústria primitiva de caráter artesanal, mais tarde surgem cinco moinhos de vento sendo um novo sistema de moagem.

Na Ponta da Mexilhoeiro com a atividade do tráfego fluvial fez emergir um conjunto patrimonial pertencente à primeira e segunda ponte dos vapores do Tejo e Sado. Os elementos estruturais agora visíveis pertencem à segunda ponte e é constituída por uma série de pilares tipo "duques de Alba" construídos dentro de ensecadeiras e um pontão de pedra aparelhada e material de enchimento que se prolonga na duna concrecionada (CAMARÃO, 2010).

No parque natural de Alburrica, junto dos moinhos de vento existiu um estaleiro de construção naval de média dimensão que laborou até meados do século passado. Existem alguns vestígios das estruturas em forma de palafitas que se situam em frente aos moinhos junto ao areal, que faziam parte da área funcional do estaleiro.

Nesta área observam-se outros elementos patrimoniais da cidade, a Quinta Braamcamp, o objeto de intervenção. Recebeu várias ocupações, uma indústria corticeira, uma referência de produção significativa para economia local, atualmente em ruínas.

A cidade do Barreiro atualmente sofre as consequências de um declínio dos grandes complexos industriais, com o abandono de grandes áreas e na desarticulação da malha urbana. O Barreiro dispõe de uma localização privilegiada central a sul, com espaços vazios para reocupar e uma frente ribeirinha sobre uma das mais belas paisagens sobre a cidade de Lisboa que aumenta a atratividade de investidores privados (AA. VV., 2009).



Figura 29 – Complexo da Quinta Braamcamp e dos moinhos de maré e de vento de Alburrica. Pintura que retrata a época entre os finais do século XIX e início do século XX



(em cima)

Figura 30 – Complexo da Quinta Braamcamp durante o processo de demolição da fábrica de cortiça. 2008

(em baixo)

Figura 31 – Vista do Cristo Rei para Alburrica. Fotografia do Autor, 2019



2.4 | A PAISAGEM

Para o arquiteto o conceito de paisagem corresponde a uma multiplicidade de sentidos vividos num determinado espaço e as várias oportunidades de ação nesse mesmo espaço. Segundo o dicionário Priberam da Língua Portuguesa a paisagem é *"uma extensão de território que se abrange com um lance de vista ou um desenho. quadro. género literário ou trecho que representa ou em que se descreve um sítio campestre"*.

A paisagem pode ser dividida em duas vertentes, numa vertente natural e artificial. A vertente natural trata-se de uma paisagem criada pelos elementos naturais que não sofreram nenhuma alteração pelo ser humano. A paisagem artificial corresponde a um espaço que sofreu alterações do Homem, alterações em relação a elementos construídos, como estradas, casas, indústrias, etc., e elementos naturais que são controlados pelo ser humano como a vegetação, árvores e os próprios cultivos agrícolas. Atualmente a existência de espaços naturais em territórios nacionais ou internacional são praticamente inexistentes, são elementos raros.

A paisagem pode ser representada de maneiras diferentes, a mais comum refere-se à observação, revelando vivências e sentimentos em que o ambiente visto no momento pode ser alterado com a memória experienciada.



Figura 32 – Pessoas sobre o paredão com paisagem sobre a cidade do Barreiro. Barreiro, 1930

Cada indivíduo admira a ambiência da paisagem de maneiras diferentes, percorrendo-a, vivendo-a. A paisagem trata-se de um espaço observado, mas também num espaço vivenciado em que pertence ao observador naquele momento.

Atualmente, existem várias formas de representação da paisagem, que nos podem induzir em erro. Por exemplo, não nos podemos incluir numa paisagem apenas por ouvir a produção do som do vento a atravessar as folhas das árvores pois este pode ser produzido digitalmente e neste caso a paisagem não existe fisicamente. Para termos a certeza se estamos perante uma paisagem, esse lugar tem que ser absorvido por várias características, como a visão, olfato, audição e tato, e se isso acontecer então estamos numa paisagem.

A paisagem é um lugar que contém várias marcas de uma sociedade do ato quotidiano ao longo do tempo e do seu desenvolvimento. Estas marcas visíveis atualmente na paisagem, mas produzidas no passado, deixa-nos entender melhor a sociedade que nela se vive.

Cada indivíduo produz uma imagem que entende como paisagem pois desde crianças criamos uma imagem da paisagem idealizada. Esta paisagem idealizada sofre várias alterações de pessoa para pessoa pois cada um faz uma filtragem diferente do que é a paisagem perfeita e memorizada.

A paisagem é uma obra construída e um espaço pensado pelo Homem em que a própria arquitetura criada altera os sentidos do próprio. Cada árvore, cada caminho criado ou decalcado no terreno ou ambiente criado que nos rodeia influência os nossos sentidos, como os cinco sentidos referidos por Peter Zumthor – *"corpo da arquitetura. compatibilidade material.* som do espaço, temperatura do espaço e a luz nas coisas" (ZUMTHOR, 2006, p.61). Zumthor defende que a arquitetura deve ser criada através dos nossos sentidos de forma a ter impacto não só no aspeto visual, mas também na audição e olfato, pois, *"apreciamos um lugar não apenas pelo impacto que este tem em nosso córtex visual. mas sim pelo jeito que ele é ouvido. sentido e pelo seu cheiro"* (ANDERTON, 1991, p.27)

Cada espaço desenvolvido pelo Homem sofre inúmeras sensações de caso para caso. Como por exemplo, quando se caminha num caminho de alcatrão a sensação que se sente nos pés é muito diferente da sensação que se sente num caminho de paralelo. Uma das sensações que se reconhece imediatamente é o cheiro, pois o cheiro é muito diferente num espaço com uma determinada planta e noutro com árvores. A sensação criada quando estamos numa rua estreita com edifícios elevados é completamente diferente de quando estamos a caminhar numa rua larga.

Figura 33 – Paisagem sobre o rio Tejo e vista sobre Lisboa. Catarina Ramos, 2017



Figura 34 – Paisagem Industrial



Figura 35 – Paisagem natural de Alburrica. Fotografia do Autor, 2019



2.4.1 | PAISAGEM RIBEIRINHA E INDUSTRIAL DO BARREIRO

O rio Tejo corresponde ao maior rio da Península Ibérica com mais de 1000 km de extensão. Este rio nasce em Espanha e desagua no Oceano Atlântico, atravessando, entretanto, por Portugal e nomeadamente pela nossa área de estudo, o que corresponde a uma das principais artérias de água da Península Ibérica. O rio Tejo na Área Metropolitana de Lisboa muitas vezes é considerado mar devido ao seu vasto território, e também é considerado um dos maiores estuários naturais da Europa Ocidental.

Esta reserva natural é marcada com uma grande presença de vida animal e de uma densidade estrutural vegetal, o que torna a área de intervenção ideal em englobar estes elementos do rio, devido ao seu caracter natural, de forma a recriar um novo espaço, quer edificado quer natural, para servir a população. É fundamental assegurar a qualidade deste espaço potencial, que constitui uma mais-valia para a comunidade barreirense e para todo o sistema do Estuário do Tejo do qual é parte integrante.

"Alburrica, a ponta do Mexilhoeiro e a Quinta Braamcamp são parte desse vasto e marcante recorte da crosta terrestre que configura um dos mais vastos estuários do mundo e o segundo maior da europa, com um desenho natural e uma variabilidade de paisagens que envolvem o seu perímetro, de tal forma variadas e ricas, que o podem classificar como único na sua complexidade e oferta de condições para a instalação e para a atividade humanas."(NEVES E VEIGA, 2013, p.41).

A área de Alburrica corresponde a um elemento de património natural de grande valor ambiental devido à capacidade de gerar vida de forma variada, albergando nas suas águas nutrientes e animais de vários territórios como também de águas salgadas e doce.

O rio Tejo atualmente está a passar por um processo de melhoria de qualidade, em termos de água, fauna e a flora, solos e do ar, devendo-se à desindustrialização apesar de continuar com um elevado nível de poluição no seu estuário.

O Barreiro para além da paisagem ribeirinha contém também uma imagem muito marcada pelas infraestruturas industriais. Um ambiente caracterizado pelos vazios urbanos, território abandonado no processo de desindustrialização, e edificados de grande valor para a cidade que harmonizam a ambiência do lugar.

Figura 36 – Paisagem industrial vista da cidade do Barreiro. Fotografia do Autor, 2019



Figura 37 - Planta batimétrico do estuário do Tejo.
Elaborado pelo Autor, 2019




N
5m
30m
0
5 km

2.5 | SÍNTESE

Com o decorrer das implantações das indústrias, as cidades sofreram modificações profundas nas suas malhas urbanas transformando as suas paisagens em estruturas em altura como as chaminés.

A cidade do Barreiro não foi uma exceção em relação à vinda das indústrias para o seu território desenvolvendo a mesma em termos de infraestruturas viárias e de habitação para servir a sua população.

O fim da atividade industrial, deixou as estruturas e as infraestruturas na cidade deixa num rasto marcante por todo o território, existindo vários terrenos vazios e outros nos quais permanece a sua memória. No caso de Alburrica resta um vasto património da cidade como a presença dos moinhos de maré e de vento, como os bairros operários no Barreiro Antigo.

Nos dias de hoje observa-se uma paisagem vazia e desqualificada quase em todo o seu território, um ambiente marcado pelos vazios urbanos e pela desarticulação entre várias partes da cidade. A revolução industrial e a atividade industrial provocou a poluição no estuário do Tejo tornando as suas margens pouco vividas e utilizadas.

Em suma, a atividade industrial foi uma grande oportunidade de desenvolvimento da cidade do Barreiro, mas a sua desindustrialização provocou vários problemas a nível ambiental, social e económico.



Figura 38 – Alçado principal do Moritzburg Museum. Halle

03 | PROJETOS DE REFERÊNCIA

No capítulo de projetos de referência pretende-se justificar os anteriores conceitos investigados, de forma a fundamentar a realização do projeto em desenvolvimento.

Cada projeto de referência apresentada neste capítulo difere entre si a nível de especificidade estando interligadas de forma a desenvolver o projeto final de mestrado. A escolha de cada projeto de referência teve em causa a sua escala, enquadramento paisagístico e a materialidade que vão ao encontro da componente pratica do projeto final de mestrado.

São apresentados sete projetos de referência, cada um com as suas especificidades, que têm como função a regeneração do território, reabilitação de edifícios preexistentes e de edifícios contemporâneos. A reabilitação de edifícios foca-se na reconversão de edifícios em ruína de carater industrial, com o intuito de regenerar tecidos urbanos, conferindo às cidades novas paisagens, preservando assim as identidades e memórias. O de edifícios contemporâneos pretende-se analisar e entender a exploração dos espaços, das formas e das materialidades. Os projetos de referência da regeneração do território têm como finalidade entender de que maneira pode-se regenerar um território sem ter que intervir no mesmo de forma maciça. O projeto Ribeira das Naus encontra-se presente como projeto de referência como solução na regeneração do território, como o parque Quzhou Luming e o development banks of the Meurthe. Os projetos referentes à reabilitação de edifícios são o do Moriztburg Museum e o Glass Courtyard. Por último, os projetos de referência de edifícios contemporâneos é o Centro de Alto Rendimento de Remo do Pocinho e o Finlandia Hall.

Estes projetos de referência têm como principal finalidade a perceção do equipamento e a regeneração do território, de modo a estabelecer uma ligação entre área de estudo, neste caso Alburrica, com os edifícios da Quinta Braamcamp e do novo equipamento, com a cidade do Barreiro e o rio Tejo.

3.1 | RIBEIRA DAS NAUS, PROAP | Lisboa (Portugal), 2009

A Ribeira das Naus é um projeto desenvolvido pelo atelier PROAP que tem como intenção *"O espaço da Ribeira das Naus é um espaço mítico na identidade nacional e local. Em parte, produzido pelo imaginário colectivo, em parte pela cultura oficial. O mito está ligado à fábrica naval que operou neste lugar, e que terá produzido, ao longo de séculos, embarcações de diversos tipos. O mito articula a certeza da produção das Naus com a possibilidade de estas terem sido protagonistas do movimento de descoberta de rotas universais, e de um primeiro fenómeno de globalização impulsionado por Portugal."*[1].

A arquitetura deste lugar consiste na contraposição de elementos fósseis com elementos contemporâneos, com duplo sentido de revelação dos diversos tempos do mesmo espaço, cultura do espaço da cidade, e de ação na utilização do espaço público

Esta intervenção decorreu em duas fases, a primeira fase foi a requalificação das infraestruturas, tais como o avanço das margens, constituído pela escadaria ribeirinha, e o espaço público de ligação da praça do Comércio ao largo do Corpo Santo e o pontão das Agências. Por fim nesta fase a construção da nova avenida Ribeira das Naus.

Na segunda fase foi uma fase de recuperação dos elementos existentes na área de intervenção, como a recuperação da Doca seca e da reposição da antiga doca da Caldeirinha. Em último a construção de um novo jardim, que recria as rampas de varadouro, assinalando assim antiga linha da costa que permite a contemplação e o repouso sobre o rio.[2]

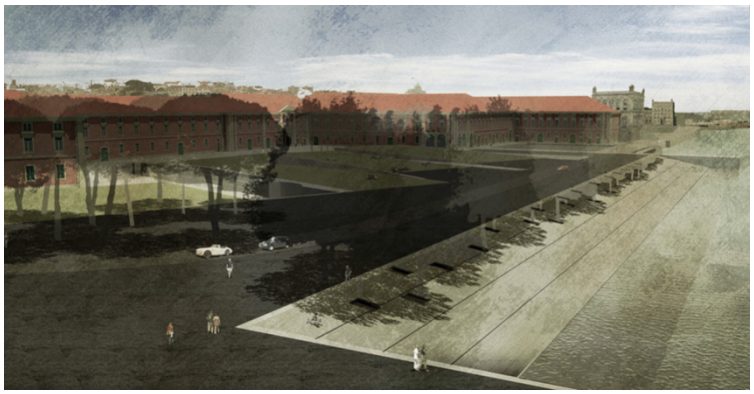
Pretende-se transportar a linguagem que este projeto nos apresenta, uma vez que as duas zonas em estudo são semelhantes: uma frente ribeirinha num espaço que outrora fora muito importante para a cidade e onde se criam espaços de contemplação do rio e de convivência entre as pessoas.

[1] PROPA - http://www.proap.pt/pt-pt/projecto/requalificacao-do-espaco-publico-da-ribeira-das-naus/
[2] CML - http://www.cm-lisboa.pt/noticias/detalhe/article/ribeira-das-naus-um-novo-espaco



Figura 39 – Relação dos elementos reabilitados com o espaço público. Ribeira das Naus, Lisboa. PROAP, 2009

Figura 40 – Fase de elaboração do espaço público da ribeira das naus. Ribeira das Naus, Lisboa. PROAP, 2009



(em baixo)

Figura 41 – Relação do passeio marítimo com o rio Tejo e a paisagem. Ribeira das Naus, Lisboa. PROAP, 2009





Figura 42 – Identificação da baixa inclinação, de forma a ser acessível por todas as pessoas. Ribeira das Naus, Lisboa. PROAP, 2009



Figura 43 – Possibilidade de aproximação e contato com água. Ribeira das Naus, Lisboa. PROAP, 2009

(em baixo)

Figura 44 – Fase demonstrativa do projeto na continuação do paredão sobre o rio Tejo. Ribeira das Naus, Lisboa. PROAP, 2009





Figura 45 – Relação do passeio com a rampa de acesso ao rio. Ribeira das Naus, Lisboa. PROAP, 2009



Figura 46 – Praça com vista sobre o rio Tejo tendo como horizonte a outra margem do rio. Ribeira das Naus, Lisboa. PROAP, 2009

(em baixo)

Figura 47 – Reabilitação do espaço do cais naval. Ribeira das Naus, Lisboa. PROAP, 2009



3.2 | MORITZBURG MUSEUM, NIETO SOBEJANO ARQUITECTOS | Halle (Alemanha), 2008

O museu de Moritzburgo é um projeto realizado pelo atelier Nieto Sobejano Arquitectos que se baseia numa ideia arquitetónica única e clara. Envolve um telhado, concebido como uma grande plataforma dobrada, que se eleva e se quebra para permitir a entrada de luz natural, e a partir do qual as novas áreas de exposição ficam suspensas. O resultado desta ideia é libertar completamente o piso da antiga ruína, proporcionando um espaço único que permite uma vasta de possibilidades de exposição.

"O nosso projeto de transformação do Castelo de Moritzburg colocou uma questão: é possível reconstruir. a partir das representações do próprio lugar. uma arquitetura que se conecta simbolicamente com o passado e revela sua condição contemporânea de recompor a realidade?".[3]

A proposta arquitetónica surgiu então de uma intuição que marca todas as decisões posteriores: um novo teto concebido como uma plataforma grande e dobrada, que sobe e se dobra para emitir luz natural, e da qual dois novos espaços expositivos se encontram.

Esta proposta liberta a ala ocidental da presença da antiga ruína, que permite a recriação de um espaço único em grande escala, sem colunas, e oferecendo diferentes oportunidades de exposição.

Este projeto demonstra soluções de englobar o edifício antigo com o contemporâneo sem nunca perder a sua identidade original. Apesar das várias alterações ao longo do tempo sofridas manteve a sua estrutura original e consequentemente as suas características arquitetónicas.

Esta linguagem e visão de projeto aqui apresentadas transportam para o projeto final de mestrado em que se pretende que permaneçam as características arquitetónicas originais, de modo a evocar a memória da Quinta Braamcamp, e incorporando elementos contemporâneos, de forma a valorizar ainda mais o sentido de património e reocupando-o com uma nova função.

[3] NIETO SOBEJANO - http://www.nietosobejano.com/project.aspx?i=2&t=MORITZBURG_MUSEUM



Figura 48 – Relação do elemento preexistente com o elemento contemporâneo. Moritzburg Museum, Halle. Nieto Sobejano Arquitectos, 2008

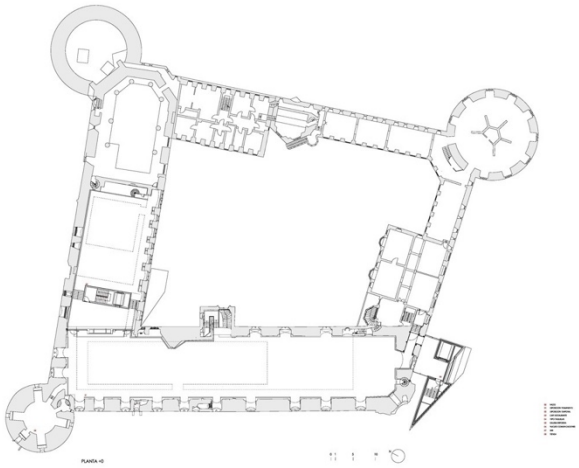


Figura 49 – Planta do piso 0. Moritzburg Museum, Halle. Nieto Sobejano Arquitectos, 2008

(em baixo)

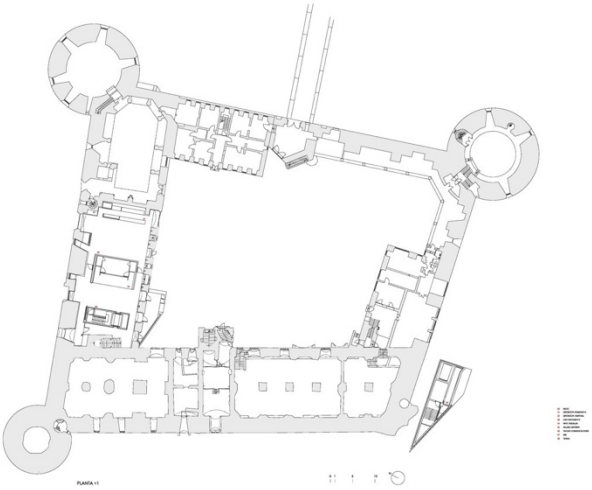


Figura 50 – Planta do piso 1. Moritzburg Museum, Halle. Nieto Sobejano Arquitectos, 2008

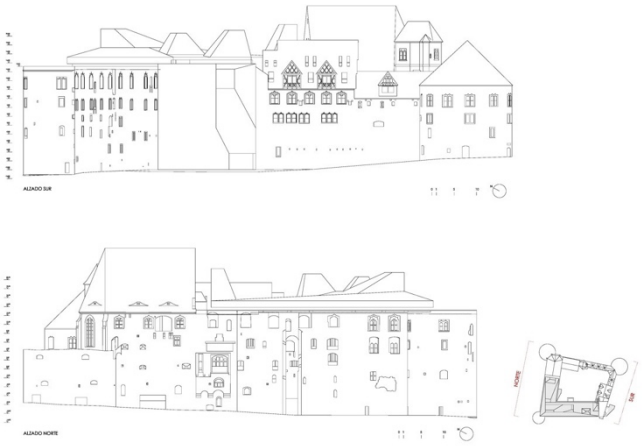


Figura 51 – Relação entre antigo e novo. Moritzburg Museum, Halle. Nieto Sobejano Arquitectos, 2008

Figura 52 – Secção demonstrativa da relação entre o novo e o preexistente. Moritzburg Museum, Halle. Nieto Sobejano Arquitectos, 2008

(em baixo)

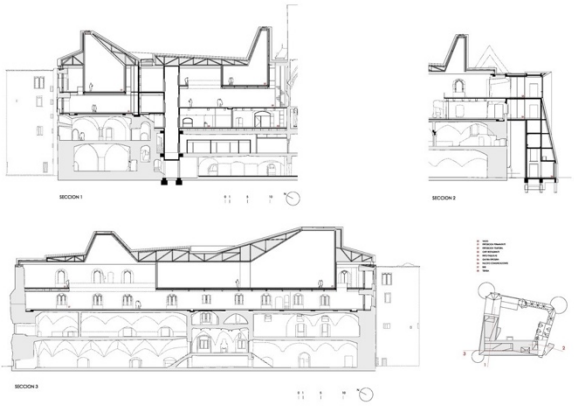


Figura 53 – Vista aérea do enquadramento com a paisagem. Moritzburg Museum, Halle. Nieto Sobejano Arquitectos, 2008



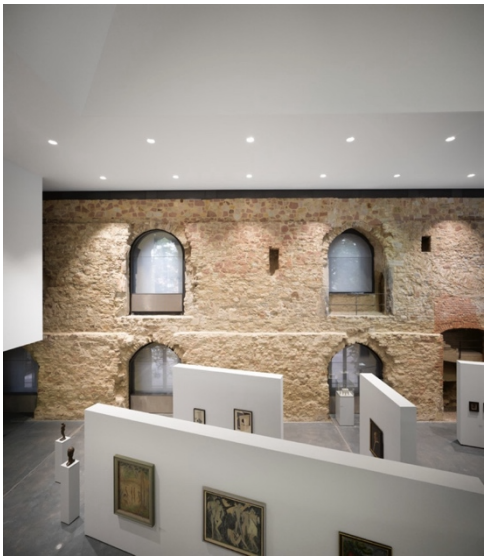


Figura 54 – Detalhe do afastamento entre o piso superior e a ruína. Moritzburg Museum, Halle. Nieto Sobejano Arquitectos, 2008

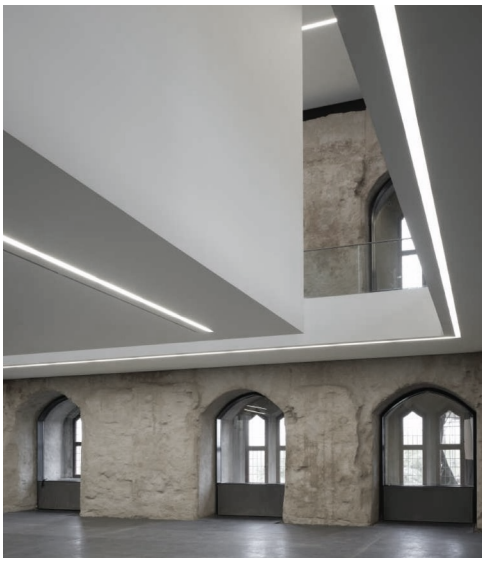


Figura 55 – Relação do piso inferior com o piso superior. Moritzburg Museum, Halle. Nieto Sobejano Arquitectos, 2008

(em baixo)

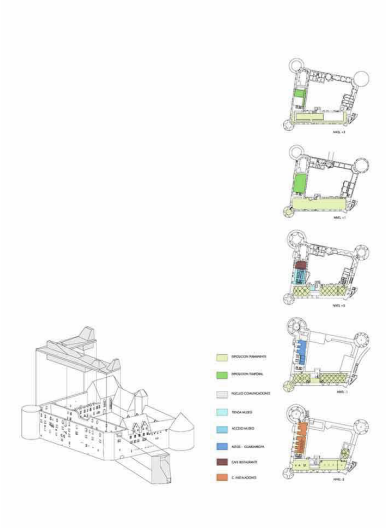


Figura 56 – Axonometria explodida das várias funções do edifício. Moritzburg Museum, Halle. Nieto Sobejano Arquitectos, 2008

3.3 | DEVELOPMENT BANKS OF THE MEURTHE, ATELIER CITE ARCHITECTURE | Raon-l'Étape, Voges (França), 2012

Este projeto de referência foi desenvolvido pelo atelier Cite arquitetura com intuito de responder a certas questões sobre características especificas de uma certa área, garantindo a proteção do património cultural da mesma, mas também pode ser usada como base para uma nova paisagem. Tem como incentivo o desenvolvimento e aperfeiçoamento das ligações entre a cidade do futuro e o património cultural.

"O desenvolvimento proposto encaixa-se na geografia da cidade destacando com economia de efeitos a especificidade de lugares e ambientes".[4]

Este projeto foi concebido para respeitar o conceito de sustentabilidade que facilita a expansão futura da área. A gestão cuidada da vegetação da margem do rio estabiliza a mesma, limitando a erosão, como o uso de materiais, tais como postes de madeira com um baixo impacto ambiental, e permitindo a diversificação da flora em locais específicos. A introdução de caminhos suaves para reforçar os elos e a inscrição dos bancos nas práticas dos habitantes. Existe ainda uma praia para promover o desenvolvimento de atividades de lazer e recreativos, enquanto desenvolveram áreas inundáveis.

O aspeto minimalismo é intencional que leva a limitação de iluminação em certos lugares e a aceitação desses pontos mais escuros, como por exemplo no rio Meurthe permanece escuro para refletir as luzes como espelho.

Este projeto é utilizado devido a ter um impacto ambiental baixo pela forma de construção das suas estruturas e consegue-se grandes vãos sem que obstruam o campo de visão do utilizador, de forma poder contemplar a natureza e a paisagem.

[4] CITE ARCHITECTURE - http://www.citearchitecture.fr/projects/raon-tranche2/

Figura 57 – Relação da plataforma com o passeio. Development banques of the Meurthe, Raon-l'Étape. Cite Architecture, 2012



(em baixo)

Figura 58 – Enquadramento dos passadiços na envolvente. Development banques of the Meurthe, Raon-l'Étape. Cite Architecture, 2012



Figura 59 – Enquadramento do passadiço no verde. Development banques of the Meurthe, Raon-l'Étape. Cite Architecture, 2012





3.4 | CENTRO DE ALTO RENDIMENTO DE REMO DO POCINHO, ÁLVARO FERNANDES ANDRADE | Vila Nova de Foz Côa (Portugal), 2008

O centro de alto rendimento de remo do Pocinho foi realizado pelo arquiteto Álvaro Fernandes Andrade onde as principais estratégias deste projeto consistem em conciliar o equipamento com o meio que o rodeia, criando diferentes pontos de vista marcantes no edifício para a vizinhança e utilizando a topografia do terreno para inserir o edifício.

"E aqui ele cruza-se com uma derivada direta de particular relevância... a História. Da Geral. a várias das particulares. com destaque para a Arquitetura. Ainda mais. acrescente-se. nas relativas proximidades de dois Patrimónios Munidiais da UNESCO: os registos arqueológicos do Vale do Côa e. em particular. do vale fluvial vinhateiro da Região do Alto Douro".[5]

Construído sobre a paisagem das grandes quintas de produção vinícola, formalmente complexos e volumetricamente diversos, resultante de uma construção ao longo do tempo, devido a reformulação das exigências da atividade agrícola. O arquiteto tem o cuidado de na zona dos quartos, como ser uma área de longos tempos de permanência, a "pele" do edifício encosta-se, semienterra-se no terreno. Para além desta particularidade de a fachada se encostar ao terreno, usa também coberturas verdes para reforçar o isolamento, de forma a procurar a gestão da inércia térmica.

O principal objetivo desta referência para o projeto de final de mestrado abrange a relação da paisagem com a funcionalidade do objeto, de forma a criar diversos pontos de vista para pontos marcantes da paisagem envolvente, como uma das mais belas paisagens sobre a cidade de Lisboa e pela paisagem industrial do Barreiro que tanto ofereceu à região. Para além de ter uma relação com a envolvente, o cuidado de criar um edifício eficiente é um ponto a tirar partido, de forma a criar um edifício sustentável integrando assim com o seu local de intervenção.

[5] ÁLVARO FERNANDES - http://www.car-pocinho.pt/index.php/pt/o-car-2/car/arquitetura



Figura 60 – Detalhe do afastamento entre o vão e abertura na fachada. Centro de Alto Rendimento de Remo do Pocinho, Vila Nova de Foz Côa. Álvaro Fernandes Andrade, 2008

Figura 61 – Enquadramento do equipamento na paisagem. Centro de Alto Rendimento de Remo do Pocinho, Vila Nova de Foz Côa. Álvaro Fernandes Andrade, 2008

(canto inferior direito)

Figura 62 – Direção do campo de visão sobre a paisagem. Centro de Alto Rendimento de Remo do Pocinho, Vila Nova de Foz Côa. Álvaro Fernandes Andrade, 2008







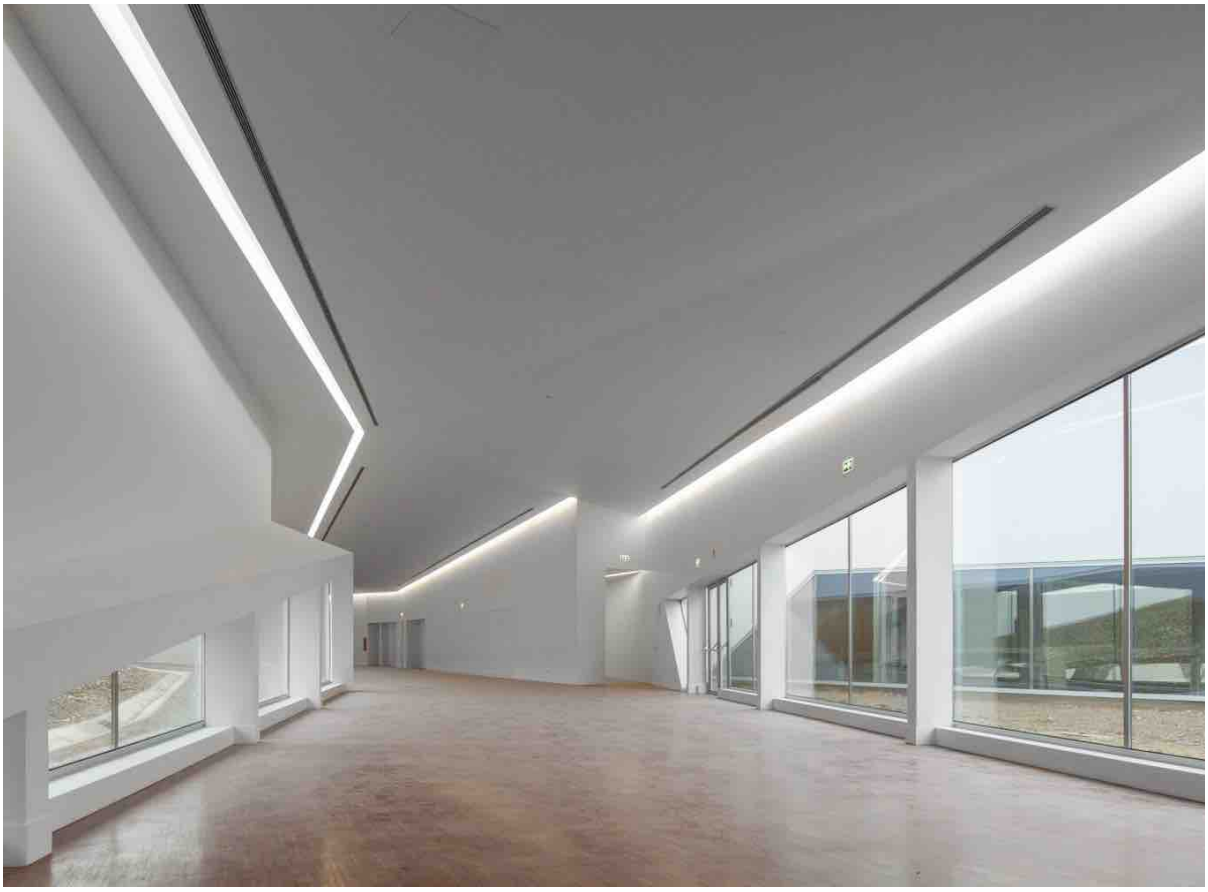
Figura 63 – Detalhe do afastamento entre o vão e abertura na fachada. Centro de Alto Rendimento de Remo do Pocinho, Vila Nova de Foz Côa. Álvaro Fernandes Andrade, 2008

(em baixo)

Figura 64 – Grande entrada de luz natural no espaço interior. Centro de Alto Rendimento de Remo do Pocinho, Vila Nova de Foz Côa. Álvaro Fernandes Andrade, 2008

(página oposta)

Figura 65 – Relação de vários tipos materiais. Centro de Alto Rendimento de Remo do Pocinho, Vila Nova de Foz Côa. Álvaro Fernandes Andrade, 2008





3.5 | GLASS COURTYARD, JEWISH MUSEUM, REESE ARCHITEKTEN | Berlim (Alemanha), 2007

A Glass Courtyard foi projetada em conjunto entre o Studio Libeskind com o atelier Reese Architekten, em que o Jewish Musuem necessitava de um espaço multifuncional que proporcionasse espaço adicional para o restaurante do museu e que possibilitasse a ampliação do saguão para fornecer espaço para eventos, para palestras e jantares. A arquitetura distinta da adição cria um espaço que pode ser usado durante todo o ano, preservando as qualidades do pátio do edifício barroco. Dentro das colunas que sustentam o telhado, há um sistema de som sofisticado e dentro do próprio recinto, um palco se eleva do subsolo.[6]

O novo edifício é inspirado nas cabanas Sukkah que são usadas para reuniões durante a festa judaica de Sucot. A extensão tem um telhado de vidro transparente e paredes de cortina que oferecem vistas desobstruídas do jardim. No verão, portas deslizantes podem ser abertas ao longo da elevação frontal inferior para transformar o pátio em um espaço ao ar livre

Este sistema construtivo através de cortinas de vidro proporciona um grande impacto na relação do interior/exterior, que se pretende introduzir no projeto, de forma a criar uma relação entre o edificado e Alburrica e o rio Tejo. Outro elemento a ter em conta neste caso de referência é a materialidade, mais uma vez um material leve, o aço, de maneira a não danificar o espaço natural que Alburrica nos oferece. Por último, esta estrutura surge como uma possibilidade de extensão de espaço que não exista e que possa ser introduzida.

[6] REESE ARCHITEKTEN - https://libeskind.com/work/glass-courtyard/



Figura 66 – Relação da estrutura metálica com fachada de alvenaria. Glass Courtyard, Berlim. Reese Architekten, 2007

(em baixo)

Figura 67 –Composição da estrutura envidraçada. Glass Courtyard, Berlim. Reese



Figura 68 – Ambiência sentida durante o dia. Glass Courtyard, Berlim. Reese Architekten, 2007



Figura 69 – Ambiência sentida durante a noite. Glass Courtyard, Berlim. Reese Architekten, 2007



3.6 | PARQUE QUZHOU LUMING, TURENSCAPE | Quzhou (China), 2010

O parque Quzhou Luming projetado pelo atelier Turenscape tem como objetivo transformar a zona húmida moribunda em uma "esponja verde" – um parque urbano de águas pluviais, que não apenas resgataria a área húmida em extinção, mas também forneceria múltiplos serviços ecossitêmicos para a nova comunidade urbana. As soluções incluem o uso de técnicas simples de corte e preenchimento para criar um colar de lagoas e montes ao redor da antiga área húmida., o anel da lagoa e montículo que circunda a periferia da zona húmida cria uma zona de filtragem e limpeza de águas pluviais para a zona húmida central e um filtro de paisagem acolhedor entre a natureza e a cidade. A água da chuva da área urbana recém-construída é coletada em um tubo em torno da circunferência da zona húmida e, em seguida, é distribuída na área húmida após ser filtrada e depositada através das lagoas.[7]

Este projeto é utilizado como um projeto de referência devido às soluções apresentadas na ocupação do solo, neste caso elevado e construído com materiais leves, como a madeira e aço. Esta solução que os Turenscape apresentam, consiste num parque urbano de águas pluviais, que não apenas recuperavam a zona húmida em extinção, como também a parte central da área húmida existente que mantiveram intacta para os processos naturais se desenvolverem. Logo, ao requalificar o espaço natural e os recursos hídricos criaram uma ligação natural entre o ambiente e a cidade.

Esta conceção apresentada representa o mesmo fio condutor que se pretende instaurar no projeto em estudo, de modo a que o território de Alburrica, ou seja, a paisagem natural e industrial existente se mantenha intacta, criando ligações naturais através dos elementos edificados, Os espaços de contemplação são colocados nas lagoas para permitir que as pessoas tenham contato próximo com a natureza, conectando os espaços verdes com o rio e com a malha urbana.

[7] TURENSCAPE - https://www.turenscape.com/en/project/detail/4646.html



Figura 70 – Vegetação natural intacta. Parque Quzhou Luming, Quzhou.. Turenscape, 2010

(em baixo)

Figura 71 – Enquadramento do projeto com a paisagem natural. Parque Quzhou Luming, Quzhou.. Turenscape, 2010





(em cima)

Figura 72 – Pontos de vista em cotas superiores. Parque Quzhou Luming, Quzhou.. Turenscape, 2010

Figura 73 – Ligação da cota do passeio com os passadiços. Parque Quzhou Luming, Quzhou.. Turenscape, 2010

(em baixo)

Figura 74 – Vista sobre a paisagem natural relacionando com a cidade. Parque Quzhou Luming, Quzhou.. Turenscape, 2010

(página oposta)

Figura 75 – Relação dos passadiços térreos com os superiores. Parque Quzhou Luming, Quzhou.. Turenscape,









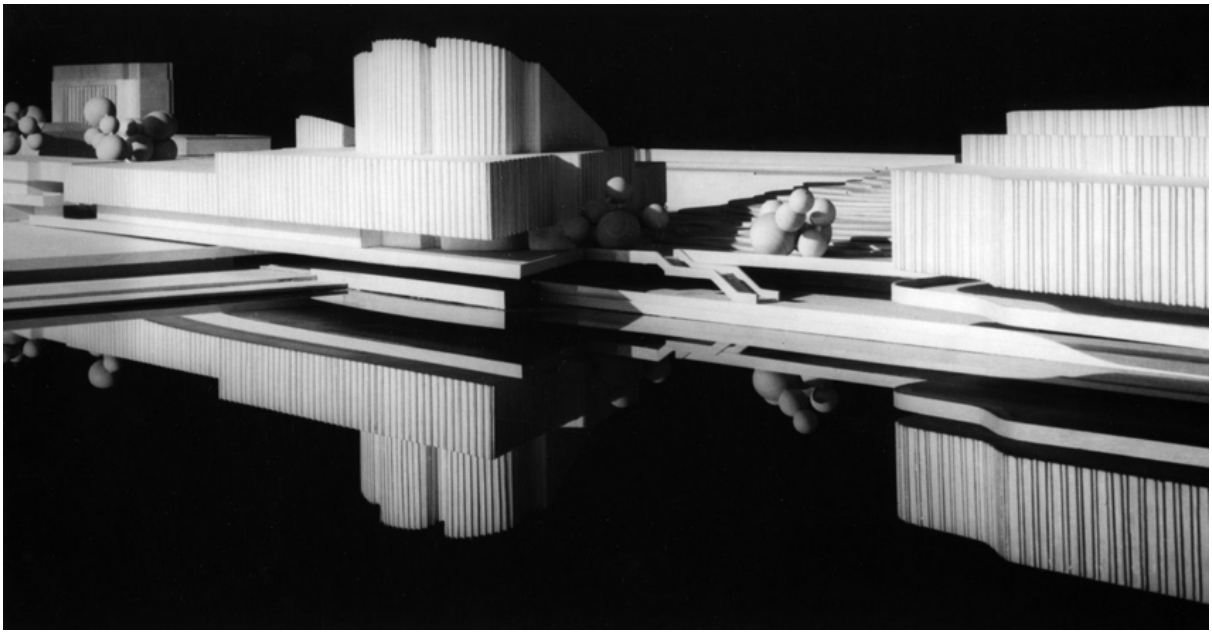
3.7 | FINLANDIA HALL, ALVAR AALTO | Helsínquia (Finlândia), 1971

O projeto de referência *Finlandia Hall* foi projetado pelo arquiteto Alvar Aalto e localiza-se no centro da cidade de Helsínquia. Este edifício foi projetado com a funcionalidade de equipamento de congressos e de concertos. O *Finlandia Hall* foi planeado para ser um dos edifícios culturais em torno da Baía de Töölönlahti.

Este projeto de referência tem características de arquitetura moderna resolvendo assim as questões funcionais. As formas deste edifício têm uma função como por exemplo o volume da sala de concerto dispõe um teto inclinado, de forma a melhorar toda a sala acusticamente. Alvar Aalto utiliza materiais e cores naturais em todo o edifício, de maneira que o equipamento seja refletido na baía realçando este sobre a água e com esta reflexão sobre a baía, o arquiteto consegue fazer com que o edifício se relacione com a envolvente.

O volume mais alto garante a qualidade acústica do auditório de 1700 lugares, este espaço pretende ser íntimo, monumental e informal simultaneamente, de forma a poder albergar todo o tipo de atividades como eventos, concertos, festas ou conferências.

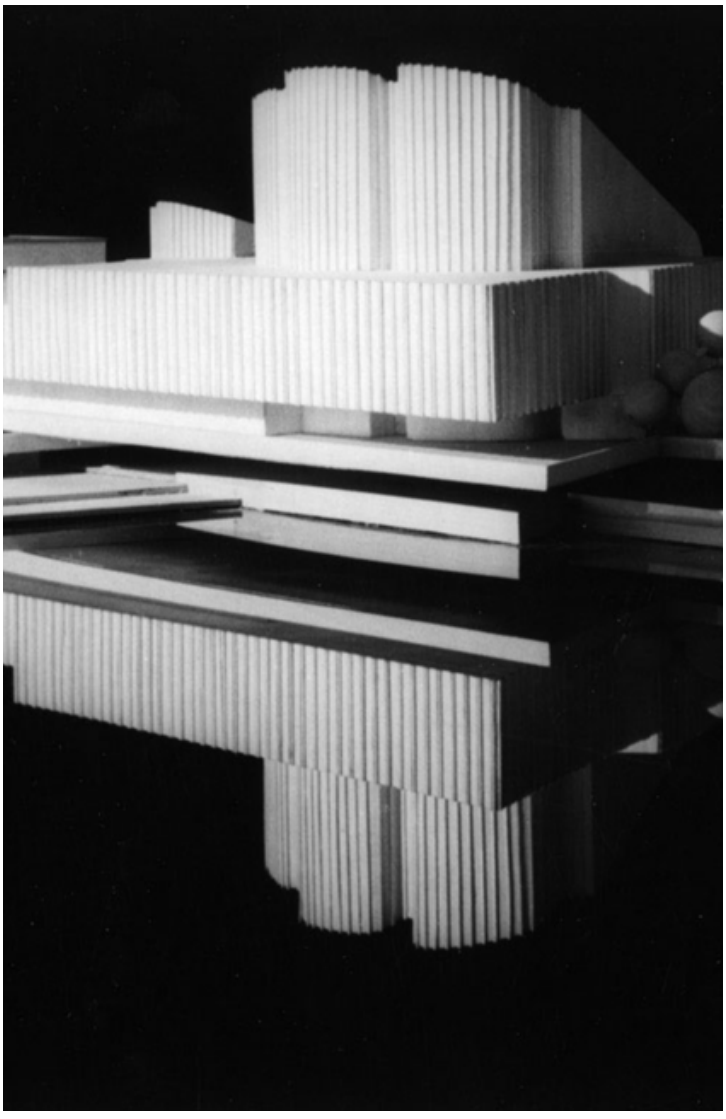
Esta forma de pensar de Alvar Aalto na escolha dos materiais, de maneira a que a fachada seja refletida ou na Baía de Töölönlahti ou num pano envidraçado e para além da forma de projetar a escadaria que antecede o auditório são características a levar para o desenvolvimento do projeto.

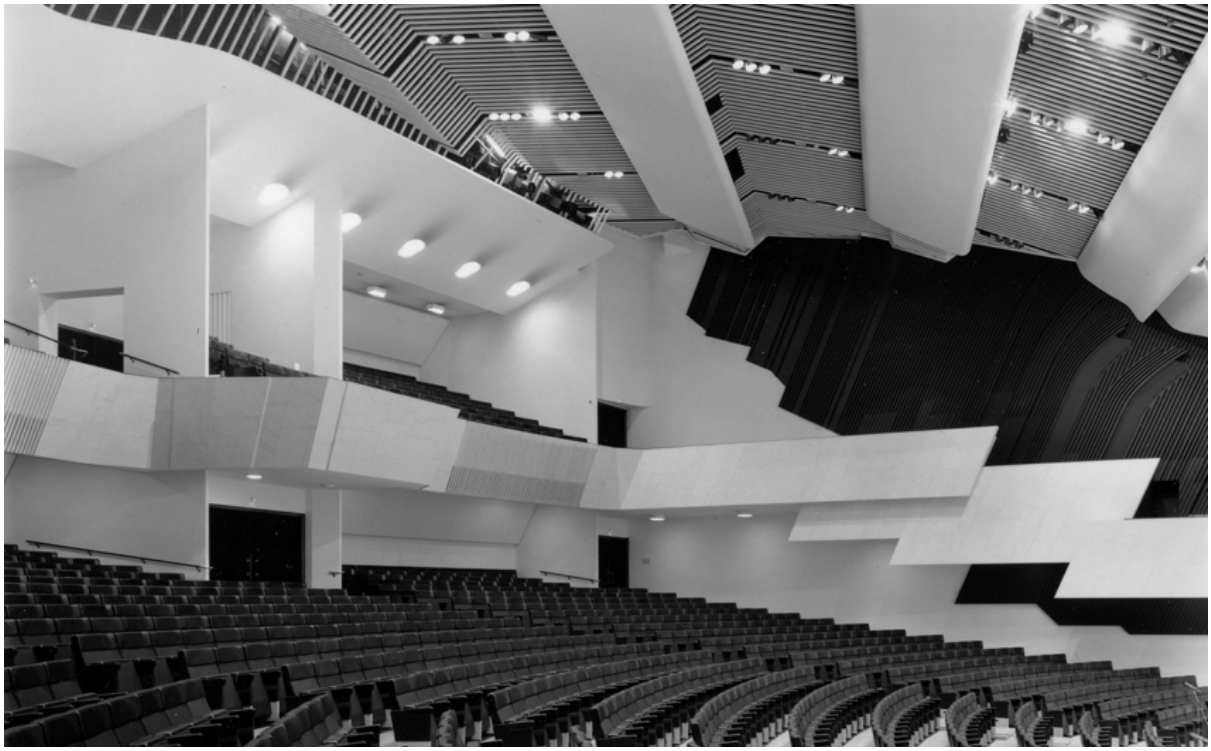


(em cima)

Figura 76 – Maquete do edifício com reflexão do mesmo sobre a água. Finlandia Hall, Helsínquia. Alvar Aalto, 1971

Figura 77 – Detalhe da fachada do núcleo da sala de concertos. Finlandia Hall, Helsínquia. Alvar Aalto, 1971







(em cima)

Figura 78 – Detalhe da cobertura da sala de concerto. Finlandia Hall, Helsínquia. Alvar Aalto, 1971

Figura 79 – Materialidade da fachada. Finlandia Hall, Helsínquia. Alvar Aalto, 1971





(em cima)

Figura 80 – Continuidade de vários elementos sobre a margem da baía Töölönlahti. Finlandia Hall, Helsínquia. Alvar Aalto, 1971

Figura 81 – Aberturas estreitas ao longo da fachada. Finlandia Hall, Helsínquia. Alvar Aalto, 1971



Figura 82 – A existência de vazio na atual implementação da estação fluvial do Barreiro. 1978

04 | O CASO DE ALBURRICA - BARREIRO

4.1 | A EVOLUÇÃO DO LUGAR

O trabalho de projeto final de mestrado tem como área de estudo o Barreiro, mais concretamente Alburrica que se localiza a noroeste do Barreiro. O município do Barreiro localiza-se geograficamente na Área Metropolitana de Lisboa, pertencendo à sub-região da Península de Setúbal e ao distrito de Setúbal. As suas margens são banhadas a norte pelo rio Tejo e a Noroeste pelo rio Coina. A cidade do Barreiro tem cerca de 31,6 km^2 de área territorial, e faz fronteira com os municípios da Moita e Palmela, com Sesimbra e através do rio Coina e do Seixal.

Atualmente o Barreiro está a passar por um processo de reestruturação urbana devido à desindustrialização ocorrida no passado deixando um legado de vários espaços devolutos ao longo da malha urbana.



Figura 83 - Grande concentração urbana. Foto Cor.

Todo este processo de desindustrialização forçou ao abandono das atividades e infraestruturas industriais, devido às crises económicas e políticas. Este processo deixou o Barreiro muito frágil pois eram o motor de desenvolvimento, economicamente e socialmente, da cidade. Hoje, estas infraestruturas industriais na malha urbana constituem barreiras, criando várias ilhas isoladas que dificultam as ligações de vários pontos da cidade, ou seja, dificultando as ligações ribeirinhas com as áreas edificadas e vice-versa. Estas barreiras urbanas são por

exemplo: o complexo da Quimiparque, a linha de caminhos de ferro, as oficinas da CP, Alburrica e a antiga estação de comboios.

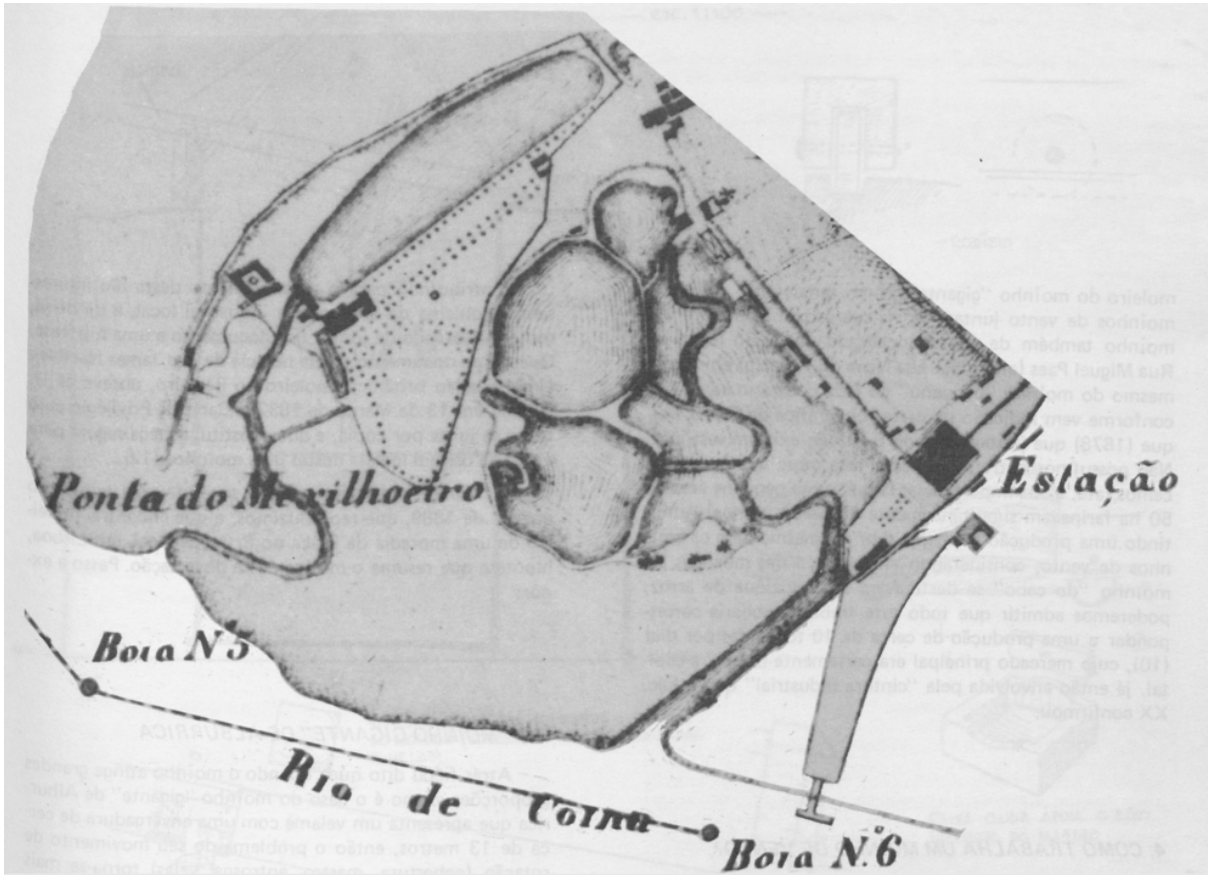
Falando mais concretamente na área de intervenção, Alburrica é um complexo lagunar e fluvial caracterizado pela sua área natural aberta, banhada a norte pelo rio Tejo e a Sul pelo rio Coina, e pelas suas caldeiras que no passado eram salinas.

Esta área foi classificada pelo Plano Diretor Municipal do Barreiro como área verde de recreio e lazer, proteção e enquadramento paisagístico, podendo ser introduzidos equipamentos públicos, na zona da antiga fábrica de cortiça. Considerada como uma área de interesse patrimonial e paisagístico, deverá ser valorizada e cuidada, tanto a nível patrimonial do edificado como o património natural que pertence à Reserva Ecológica Nacional.

Nesta área natural para além da presença dos animais marinhos e das aves, existe uma grande presença da comunidade barreirense, mais concretamente a comunidade piscatória, que utiliza o espaço que Alburrica oferece, de modo a concretizar as suas atividades. Estas comunidades situam-se mais nas margens banhadas pelo rio Tejo, constituídas por sedimentos finos, um solo frágil que com o passar do tempo, devido ao tráfego das embarcações que ligam a cidade do Barreiro à capital, vão criando erosões na costa, e também por causa dos problemas de poluição do Tejo.

Apesar destas contrariedades, Alburrica permanece com uma fauna e flora bem presente, originando um ambiente singular de um sistema natural e edificado privilegiado.

Figura 84 – Alburrica e a Ponta do Mexilhoeiro. 1985



4.2 | O COMPLEXO DA QUINTA BRAAMCAMP

Situada na orla ribeirinha da zona do parque natural de Alburrica-Mexilhoeira no Barreiro, é um complexo rural integrado perfeitamente no contexto urbano, a sua atividade industrial, nomeadamente a indústria corticeira, encerrou recentemente mais concretamente no ano de 2009. A sua localização próxima da água e a criação desta ambiência rural tornam este lugar único na apreciação da paisagem que esta orla nos transmite. Este lugar ao longo da sua história já teve várias ocupações, tais como: atividade moageira e atividade industrial, como a produção de bolachas e cortiça. (NEVES e VEIGA, 2013)

Atualmente encontra-se em ruína, constatando apenas a sua implantação na natureza e sem qualquer uso num futuro próximo. Existe uma grande oportunidade de reabilitação do edificado, de modo, a reviver a sua memória. Destacando-se o seu valor patrimonial para cidade, visto que, outrora foi um complexo que concedeu inúmeras oportunidades de atividade no desenvolvimento do Barreiro. Como consequência disso é demasiado valioso para ser deixado ao abandono e ao esquecimento de forma à perda da memória do lugar.

A Quinta Braamcamp neste lugar assume um papel fundamental em interligar a malha urbana da cidade com o lugar da Alburrica, ou seja, ser o elemento de conexão entre o rural, fluvial e o agroindustrial com o Barreiro.

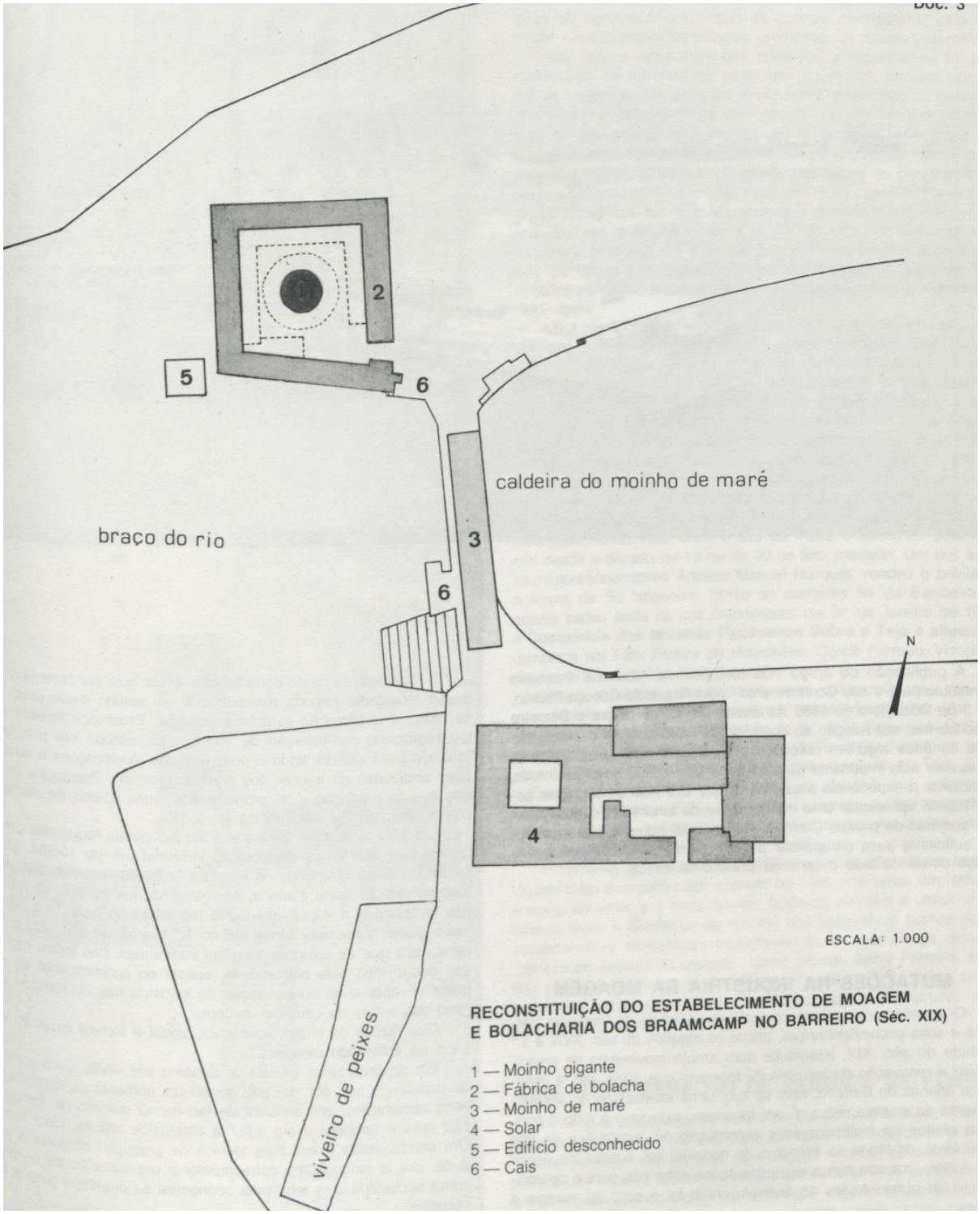
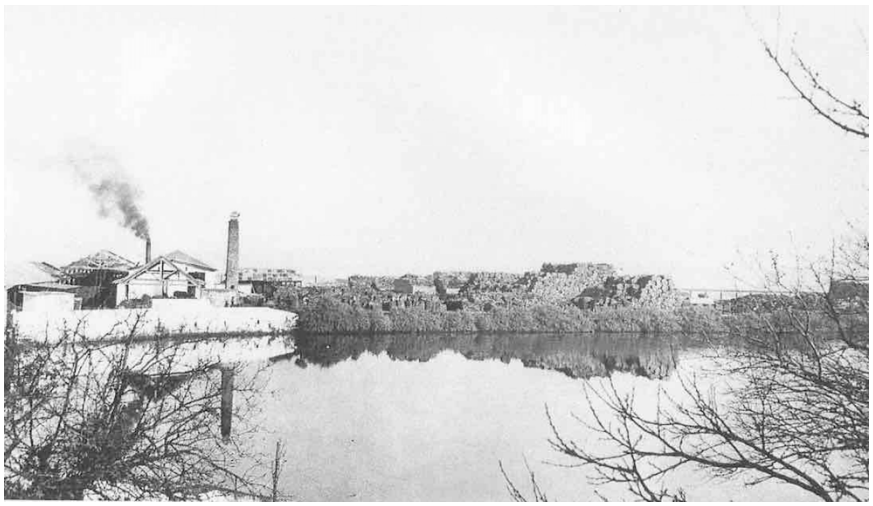
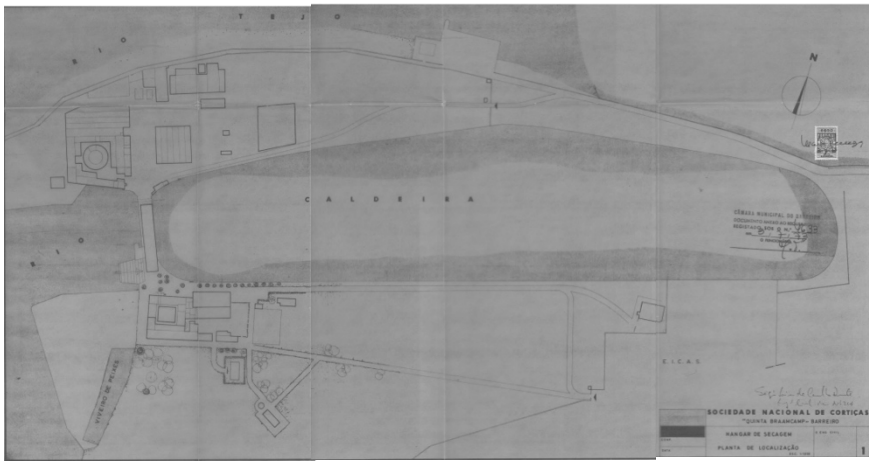


Figura 85 – Complexo da Quinta Braamcamp na 1ª metade do século XIX. 1986







(em cima)

Figura 86 – Quinta Braamcamp com o viveiro de peixes. 1920

Figura 87 – Fábrica de cortiça do Barreiro. 1936

(em baixo)

Figura 88 – Planta do Complexo da Quinta Braamcamp no século XIX

4.3 | A INDÚSTRIA CORTICEIRA NA QUINTA BRAAMCAMP

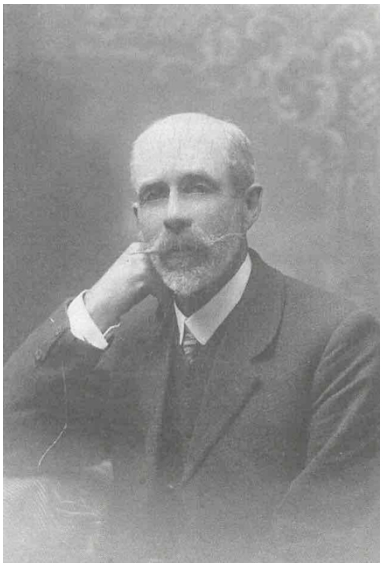


Figura 89 – Robert Hunter Reynolds (1820-1872)

Durante a transição do século XVIII para o XIX, Portugal exportava essencialmente cortiça em bruto para os países importadores de vinho, como a Grã-Bretanha e a Espanha. Enquanto principal interessada, a Grã-Bretanha, concedia aos comerciantes ingleses alojamento em Portugal. Entre eles estavam os Reynolds, provenientes de Maidstone, Kent, região sudoeste da Inglaterra, por Thomas William Reynolds Johnson, o primeiro da família a relacionar-se com Portugal.

Durante a sua estadia, envolveu-se no comércio do vinho e depois na pesquisa de cortiça de alta qualidade para as rolhas, visitou o Alentejo até à Estremadura espanhola. Aliado ao seu filho Robert, comprou e arrendou propriedades de sobreiros. A partir de 1840, os Reynolds enraizaram o seu negócio em terras lusitanas. Ao longo dos anos, com vários sucessos e insucessos, desenvolveram uma base sólida de um grande negócio que, posteriormente, seria a Sociedade Nacional de Cortiças na Quinta Braamcamp.

Em 1882, iniciou-se a transformação de cortiça na Quinta Braamcamp aquando os irmãos Reynolds arrendaram a George Abraham Wheelhouse por 375 mil réis por ano, num período de 5 anos, com a promessa de no fim a comprarem por 3000 libras. Nesse mesmo período, deslocou-se a fábrica de rolhas de Azaruja, no Alentejo, para o Barreiro (CMB, 2015).

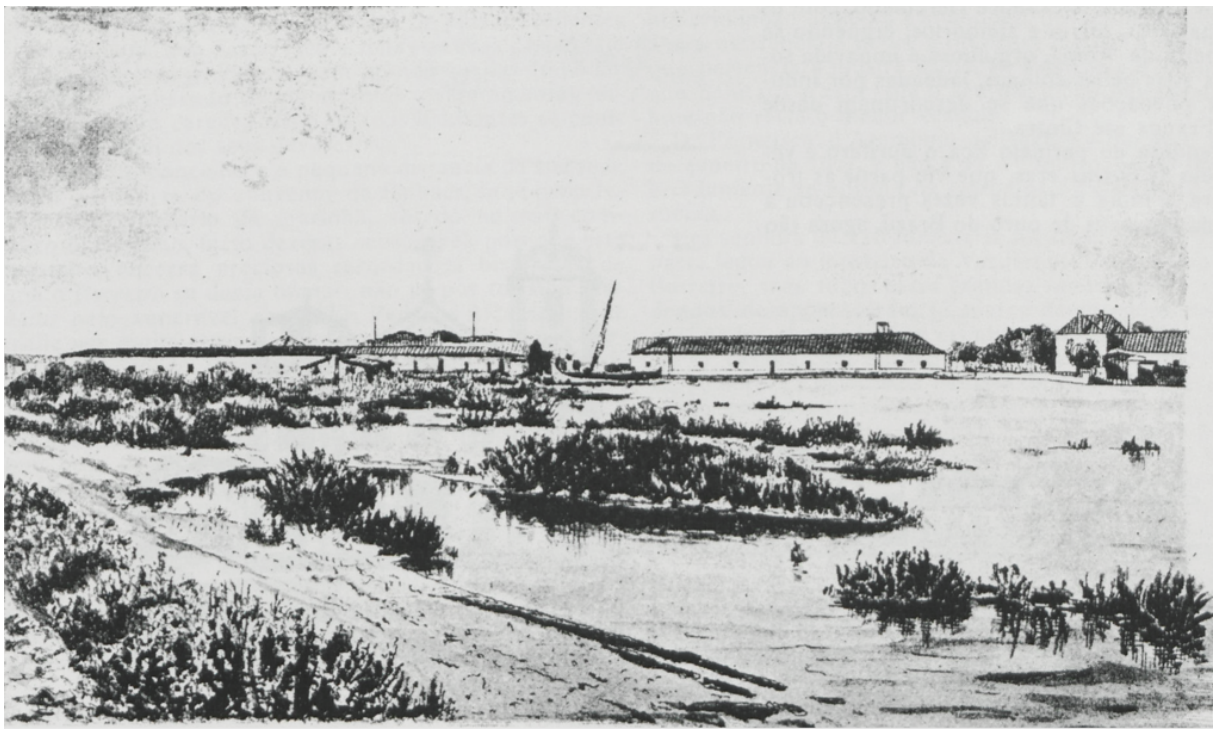
A produção de cortiça a nível nacional é de origem bastante remota, pois os romanos já a utilizavam no formato de rolha para tapar as ânforas e como boias nas redes de pesca. Contudo, é apenas a partir do século XVIII que a indústria rolheira emerge, a par do vinho do porto e representa uma parte da exportação nacional.

A cidade do Barreiro só ganhou visibilidade como local de assentamento industrial, quando se tornou estação terminal do caminho de ferro para a possibilidade de escoamento de mercadorias por via marítima. Com ampliação, em 1889, da linha ferroviária até Faro, tornou-se uma das principais rotas de transporte de mercadorias para um dos principais centros de transformação de cortiça do país, o Barreiro. Com a evolução da indústria no Barreiro, em 1920 existiu

uma evolução do número de trabalhadores, cerca de um milhar, na corticeira que representava 1/3 da população ativa da cidade. Devido à crise de 1929, a "Grande Depressão" resultante das quedas drásticas na produção industrial, a indústria corticeira do local entrou em decadência com a perda dos principais mercados de exportação e, posteriormente, o pós guerra com a substituição das rolhas de cortiça por tampas metálicas e plásticas.

Segundo documentação pertencente ao arquivo da Casa Reynolds, datada em 1882, um dos sobrinhos de Robert Reynolds, Thomas, informa que tenciona continuar os negócios por conta própria e, deste modo passa a residir no Barreiro, na Quinta Braamcamp, onde já se encontrava a transformação de cortiça. No ano seguinte, após residir na quinta, com a chegada da maquinaria vinda da Grã-Bretanha começa o fabrico de pranchas de cortiça (CMB, 2015).

Figura 90 – Fábrica de cortiça de Braamcamp



Com o declínio das exportações de cortiça e conflitos entre os herdeiros, ditou-se o fim do negócio da família, tendo como consequência a segregação da quinta em propriedade industrial e agrícola. A propriedade industrial foi adquirida pela Sociedade Nacional de Cortiças, em 1897, e iniciou a produção de rolhas e produtos provenientes de cortiça. Contudo, alguns membros da família permaneceram a residir na Quinta Braamcamp até 1969, e após essa data os edifícios de habitação são transformados em salas de administração, gabinetes de trabalho e refeitório.

Com a evolução das técnicas de selagem as rolhas de cortiça foram substituídas e tentou-se reinventar a implementação de novos produtos, como produtos de isolamento térmico. Contudo, estes métodos de construção também entraram em declínio e, em 2009, encerrava a última fábrica de cortiça no Barreiro.

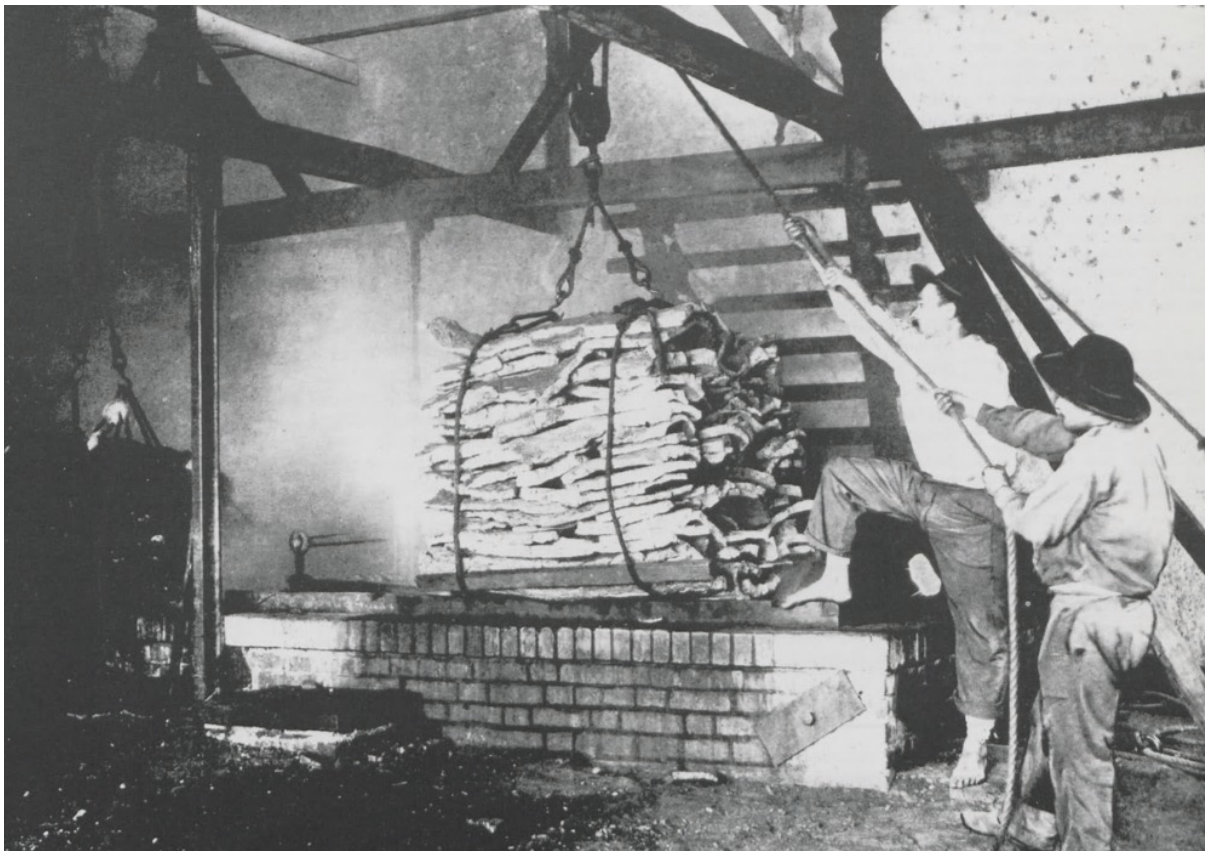
Após o encerramento da fábrica, a propriedade de 21 hectares foi comprada pelo Millennium BCP e, em 2011, ocorreu um incêndio que danificou gravemente o edificado da quinta.



Figura 91 – Fábrica de cortiça do Barreiro. "A sea of cork". 1935

(em baixo)

Figura 92 – A cozer cortiça



4.4 | SÍNTESE

Alburrica foi classificada pelo Plano Diretor Municipal do Barreiro como área verde de recreio e lazer, proteção e enquadramento paisagístico, podendo ainda ser introduzidos equipamentos públicos, na zona da antiga fábrica de cortiça. Além da presença da fauna e da flora existe uma comunidade piscatória que utiliza as margens que são banhadas pelo rio Tejo.

Apesar da poluição do Tejo e do meio ambiente, Alburrica permanece com uma fauna e flora bem presente, originando um ambiente singular de um sistema natural e edificado privilegiado.

A Quinta Braamcamp neste lugar assume um papel fundamental em interligar a malha urbana da cidade com o lugar da Alburrica, ou seja, ser o elemento de conexão entre o rural, fluvial e o agroindustrial com o Barreiro.

A cidade do Barreiro só ganhou visibilidade como local de assentamento industrial, quando se tornou estação terminal do caminho de ferro para a possibilidade de escoamento de mercadorias. A cidade mais tarde transforma-se num dos principais centros de transformação de cortiça do país, evoluindo assim a sua população.

Concluindo, este território tem um elevado potencial de intervenção devido à sua carga histórica e de edificado considerado património para o Barreiro.

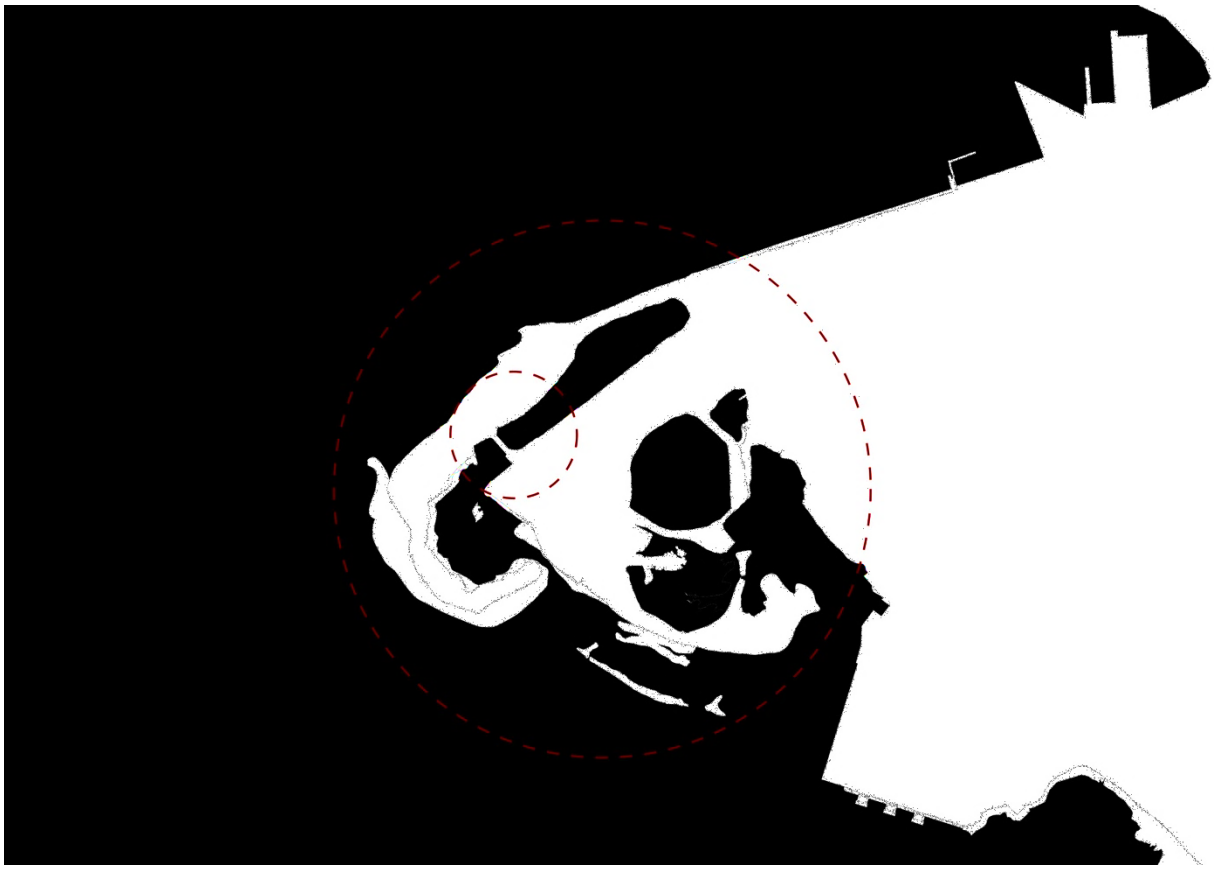


Figura 93 – Localização de Alburrica e da zona de intervenção. Elaborado pelo Autor, 2019

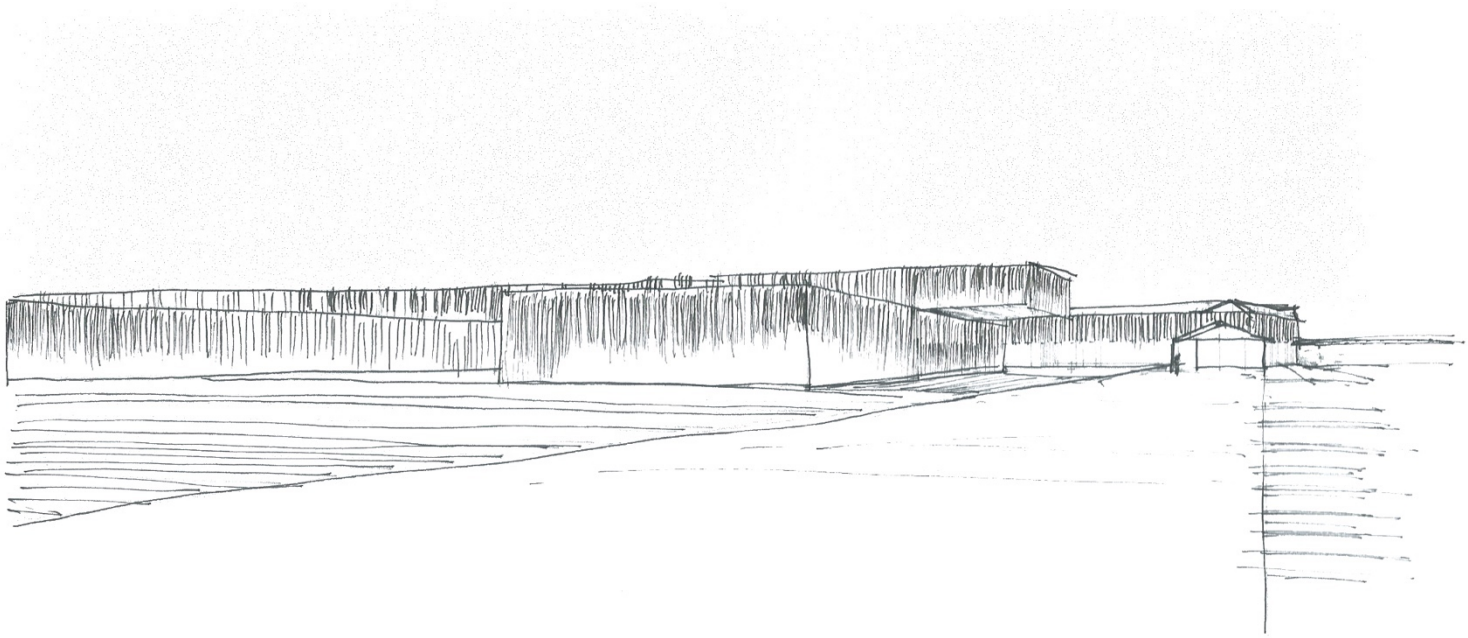


Figura 94 – Proposta volumétrica. Elaborado pelo Autor, 2018

05 | O PATRIMÓNIO ESQUECIDO: EQUIPAMENTO CULTURAL COMO IMPULSO DE DESENVOLVIMENTO DA REGIÃO

A indústria, o património, a memória, a paisagem e a reabilitação foram as palavras chave para iniciar o processo da proposta do Projeto Final de Mestrado. O património retrata a passagem do tempo, que é acompanhado pela memória que o sustenta, sendo através dela que a sociedade se direciona.

Atualmente, a cidade do Barreiro identifica-se como um meio urbano bastante fragmentado devido a inúmeros terrenos abandonados e vazios, causados principalmente pelo fim da indústria. A Quinta Braamcamp é um desses exemplos, tendo como característica principal uma relação com o lugar em que está implantada, devido à remoção dos edifícios de estrutura metálica que haviam existido na zona norte do complexo. Este complexo obtém uma ligação e uma relação com o plano de água, através dos moinhos de maré. O Barreiro tem procurado reaproximar a cidade com o rio tirando partido do enquadramento paisagístico deste local, criando intervenções que promovam a aproximação da população local, mas também é necessário promover espaços para a população visitante.

5.1 | ANÁLISE DOS PLANOS PROPOSTOS NO BARREIRO

Neste subcapítulo dá-se a conhecer dois planos propostos para a cidade do Barreiro, de forma a desenvolver a mesma em termos urbanos. Analisando as formas diferentes de intervir neste território, mais concretamente em Alburrica, dando referência aos objetivos e programas destes dois planos propostos, realçando ainda que são dois planos com uma diferença de cinquenta e cinco anos.

Primeiramente, o *Anteplano de Urbanização de 1957*, de Paulo Cunha, que propunha a expansão da cidade e de um programa dividido em sete áreas.

O segundo exemplo apresentado é o workshop *Estejo*, em 2012, realizado pela Faculdade de Arquitetura e Artes da Universidade Lusíada de Lisboa, propondo funções contrárias, em relação ao anteplano de 1957.

5.1.1 | 1º ANTEPLANO DE URBANIZAÇÃO DE 1957

Como anteriormente referido, este plano propunha a expansão da cidade do Barreiro e a definição de sete áreas de intervenção. Neste plano a linha férrea é o elemento que dividia a cidade em dois grupos, o grupo norte e o grupo sul. O grupo norte inclui o parque natural de Alburrica, o Barreio Antigo e o centro do Barreiro. O grupo sul incluía as zonas da freguesia de Verderena, Alto do Seixalinho e o Lavradio. O primeiro anteplano de 1957 tinha como objetivo criar um desenvolvimento controlado e planeado, distribuindo a sua população pelo concelho.

A zona norte destinava-se ao desenvolvimento de núcleos residenciais em altura. Do lado sul era direcionado para a habitação económica e operária, em que existia um núcleo direcionado para a população do sector primário.

Todo o complexo de Alburrica e a zona poente da cidade era altamente tóxica devido aos fumos das indústrias químicas trazidos através dos ventos.

O programa proposto pelo plano de 1957 para esta zona era a construção de uma vila desportiva integrando com a escola já existente, residências e um núcleo desportivo. Neste plano existia ainda a mobilização do complexo rodoviário e fluvial para o extremo de Alburrica

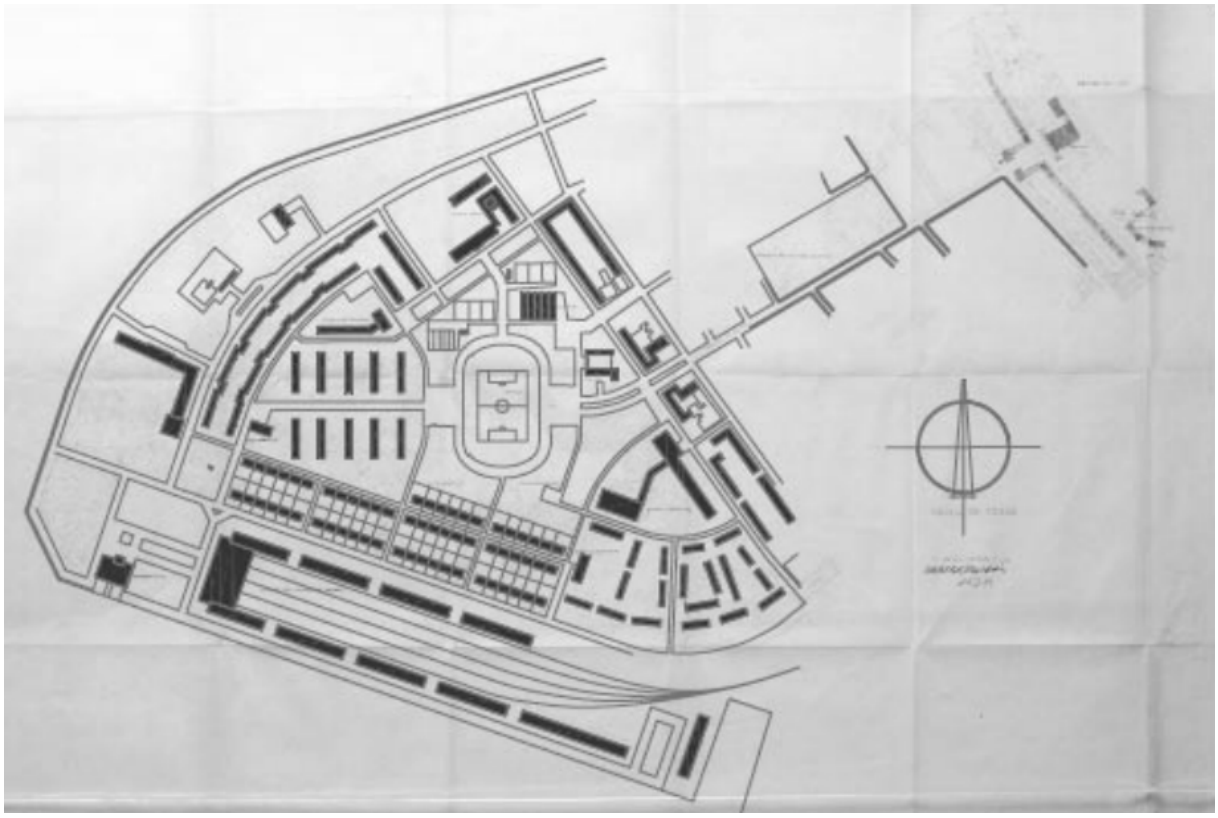
Analisando esta proposta urbana para o Barreiro observa-se a existência de três problemas. Um dos problemas e dos mais graves é a destruição da natureza e do lugar único que este local nos apresenta, com a construção em massa aterrando toda esta área e destruindo uma zona verde que serve a cidade do Barreiro. O segundo problema observado é a destruição do património local eliminando assim a memória e a identidade que foram o impulso para a cidade do Barreiro se desenvolver. E por último, o custo que seria necessário para demolir os edifícios existentes, aterrar os 32 hectares de terreno necessário e a construção dos novos edifícios.



(em cima)

Figura 95 – 1ºAnteplano de Urbanização do Barreiro, 1957

Figura 96 – Proposta de nova localização do estádio do Futebol Clube Barreirense, 1957



5.1.2 | WORKSHOP ESTEJO, 2013

O workshop Estejo realizado pela Faculdade de Arquitetura e Artes da Universidade Lusíada de Lisboa segue em continuidade pelo documento elaborado pela Câmara Municipal do Barreiro reiterando a importância da regeneração do parque natural de Alburrica. Este planeamento urbano apresenta ideias mais racionalistas, pensamento moderno, em comparação com o anteplano de Paulo Cunha.

Ao longo do documento, o workshop demonstrou uma grande preocupação da preservação do património, tanto a nível de edificado como natural. O programa desta proposta procura manter a vivência do lugar mantendo a permeabilidade do solo e a preservação do meio ambiente. Através destas preocupações a nível ambiental propõem a criação de espaço público incorporando melhores acessos a e circulações neste lugar.

As principais preocupações trabalhadas neste workshop foram a Quinta Braamcamp, as lagoas e a orla costeira. Na Quinta Braamcamp propõe-se um Hotel rural com apoio de serviços e comércio. Nas lagoas é proposto a integração de habitações de pequenas dimensões para servir a população piscatória. Na orla costeira pretende-se a sua recuperação, de forma a que haja acesso da praia fluvial para a população.

O *Estejo* demonstra a preocupação de preservação do património da cidade e do seu meio ambiente, pois é um pedaço histórico do Barreiro, em que a sua população a viveu e continua a pertencer à mesma.



Figura 97 – Estudo de requalificação de Alburrica | Barreiro, 2013

5.2 | PROPOSTA URBANA PARA A CIDADE

Ao longo do documento tem sido expostos inúmeros problemas motivadores de diversas soluções que foram pensadas para os resolver. A cidade do Barreiro ao longo dos anos tem vindo a perder independência relativamente à capital, tornando-se numa cidade dormitório. Com a desindustrialização a cidade tem vindo a perder regularmente atratividade e vida, como falta de emprego, défice de equipamentos coletivos, desarticulação de usos urbanos, espaço público desestruturado, etc. Em modo geral, a população está descontente com a ambiência vivida na cidade e a população da faixa etária mais jovem não demonstra positividade na relação ao futuro da cidade.

O processo de desindustrialização originou na cidade inúmeros vazios urbanos e edificados devolutos descaracterizando o Barreiro. Os vazios urbanos podem ser considerados como fraquezas ou oportunidades da regeneração das cidades. Neste caso concreto existe uma possibilidade de implementação de mudanças significativas e criativas, alterando o paradigma de cidade industrial devoluta. Destruindo assim a imagem negativa da cidade requalificando o tecido urbano, de forma, a atrair população jovem para permanecer e construir o futuro na cidade.

Os espaços vazios, deixados pelos edifícios industriais desativados, são grandes oportunidades na criação de emprego, comércio e serviços, projetando-se a requalificação do edificado. Desta forma, o termo de cidade industrial torna-se num bom denominador para a cidade, unindo a memória com a inovação.

No Barreiro existe uma falta de espaços verdes, ciclovias, espaços culturais e de lazer, e a falta de espaços de convívio é bastante notória. Estes elementos são essenciais para que a população possa usufruir de uma cidade, ao invés de procurar outras cidades que possam preencher as necessidades dos cidadãos.

A proposta do plano urbano consiste em interligar os vazios urbanos através do espaço verde como conector da cidade fragmentada e criando ligações para pontos de interesse. Esses pontos de interesse podem ser edifícios marcantes no horizonte da cidade, como praças reabilitadas, equipamentos ou serviços. As ligações entre estes diferentes

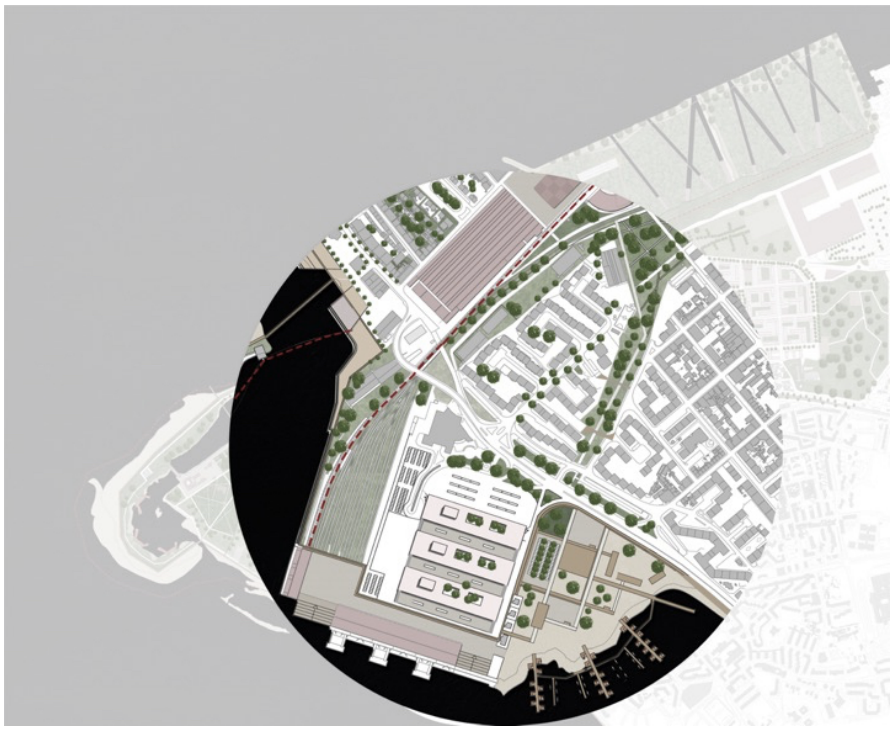
pontos são através dos corredores verdes, urbanos e clicáveis, de modo a privilegiar o peão.

Como premissas para a intervenção da escala do desenho urbano propões: DAR IDENTIDADE aos espaços de lazer e cultural da cidade; DINAMIZAR os espaços públicos e a economia da cidade; REPOPULACIONAR criando novas zonas habitacionais e habitação para os pescadores; ARTICULAR os espaços verdes com as vias pedonais e ciclovias. Após a fase de análise dividiu-se a cidade do Barreiro em quatro áreas: Alburrica, zona dos pescadores, centro da cidade e o complexo da antiga Quimiparque.

ÁREA DOS PESCADORES

Nesta área o desejado é reabilitar o lugar com habitação para os pescadores, uma vez que, a forma de ocupação deste espaço é ilegal e de caracter temporário devido à falta de condições. Na área do *interface* de transportes (fluvial, autocarro e ferroviário) pretende-se desativar a linha ferroviária, transportando a estação terminal para o centro da cidade e promovendo a relação entre este espaço e a linha da água realizada apenas por um meio de transporte mais suave, o elétrico. Neste mesmo espaço propõe-se a construção de um parque de estacionamento subterrâneo, de modo, a criar espaço de estar e de lazer para o usufruto da população.

Figura 98 – Proposta urbana da zona dos pescadores. Elaborado pelo grupo de trabalho, 2017

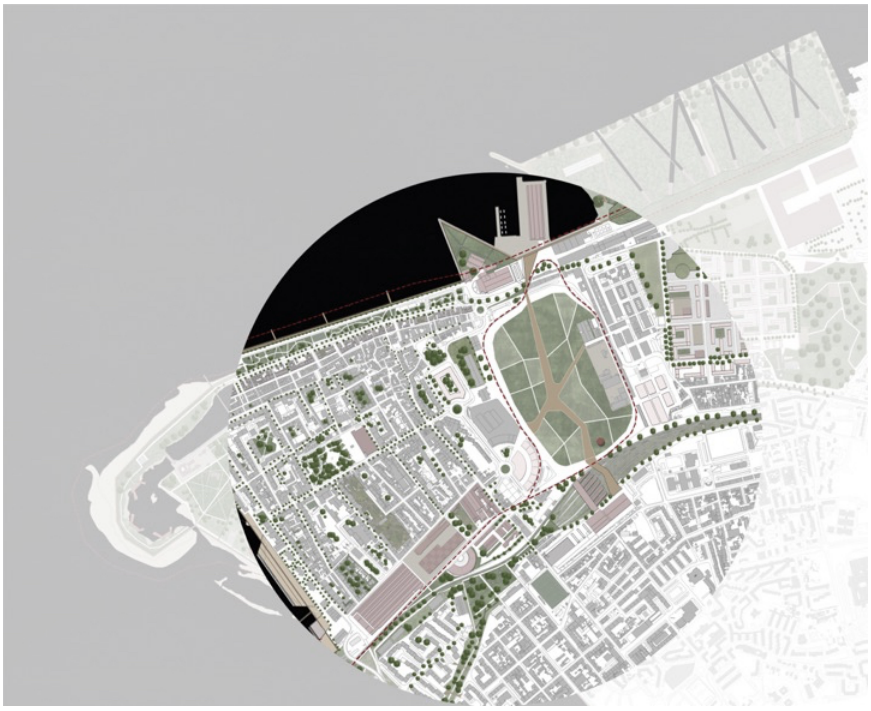


CENTRO DA CIDADE

Nesta área o desejado é reabilitar o lugar com habitação para servir a população com a introdução de novos serviços e equipamentos. O projeto de um parque urbano central consiste na criação de espaços de lazer e o centro de todas atividades da cidade, ligados por uma linha de elétrico, que assim, serve vários pontos do Barreiro. Deseja-se conceber um novo terminal ferroviário junto ao parque urbano, de modo, a deslocar o fim da linha para este local para retirar a barreira entre a zona Norte e Sul da cidade.

Nas antigas fábricas da CP pretende-se reabilitar o edificado, transformando-o em espaços de *co-working*, em estufas hortícolas que podem servir o mercado, equipamento que também estaria previsto de ser realizado nestas instalações. Como antes referido, propõe-se que todas estas áreas sejam interligadas pela linha de elétrico.

Figura 99 – Proposta urbana do centro da cidade do Barreiro. Elaborado pelo grupo de trabalho, 2017



COMPLEXO DAS ANTIGAS INSTALAÇÕES DA QUIMIPARQUE

Nesta enorme área surge a criação, na zona norte junto ao rio Tejo, de um bosque fazendo alusão ao que representa o Monsanto para a cidade de Lisboa, um pulmão para um lugar tão marcado pela poluição deixada pelas indústrias que aqui se implementavam. Neste mesmo bosque pretende-se incluir os edifícios abandonados, de forma a não deixar em esquecimento estes elementos que foram tão importantes no desenvolvimento da cidade e áreas habitacionais junto ao rio Tejo, como acontece no Parque das Nações.

Na zona mais a Sul, no complexo da Quimiparque, cria-se igualmente uma nova área residencial incluindo todos os elementos necessários que sirvam a população, tais como, escola, biblioteca, hotelaria, hospital, etc.

Figura 100 – Proposta urbana da zona das antigas instalações da Quimiparque. Elaborado pelo grupo de trabalho, 2017

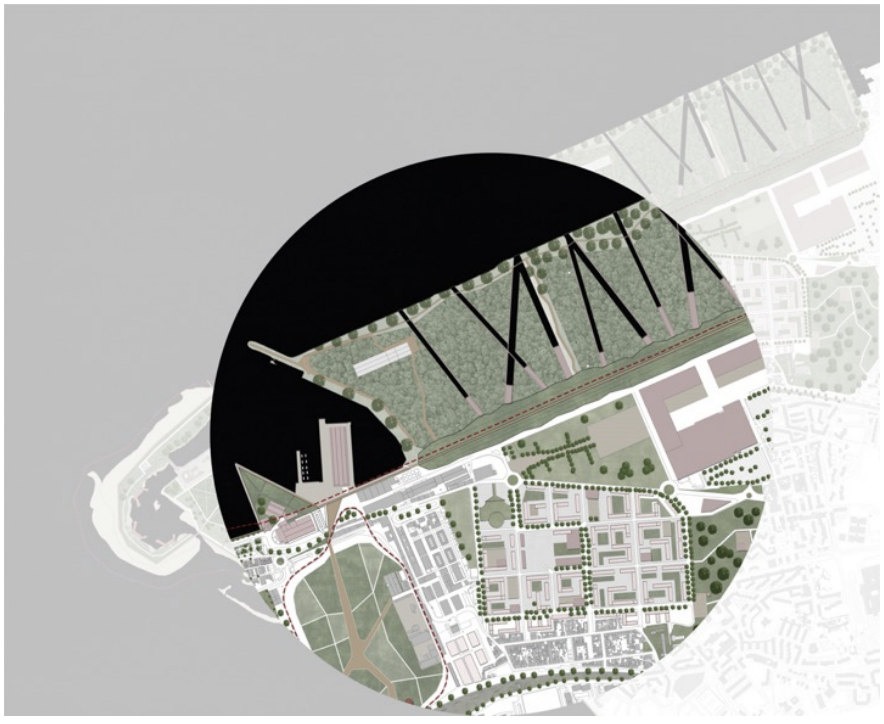




Figura 101 – Proposta de intervenção urbana para a cidade do Barreiro. Elaborado pelo grupo de trabalho, 2017

5.3 | REGENERAÇÃO DE ALBURRICA

"Também a falta de equipamentos que fomentem a interação com este espaço faz dele um território de vertente natural parcialmente abandonado e só explorado pelos agentes privados ou por um grupo restrito de indivíduos que da atividade piscatória extraem o necessário para o seu usufruto" (NEVES e VEIGA, 2011, p.20).

A regeneração do espaço urbano de Alburrica justifica uma intervenção que promova uma aproximação com o tecido urbano da cidade do Barreiro, de maneira a dinamizar economicamente e socialmente a área de estudo. Atualmente as ligações estabelecidas entre Alburrica e a cidade são através de caminhos desqualificados com acessos limitados devido à existência de propriedades privadas que dificultam a circulação interna dos espaços.

Este território obtém uma grande afinidade à época pré-industrial marcada pela existência de edificado industrial, que é considerado património da cidade, como os moinhos de maré e de vento, que contribuíram bastante para a indústria moageira. Este património industrial confere-lhe uma especificidade única atribuindo-lhe um grande valor cultural, histórico e patrimonial.

Os moinhos de vento raramente se encontram em locais planos ou junto a um rio, mas localizando-se habitualmente no topo de serras e montes. Devido a estas características a paisagem desta área representa um lugar único e emblemático em todo estuário do Tejo.

Na requalificação deste complexo pretende-se aproveitar os valores paisagísticos, naturais e edificados para a valorização do espaço, tanto do parque natural como da cidade do Barreiro.

Alburrica dispõe de diversas características que torna este lugar num lugar único, justificando assim uma intervenção que tenha como objeto principal não só o espaço público qualificado, mas também as ligações do complexo com a malha urbana da cidade.

O objetivo inicial da proposta urbana passa por requalificar a ligação entre o parque natural de Alburrica e o centro da cidade, uma vez que neste momento não se verifica. Como

forma de contornar esta situação desenvolveram-se novos percursos, de modo a que a população possa percorrer mais facilmente toda a frente da cidade.

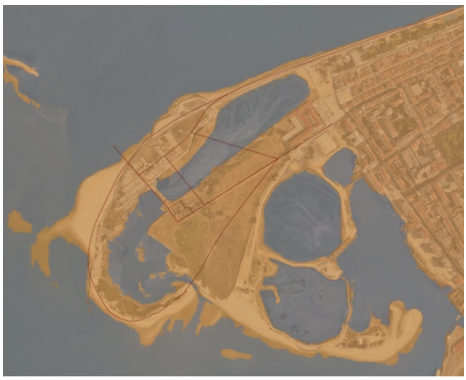
A proposta urbana para o complexo da Quinta Braamcamp consiste na continuidade de um trabalho a uma maior escala para cidade do Barreiro, referido anteriormente. A continuação do desenvolvimento do plano urbano teve como objetivo não só a quebra da barreira existente entre a cidade e Alburrica, como também a aproximação de Alburrica ao rio através de percursos que percorram toda a área.

Analisando o desenvolvimento morfológico e funcional do lugar ao longo do tempo, entende-se que o primeiro elemento a ser implantado foi o moinho de maré e posteriormente a fábrica de bolachas e de cortiça, elementos estes que se pretende preservar e integrar na proposta.

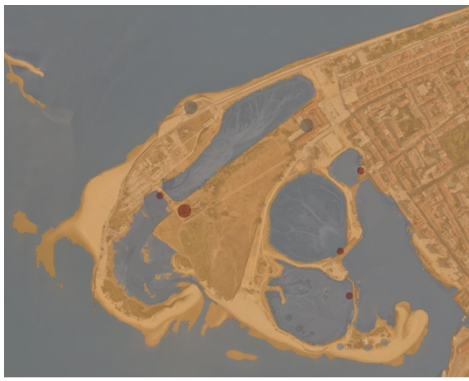
Devido à grande relação que o território possui com a natureza, propõe-se a criação de um equipamento de apoio ao parque natural de Alburrica com a função programática cultural. A proposta urbana surge como um percurso paisagístico e cultural, de forma a integrar vários edificados com a malha urbana.

O desenvolvimento da proposta decorre segundo duas fases. Primeiramente, o desenvolvimento de um plano geral que promove a ligação de vários pontos marcantes do Barreiro. Pretende-se reapropriar os caminhos marcados no território, quer os antigos que ligavam a porta do complexo da Quinta Braamcamp até à fábrica de cortiça, como aqueles que o Homem foi demarcando no terreno ao longo do tempo e repetindo as suas direções ao longo da área, de forma a encaminhar as pessoas até à água. Os percursos consistem na criação de passadiços à cota do terreno, como o projeto de referência 3.6., reutilizando os eixos principais existentes no lugar marcados pelo homem, fig.104, de maneira a conectá-los ao edifício da Quinta Braamcamp e com os passadiços já existentes, fig.103. Os passadiços elevados à cota 6, em relação ao nível do mar, estão situados sobre os dois eixos principais, de forma a nunca impedir o uso do espaço de Alburrica e do novo polo cultural, inspirados no projeto de referência 3.3. Estes percursos

sobrelevados criam uma dinâmica no espaço e relaciona vários edifícios.

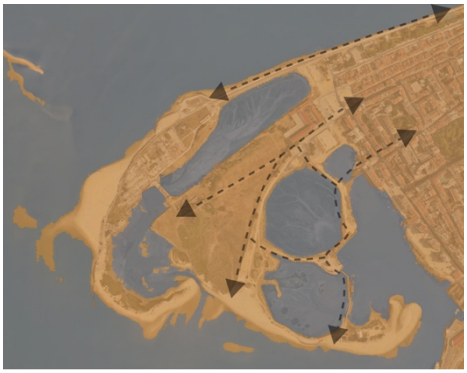


Estas estruturas elevadas não servem apenas como percursos, mas também contêm elementos culturais, tais como um auditório exterior e espaços de estar de contemplação dos vários edifícios culturais da cidade: os moinhos de vento, de maré e as lagoas. O desenho dos passadiços elevados não impede a utilização do espaço público à cota do terreno, existindo apenas para preservar o terreno natural protegido e sendo o ponto principal de uma estratégia de utilização do espaço público futura, pensando na subida do nível das águas, e permitindo a existindo de futuras ruas sobre a água.

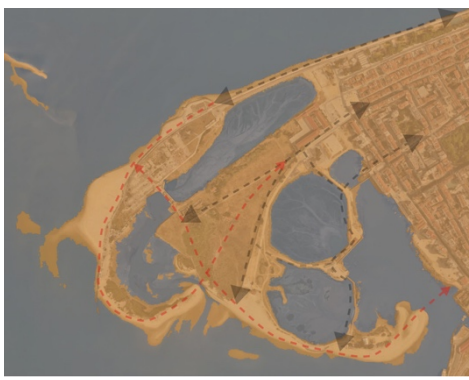


Os percursos, para além da função de construções flutuantes, funcionam como um percurso público com a intenção de ligar todo o complexo num só, e de levar o público até à água. Na cota do terreno existe um equipamento de restauração, recriado de um edifício existente pertencente à área de administração da fábrica de cortiça, situado entre os dois principais eixos.

Outro elemento importante para a regeneração de Alburrica é o projeto de uma frente ribeirinha em degraus, como se pode observar no caso de referência 4.1, serve como elemento conector da proposta com o rio, e pretende revitalizar toda a zona em seu torno tentando que a ambiência do espaço se modifique, deixando de ser apenas um espaço de percurso mas sim um espaço de lazer e convivência entre a população.



Uma das propostas para esta zona é a reabilitação dos moinhos de vento e de água com a função de postos de venda de artigos artesanais, de forma a que se possam ser comercializados produtos locais, como a cortiça ou objetos da atividade piscatória. Pretende-se ainda criar plataformas, nas duas grandes lagoas, para que os pescadores possam praticar a sua atividade de forma desportiva.



De seguida, a proposta arquitetónica que inclui do desenho do novo edificado na margem norte do complexo, assim como a reabilitação do moinho de maré e do edifício da Quinta Braamcamp. O desafio desta proposta passa por relacionar várias preexistências com um edificado novo e

promover a interligação entre os dois através dos passadiços desenhados a diferentes cotas.

O edifício preexistente surge como elemento revitalizador da memória e onde se inicia o percurso cultural, que possui ligação ao piso térreo através da cota de terreno ou ao primeiro piso através do passadiço elevado. Este edifício contém espaços culturais, como salas de exposições, salas de conferências e cafetaria. Como segundo ponto do percurso cultural, o moinho de maré do Braamcamp será reabilitado e transformado numa área de exposição demonstrando o antigo funcionamento destes moinhos, possibilitando uma visão distinta e direta sobre as lagoas.

Na outra margem, como fim desta estratégia encontra-se o equipamento cultural. Este edificado tem como elemento proporcionador de uma nova vida para a cidade do Barreiro. É constituído por quatro elementos, dos quais três se encontram no piso térreo e um situado no piso superior que interliga os três braços. Contém áreas de exposições, dois auditórios, um de pequena e de grande dimensão, áreas administrativas, uma biblioteca, espaço de *co-working*, salas de congressos e um restaurante.

(página oposta)

Figura 102 – Esquema ilustrativo do percurso cultural. Elaborado pelo Autor, 2019

Figura 103 – Elementos existentes da área de intervenção. Elaborado pelo Autor, 2019

Figura 104 – Eixos existentes. Elaborado pelo Autor, 2019

Figura 105 – Eixos propostos. Elaborado pelo Autor, 2019

FLUXOS E CIRCULAÇÕES EXTERNAS

A criação de um percurso cultural teve como especial atenção a conexão de todo o território de intervenção com o resto da cidade do Barreiro. Na zona Norte da cidade existe um passeio marítimo recentemente reabilitado, que não se encontra devidamente conectado com a zona de Alburrica.

O objetivo da implementação deste percurso cultural é criar oportunidades ao utilizador de poder frequentar o parque natural com acesso através de qualquer zona da cidade. As pessoas têm a possibilidade de começar este percurso a partir do espaço publico da margem Norte das lagoas e ter acesso à Quinta Braamcamp e ao eixo principal da porta da Quinta, a partir de diversos acessos que atravessam as mesmas (o passeio do moinho e os dois novos eixos propostos).

Outro percurso que pode ser efetuado destina-se à contemplação da paisagem e à relação com a água e permite a conexão do eixo criado entre os dois existentes à ponta do Mexilhoeiro e ao passeio marítimo.

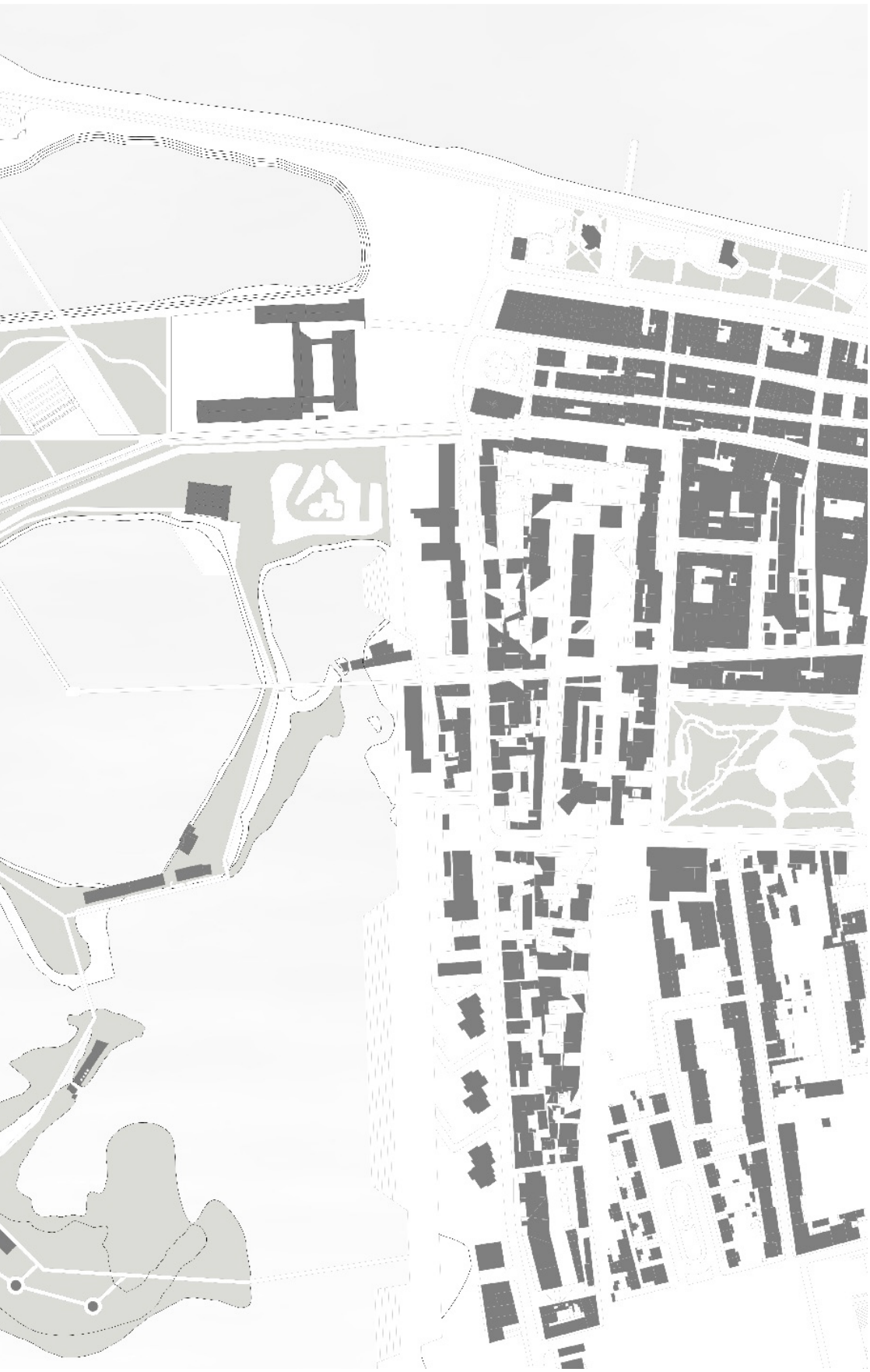
Teve-se uma especial atenção à relação do fluxo de pessoas com os elementos importantes de Alburrica, tais como os moinhos de maré e de vento, conectando este percurso cultural com os passadiços existentes promovendo uma coesão total da área.

A população possui duas formas de acesso ao parque natural, uma viária e outra através do transporte público, mais concretamente o elétrico. A opção de acesso através do automóvel é apenas permitida através do percurso existente que termina num parque de estacionamento atualmente existente. A partir deste estacionamento as pessoas têm acesso a todo o espaço da zona de intervenção e iniciam o percurso a partir da ruína. Existe acesso viário ao edifício na margem Norte, mas apenas pontual de cargas ou descargas de mercadoria e de pessoas.

A outra opção de acesso é através do elétrico que liga o centro da cidade do Barreiro ao equipamento a Norte, de forma a excluir os automóveis nesta zona protegida e incluir uma via de acesso diferente do habitual no seu dia a dia.

Figura 106 – Planta de intervenção urbana de Alburrica. Elaborado pelo Autor, 2019





5.4 | O REINTERPRETAR DA QUINTA BRAAMCAMP | INDÚSTRIA VS CULTURA

"A integração de equipamentos de nível superior como forma de reforçar a nova centralidade é um argumento forte nestas operações; não se trata simplesmente de integrar a respetiva quota de equipamentos de nível municipal, como em qualquer outra operação urbanística da cidade, mas também de integrar equipamentos estratégicos para a cidade/região e equipamentos de nível nacional" (COELHO e COSTA, 2006, p.52).

A cidade do Barreiro com o processo desindustrialização entra em decadência em termos económicos e sociais, pois ao longo do tempo era esta atividade que caraterizava a cidade, desde as fábricas de bolachas até ao complexo da Quimiparque. As atividades industriais que existiram ao longo dos anos foram diversas e todas elas contribuíram para o crescimento da cidade tornando-se num dos principais centros económicos mais importantes do nosso país. Com este processo a malha urbana da cidade altera-se por completo, onde os terrenos pertencentes às infraestruturas industriais são transformados em terrenos vazios, e muito do património da cidade é deixado ao abandono e consequentemente em ruínas ou até destruído, como o caso do incêndio no edifício da Quinta Braamcamp.

A localização de Alburrica teve um grande impacto para o crescimento da indústria artesanal. Nos dias de hoje restam apenas as ruínas dos elementos referentes à indústria corticeira e moageira, dando características únicas ao Barreiro, promovendo a memória e o património. Como anteriormente referido, Alburrica caracteriza-se por uma estrutura natural e ambiental, sendo que este lugar é a "porta" de entrada para o Barreiro através do rio Tejo. Ao englobar estruturas industriais, a sua reutilização e requalificação podem influenciar toda a cidade do Barreiro. Outros elementos existentes de caráter cultural e patrimonial em Alburrica, para além da Quinta Braamcamp e o moinho Braamcamp referidos anteriormente, são o Clube Naval Barreirense, a Escola Secundária Alfredo da Silva e ainda elementos industriais junto às caldeiras, como os moinhos de vento e de maré.

Com este polo cultural pretende-se que a cidade volte a ser uma centralidade e que sofra um impulso de desenvolvimento económico e social, como se verificava em anos anteriores. O equipamento proposto tem três vertentes, uma vertente cultural, outra de congressos e uma terceira constituída por espaços lúdicos, que se complementam.

Um polo cultural ou centro cultural está diretamente relacionado ao próprio significado de cultura, que é sempre um objeto de discussão e polémica (AA. VV. 2007). Numa cidade como o Barreiro que tem um passado industrial tão marcante é fácil de desvalorizar outras atividades como o exemplo da cultura. Para relacionar esta função necessita-se de um equipamento que possa conjugar os elementos existentes de carater patrimonial com a cultura e com a cidade do Barreiro.

Propondo este polo com várias funções tenta-se resolver as lacunas existentes na cidade, de forma a reunir a população que habitam na cidade. Os vários usos que o polo cultural dispõe cria espaços acolhedores de diversas expressões ao ponto de propíciar uma circulação dinâmica da cultura.

Nesta intervenção é necessário que exista uma relação de dependência entre o polo cultural e o lugar em que se insere, um necessita do outro para sobreviver. Este espaço deve resolver as principais necessidades da população e os seus traços culturais. Com a inserção de um equipamento desta função na Margem Sul e mais concretamente no Barreiro, ajudaria a potenciar a cidade em reunir a sua população, assim como convidar à utilização por pessoas do exterior, neste espaço.

Com este programa em falta no Barreiro pretende-se complementar os anteriores e garantir um novo uso na margem sul do rio Tejo, mais concretamente em Alburrica, de forma a devolver este lugar à cidade.

5.5 | REABILITAÇÃO DO ANTIGO E CONSTRUÇÃO DO NOVO | A QUINTA BRAAMCAMP

"Reabilitar é restituir a cidade à estima pública!" (Maria da Luz Valente Pereira). Reabilitar consiste na recuperação do valor existente, porém beneficiando para um uso atual com as exigências contemporâneas. Estas intervenções são dirigidas à conservação e restauro das partes significativas em termos históricos e estéticos, de forma a satisfazer níveis de desempenho e exigências funcionais atualizadas." (AGUIAR, 1999)

A reabilitação concretiza intenções ecológicas, ou seja, construir no construído, desta forma a reutilização de Arquiteturas já existências evitando a sua demolição.

A requalificação acaba por ser um dos temas que mais motiva um arquiteto, pois coloca em confronto tempos diferentes e gera resultados de enorme qualidade na medida em que conseguimos transportar o lastro da história para o momento presente. Percorrer um espaço reabilitado significa uma certa viagem no tempo. Os processos de reabilitação podem ser bastante distintos, como por exemplo: em alguns casos trata-se de alterações de uso, noutros casos ampliação ou aumento de área do edifício. Por vezes a reabilitação depende do estado de degradação que obriga a uma reconstrução total ou parcial do edificado. Existem casos de reabilitação que são simplesmente remodelação do interior e por fim existem situações em que se pretende o restauro ou conservação do imóvel devido ao seu valor patrimonial.

Neste caso, a reabilitação da Quinta Braamcamp pretende-se que seja restauro ou conservação de alguns elementos do edificado com a construção de novos elementos, conservando deste modo o património para que não seja esquecido, remetendo ao título de projeto. Deseja-se que haja um contraste entre o antigo e o novo, de modo a que seja possível um confronto dos diferentes tempos que estamos a ser alvos.

"Do passado, resistem as memórias; do presente, o programa em aberto, para um futuro incerto e sem contorno" (LOUÇÃO, 2016, p.58)

Ao longo dos anos a Quinta sofreu várias alterações em relação à sua implantação, desde 1816, primeiro registo gráfico da quinta, até aos dias de hoje, o edificado foi construído como um edifício unificado e com passar dos anos foi-se desfragmentando.

"A oposta urbanística constitui em combinar a reconversão de edifícios industriais. em particular os vários armazéns de algodão de início do século. com novas construções. desenvolvendo um programa que inclui salas de exposições. um centro de conferências..." (COELHO e COSTA, 2006, p.57).

No espaço cultural propõe-se o renascer/recuperar da memória do património valioso da região, uma forma de percurso temporal. Para este espaço destina-se o edifício em ruínas da Quinta Braamcamp e o moinho de maré do Braamcamp. Este novo polo cultural recebe em primeira instância os utilizadores, que consiste no edifício que irá ser reabilitado, o edifício da Quinta Braamcamp. Este edifício e o moinho de maré que pertencem à Quinta irão sofrer uma requalificação, mantendo a sua implantação de origem, assim como os seus alçados. São infraestruturas com memórias incorporadas, que podem ser observadas e palpáveis, deste modo pretende-se que sejam intocáveis referentes à reabilitação.

"*Aprendemos a misturar o velho e o novo. preservando a história sem perder a sua energia*" (BAHAMÓN E ÁLVAREZ, 2009, p.131).

A reabilitação referente ao edifício principal da Quinta, o lugar das antigas instalações administrativas da fábrica de cortiça, é feita com intuito de ser visível o tijolo e as paredes em alvenaria e num piso superior a construção de um elemento contemporâneo com a utilização de elementos que caracterizem a indústria, como por exemplo, zinco, cortiça e elementos metálicos.

Em relação ao moinho de maré do Braamcamp a requalificação é com a mesma lógica de reabilitação dos elementos presentes e em ruína, acrescentando uma cobertura de duas águas como fora antes de este ser destruído remetendo-o assim ao passado.

Estes edificados ao longo dos anos complementavam-se logo o intuito é ter uma ligação próxima, deste modo a

estrutura apresentada no projeto de referência 3.5 é um elemento que tem como objetivo criar uma ligação entre os dois edifícios, de forma a garantir um percurso confortável ao seu utilizador.

CIRCULAÇÕES INTERNAS

Relativamente às circulações internas do edifício da Quinta Braamcamp foi necessário delinear uma nova circulação interna de maneira a relacionar o interior ao percurso criado no espaço público. A circulação implementada neste edifício foi pensada de maneira a que o público percorra todo o edifício sem ter a necessidade de sair do seu interior. Teve-se o cuidado de criar circulações sempre junto da fachada, de forma a que a pessoa possua uma ligação dupla, quer com a envolvente quer com a exposição. Ao mesmo tempo ao longo da exposição vão se abrindo vãos que permitem contacto direto com imagens reais do que na exposição esta a ser explicado. A circulação no lado esquerdo do edifício é feita ao longo de um pátio interior, que possibilita a entrada de luz e através de uma organização espacial que permite criar espaços de estar e de contenção. O volume dispõe ainda de um segundo piso, o piso contemporâneo, que distribui o espaço de exposição numa mesma lógica e que possui acesso ao exterior através do passadiço elevado.

O edifício da Quinta e o moinho de maré têm ligação entre si através do exterior protegidos por uma estrutura metálica, como no projeto de referência *Glass Courtyard*. Esta ligação é feita a partir do pátio criado entre os dois volumes da Quinta Braamcamp. passando pela margem da lagoa até à entrada do moinho.

A circulação interna no moinho de maré é feita ao longo da direção longitudinal do edifício atravessando as mós e podendo observar o funcionamento das mesmas.

MATERIALIDADES E AMBIENTES

Na criação do edifício da Quinta Braamcamp teve-se preocupação na escolha dos materiais, de modo a estabelecer um equilíbrio entre a ruína e o novo e respeitar a memória do mesmo. Na estrutura em ruína pretendeu-se restaurar as paredes de alvenaria e os tijolos que contornam os vãos e intervir nas restantes características, deixando assim o seu caráter natural, como no projeto de referência *Moritzburg Museum*. Neste mesmo piso várias partes da

fachada estavam completamente destruídas e não existiam em implementação. De forma a reviver essas fachadas que existiam anteriormente optou-se pela recriação das mesmas em vidro, contrastando com o existente e criando um equilíbrio entre os dois. Estas novas fachadas originam um ambiente invulgar no seu interior com a alteração da entrada de luz ao longo do dia. Sendo fachadas a Norte a sua abertura ampla não só permite a entrada de luz total, mas também uma visão sobre as lagoas e o novo núcleo a Norte sem obstrução no campo de visão.

Na criação do piso superior optou-se por materiais como o aço, zinco e vidro. O aço é usado como elemento estruturante relembrando assim as estruturas da antiga fábrica de cortiça recriando o carácter industrial do edifício. As fachadas deste piso são cobertas por panos envidraçados e por zinco, que reveste as paredes e cria uma cobertura em duas águas como existia anteriormente.

Neste piso pretende-se que o piso esteja afastado das paredes em alvenaria, de forma a que o público possa ter uma ligação com o piso inferior ao longo da fachada, destacando assim a ruína num ambiente mais contemporâneo.

Interiormente foram usados materiais com características quentes criando um ambiente mais acolhedor e visualmente interessante, tais como a madeira e cortiça. A madeira é usada na pavimentação do edifício, exceto nas áreas húmidas. A cortiça é usada em algumas áreas como revestimento, de forma a demarcar a sua presença ao longo do edifício.

No moinho de maré do Braamcamp utiliza-se o mesmo material que outrora existia na estrutura da cobertura, a madeira. A cobertura é revestida por telhas cerâmicas como a quando da sua destruição.

Figura 107 – Planta do piso térreo do edifício da Quinta Braamcamp e do moinho de maré. Elaborado pelo Autor, 2019

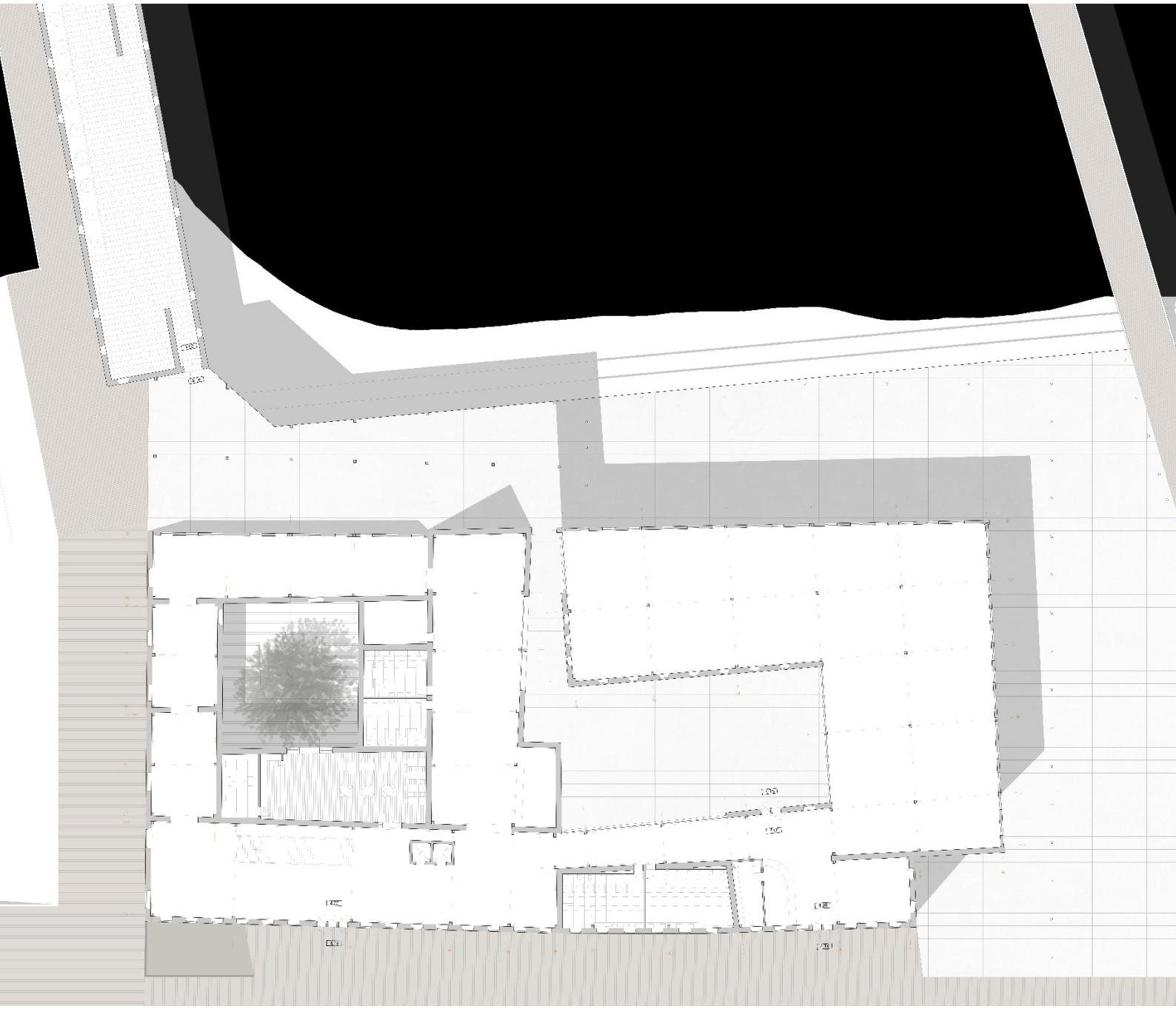


Figura 108 – Planta do primeiro piso do edifício da Quinta Braamcamp e do moinho de maré. Elaborado pelo Autor, 2019

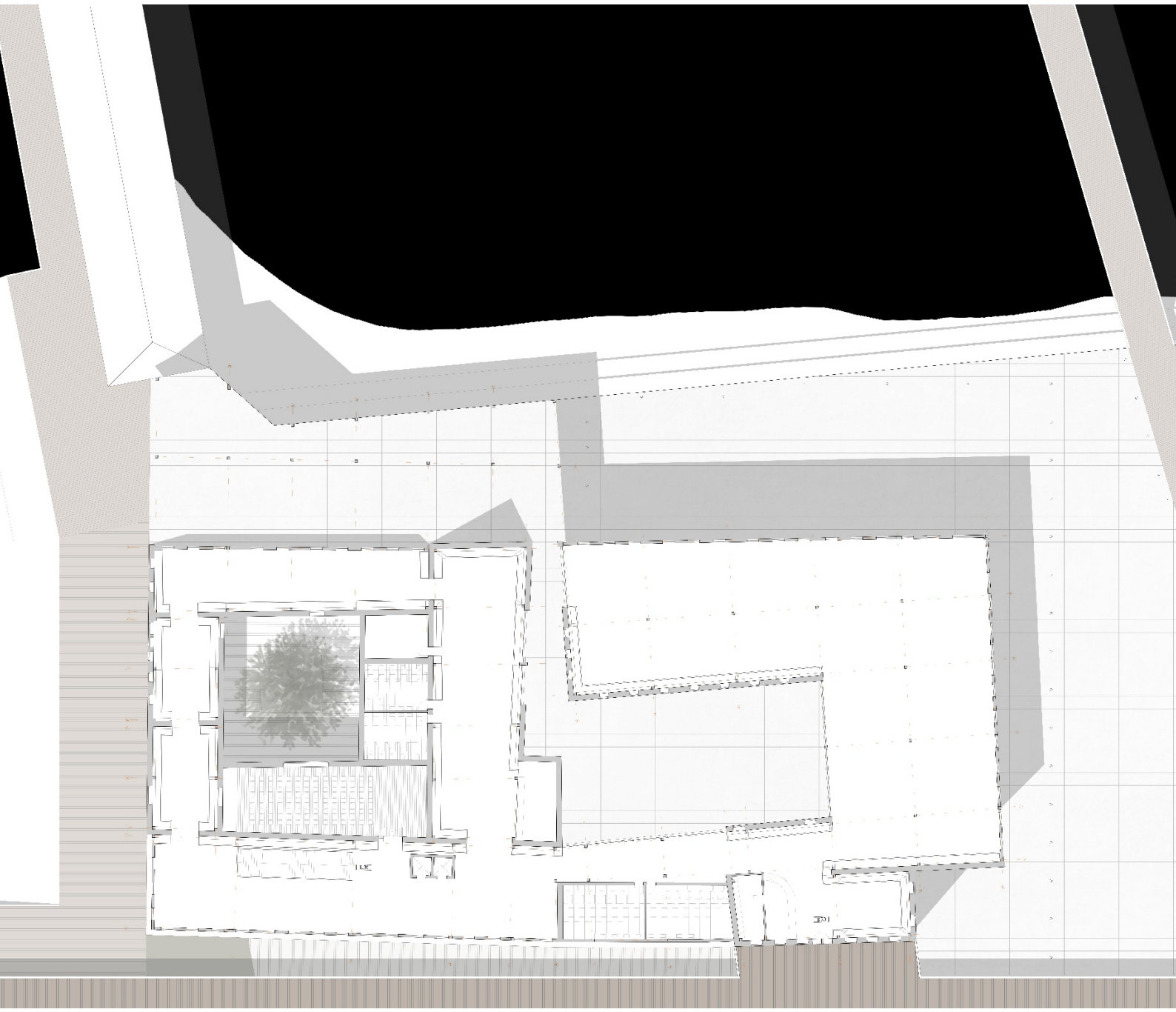
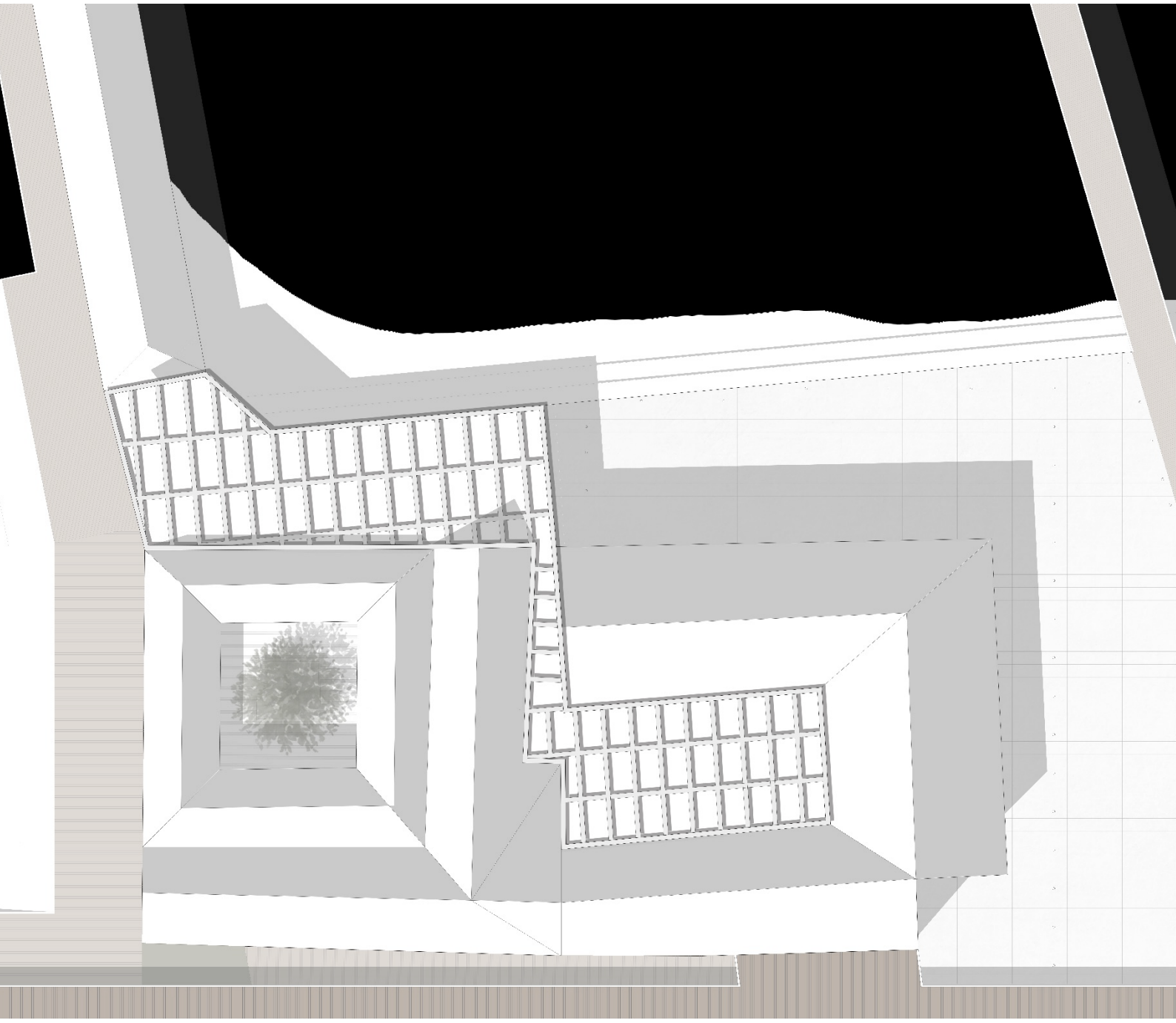


Figura 109 – Planta de cobertura do edifício da Quinta Braamcamp e do moinho de maré. Elaborado pelo Autor, 2019



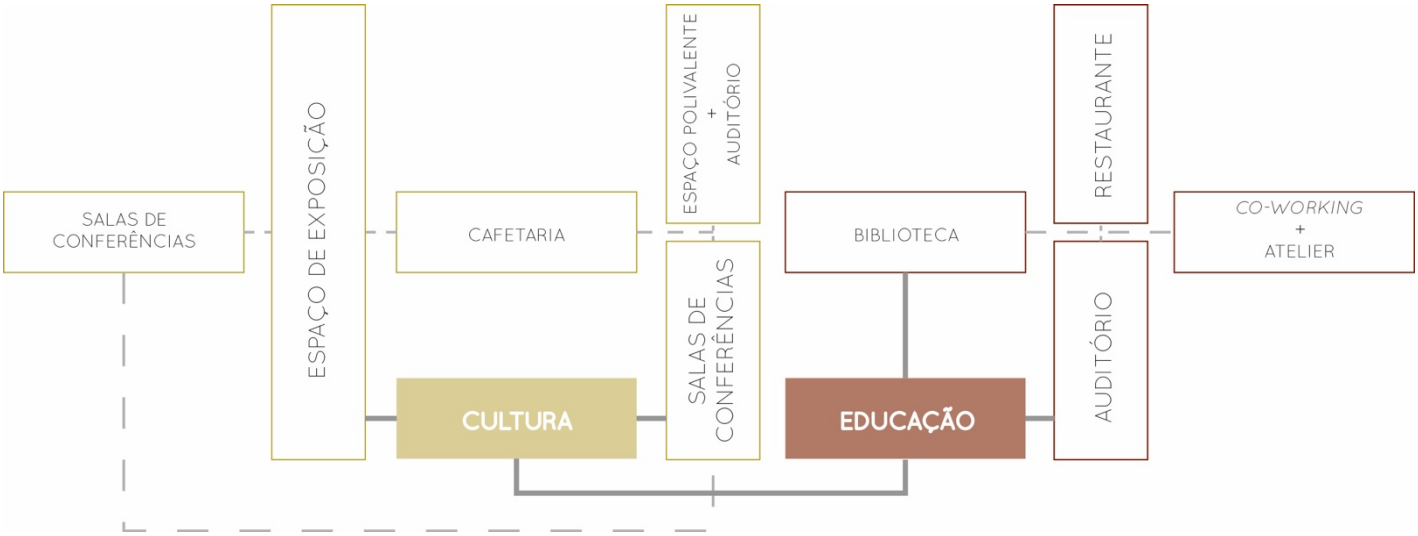
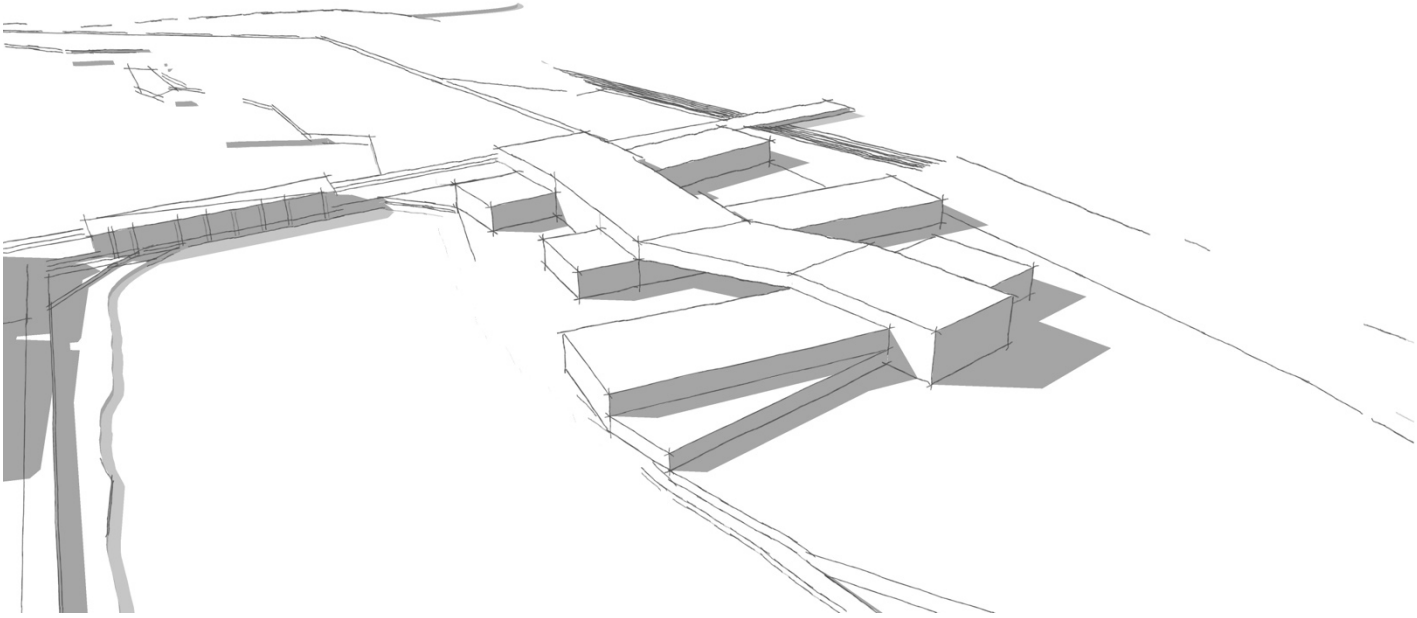


Figura 110 – Esquema funcional do edifício. Elaborado pelo Autor, 2019

Figura 111 – Axonometria ilustrativa da implantação do edifício. Elaborado pelo Autor, 2019



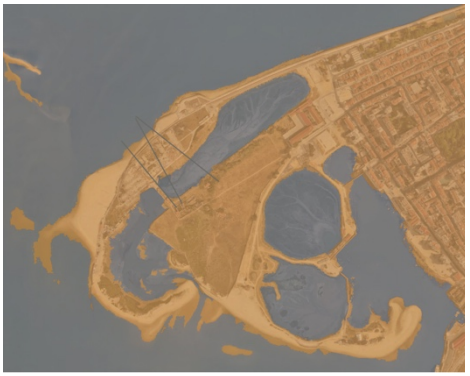
5.6 | O EQUIPAMENTO DA MARGEM NORTE

Na zona das antigas instalações da fábrica de cortiça, a margem Norte do complexo da Quinta Braamcamp, irá nascer um novo equipamento de caráter cultural, de modo, a ser um indicador dos valores urbanos mais apreciados na sociedade atual. Atualmente as atividades de cultura e de lazer do tempo livre estão a impor-se, não só a nível superficial, mas também no aspeto económico.

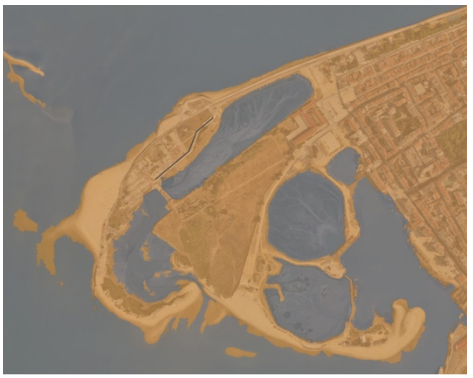
O espaço de congressos destina-se a um edifício contemporâneo, de maneira a simbolizar a nova era do Barreiro e se englobar com a ruína e destina-se no âmbito de escala Nacional ou Internacional, de forma a criar uma nova centralidade no país. Ao analisar os centros de congressos pela Área Metropolitana de Lisboa, conclui-se que na margem norte do rio Tejo existem vários equipamentos com a mesma característica programática. O mesmo não acontece na margem sul do Tejo em que não existe tanta oferta deste tipo de equipamentos. Logo, para além de criar uma nova centralidade, é uma oportunidade de início de desenvolvimento da margem sul do Tejo.

No livro *"A Imagem da Cidade"*, Kevin Lynch, (1960) enumera cinco elementos fundamentais que definem uma cidade, caminhos, limites, bairros, cruzamentos e pontos marcantes, gerando uma imagem para que as pessoas se possam direcionar na cidade. Com estes marcos, a perceção da população em relação a um edificado é muito importante, visto que é o público que irá vivenciar e experienciar o objeto arquitetónico. Existe uma série destes pontos de referência em Alburrica que são imediatamente identificados pelas pessoas que podem ser realçados através da arquitetura, como se verifica no projeto de referência do Centro de Alto Rendimento de Remo do Pocinho. A arquitetura tem uma grande capacidade de conceder à cidade elementos e devolver alguns já pertencentes à mesma que não estão valorizados previamente da intervenção. Este elemento que pertence ao fim do percurso cultural, tem como objetivo de reutilizar e privilegiar as vistas sobre a paisagem e de valorizar o seu espaço envolvente.

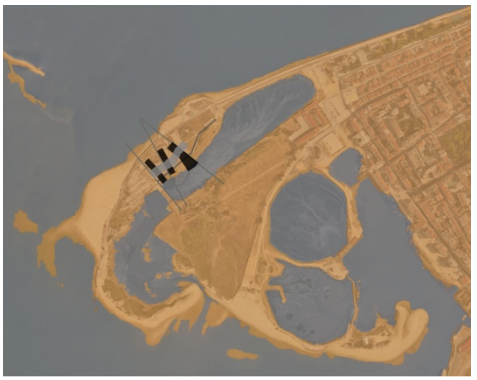
A nova construção é composta por três braços transversais a Norte, em que os dois volumes mais próximos do moinho de maré têm ligação entre si e o terceiro é o braço mais independente, em relação aos outros dois. Entre o volume independente e o volume mais próximo surge um espaço exterior de acesso a estes dois volumes e que direciona o utilizador a encaminhar até ao rio. Existe uma ligação direta entre o espaço público do complexo da Quinta atravessando este espaço exterior finalizando nas margens do rio Tejo. Existe um outro volume no piso superior, longitudinal a estes volumes, que interliga todos os três.



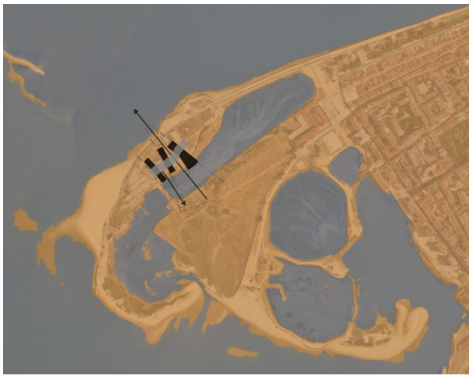
O parque natural de Alburrica tem um terreno nivelado, a ruína da Quinta Braamcamp alcança no máximo dois pisos e os moinhos existentes no máximo um piso, evidenciam assim uma horizontalidade da zona de intervenção. Os únicos elementos verticais são as palmeiras e as chaminés da ruína. Relacionando com estes elementos existentes na área pretendeu-se criar um edifício que funcionasse como um só, mas que distribuísse horizontalmente e que transmitisse uma imagem de um edifício ligeiro.



O desenho do piso térreo do edifício surge como primeira estância o plano de fundo o edifício da Quinta Braamcamp e como alinhamento o moinho de maré, fig.111. Após esta fase inicial do desenho do edifício, o outro plano de fundo é a cidade de Lisboa em que cada um destes braços têm uma inclinação diferente em relação ao edifício e a Lisboa, tratando assim vários pontos de visto sobre Alburrica e o rio Tejo.



Os dois elementos mais próximos do moinho de maré estão ligados entre si pela cota do terreno, em que dispõe de áreas relativas ao espaço de exposição que complementa o espaço cultural que caracteriza os edifícios reabilitados. Outras áreas que contêm estes dois elementos são os halls de entrada que dão acesso não só ao piso térreo, mas também ao piso superior. Para além destas áreas engloba os espaços administrativos, cafetaria, salas de conferências, um pavilhão multiusos que complementa o pequeno auditório.



Estes dois volumes são caracterizados pela grande presença de aberturas de vãos, de modo a criar uma continuidade não apenas física, mas também visual entre os seus utilizadores e a paisagem.

O braço mais independente tem ligação pelo exterior com os outros dois braços e com o espaço público que está ligado com o já existente passeio marítimo da cidade. Este edificado contém um hall de entrada que dá acesso ao restaurante, ao auditório principal e acesso ao piso superior. Este volume em relação aos outros é o mais opaco em que apenas contem vãos na zona do hall de entrada e do restaurante.

O projeto deste restaurante não serve apenas o utilizador deste espaço, mas também a população do Barreiro criando uma ligação com o lugar e com a água possibilitando a contemplação da paisagem.

A criação do auditório principal não resulta apenas em servir o polo cultural ou de congressos, mas também em servir a cidade incluindo espaços de caráter lúdico, de concertos e espetáculos, etc. O lugar já assume esse papel atualmente, ainda que menos qualificado, uma vez que é nele que ocorrem as festividades do Barreiro.

(página oposta)

Figura 112 -Eixos da construção do edifício do piso térreo. Elaborado pelo Autor, 2019

Figura 113 - Eixo da construção do piso superior. Elaborado pelo Autor, 2019

Figura 114 - Implantação do edifício no lugar. Elaborado pelo Autor, 2019

Figura 115 - Campos de visão para Alburrica e o rio Tejo. Elaborado pelo Autor, 2019

Por fim, o último elemento deste edificado surge através dos antigos caminhos da fábrica de cortiça, fig.112. Este volume, como anteriormente referido, tem acesso pelos dois extremos através de hall de acessos aos pisos inferiores, em que está dividido em duas partes no qual o lado esquerdo deste edifício tem acesso pelo hall de acesso do lado do moinho de maré e o lado direito tem acesso pelo hall do volume independente.

Do lado direito deste volume está incluída uma biblioteca que se destina a salas de leitura e de estudo, de forma a servir não só os alunos da escola secundária presente em Alburrica, como o resto da população do Barreiro. Para além da biblioteca contém espaços de *co-working* que promovam a dinamização cultural e económica da cidade. Para além destas áreas contém ainda um espaço destinado para a Câmara Municipal do Barreiro, nomeadamente à de gestão e planeamento do território, funcionando como um atelier de trabalho. Ainda neste volume, do lado esquerdo, existem salas de conferência.

Deste modo, o novo equipamento integra também a requalificação do espaço público numa lógica de memórias locais.

COMO O ESPAÇO INTERIOR INFLUÊNCIA O AMBIENTE

A criação de um vazio entre o hall de entrada e o piso superior surge com o intuito de criação de um espaço amplo e de uma relação entre o piso inferior e o superior. Ao mesmo tempo que estes dois pisos se relacionam com a escadaria. A escadaria é o elemento em que as pessoas se irão reunir mais, devido à vista para o exterior e devido ao espaço de lazer, criando assim uma ligação entre o público do piso inferior e com o do piso superior.

Esta abertura também acontece entre a zona da cafetaria e o piso superior ao longo da fachada criando assim uma perceção de grande abertura e de um maior campo de visão para o exterior, quer no piso superior quer no inferior, sem ser necessário estar muito próximo do vão. O mesmo acontece na zona do restaurante.

O corredor a Norte da biblioteca tem uma caraterística muito particular, pois tem um campo de visão sobre o rio e a cidade de Lisboa. Este corredor é um espaço de leitura mais informal ao contrário da sala de leitura da biblioteca, devido a possuir bancos ao longo da fachada.

Na fachada oposta à anterior acontece a mesma situação só que desta vez sobre a paisagem de Alburrica e devido a esta estar na zona Sul, os vãos estão protegidos pela segunda pele e estes vãos estão à altura de uma pessoa sentada, de forma a ter uma vista privilegiada a altura do olhar.

MATERIALIDADES E AMBIENTES

No caso do núcleo novo a escolha dos materiais foi muito mais desafiante, pois pretendeu-se utilizar materiais que relacionavam com atividade que outrora existia naquela zona, com a ruína e com o meio ambiente em que está implantado.

Como estrutura utiliza-se a madeira em conjunto com o aço e as fachadas cobertas por panos envidraçados que permitem uma permeabilidade visual refletindo a envolvente natural para o seu interior. Devido à grande incidência de luz natural no edifício na zona Sul, criou-se uma segunda pele, com o material *viroc* com a cor do zinco relacionando-os com a cor da ruína e remetendo para a caraterística industrial, que possa filtrar a luz natural no interior. A madeira também é usada em ripado para o

revestimento das paredes interiores dos dois auditórios melhorando-os acusticamente. A madeira na zona da biblioteca, espaço *co-working* e no atelier é utilizada como pavimento, pois são zonas de estudo e concentração e a madeira transmite tranquilidade e conforto.

A escadaria na zona da cafetaria é em aço criando assim um elemento rígido no interior e dando uma ambiência de carater industrial. Esta escadaria não é apenas uma escadaria com a função de acesso ao segundo piso, mas também uma zona de estar, de leitura ou de contemplação do rio Tejo, pois adjacente a esta existe um pano envidraçado com campo de visão sobre o rio e que possui como horizonte a cidade de Lisboa.

Figura 116 – Planta do piso térreo do novo equipamento. Elaborado pelo Autor, 2019

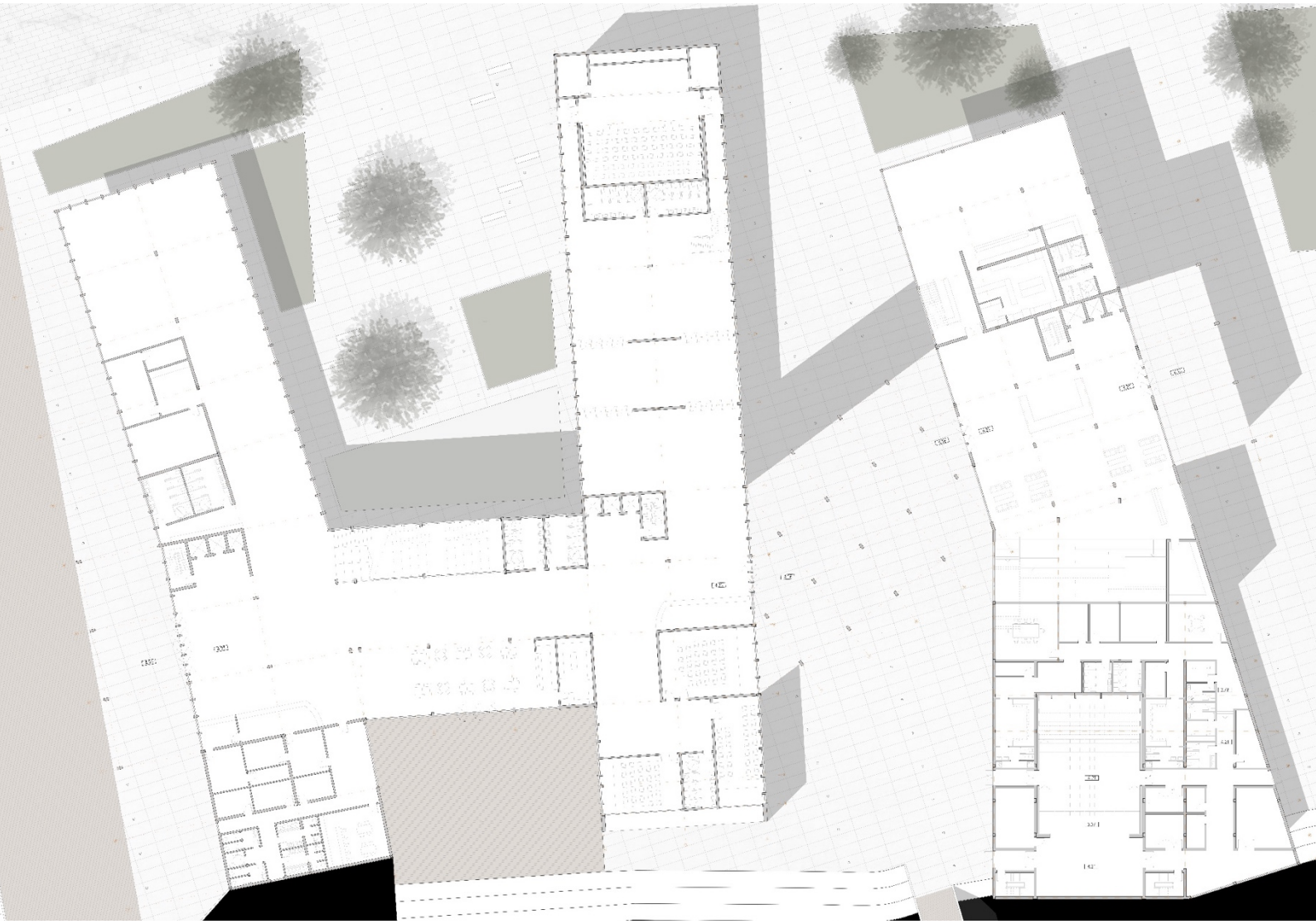


Figura 117 – Planta do segundo piso do novo equipamento. Elaborado pelo Autor, 2019

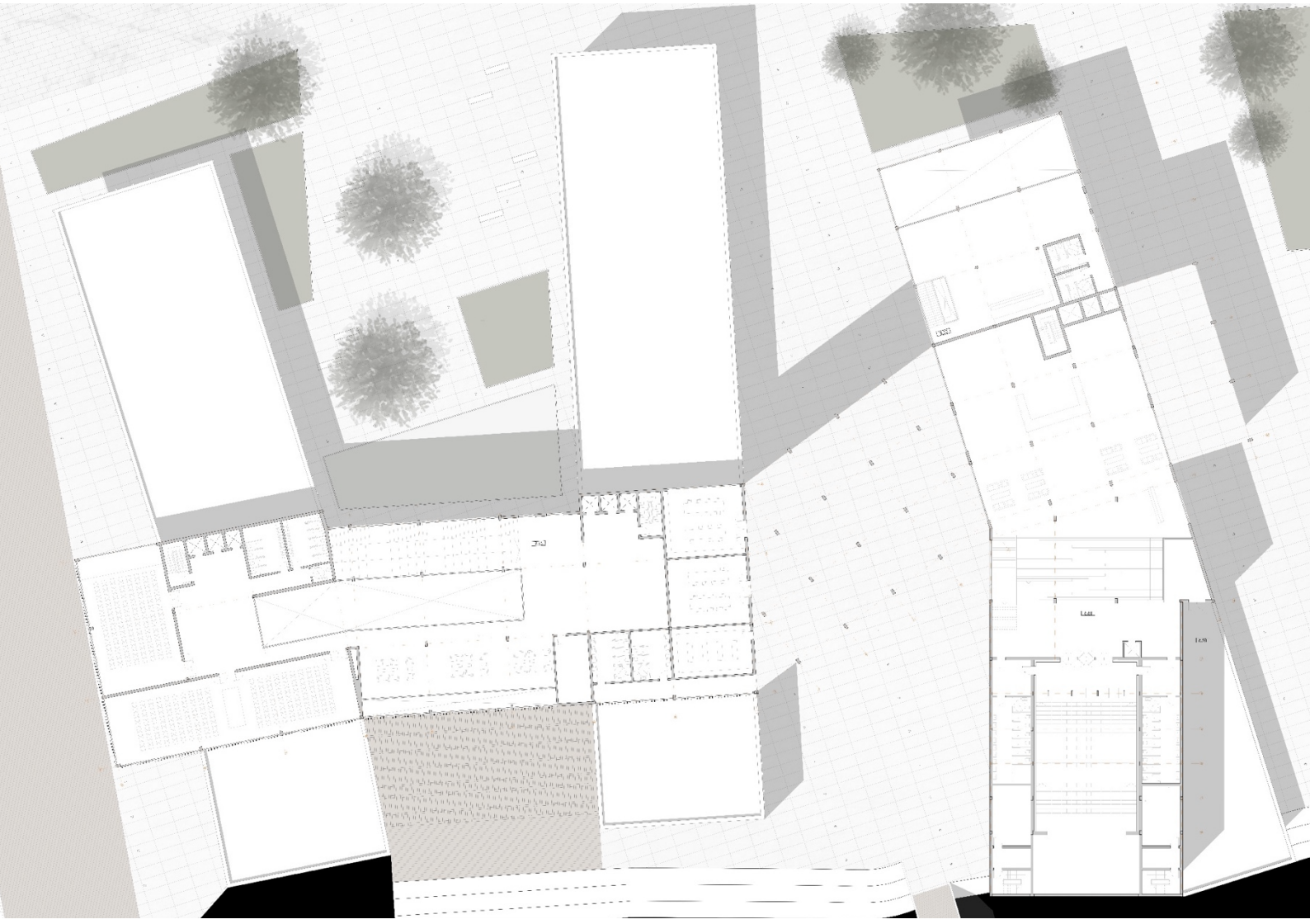


Figura 118 – Planta do segundo piso do novo equipamento. Elaborado pelo Autor, 2019

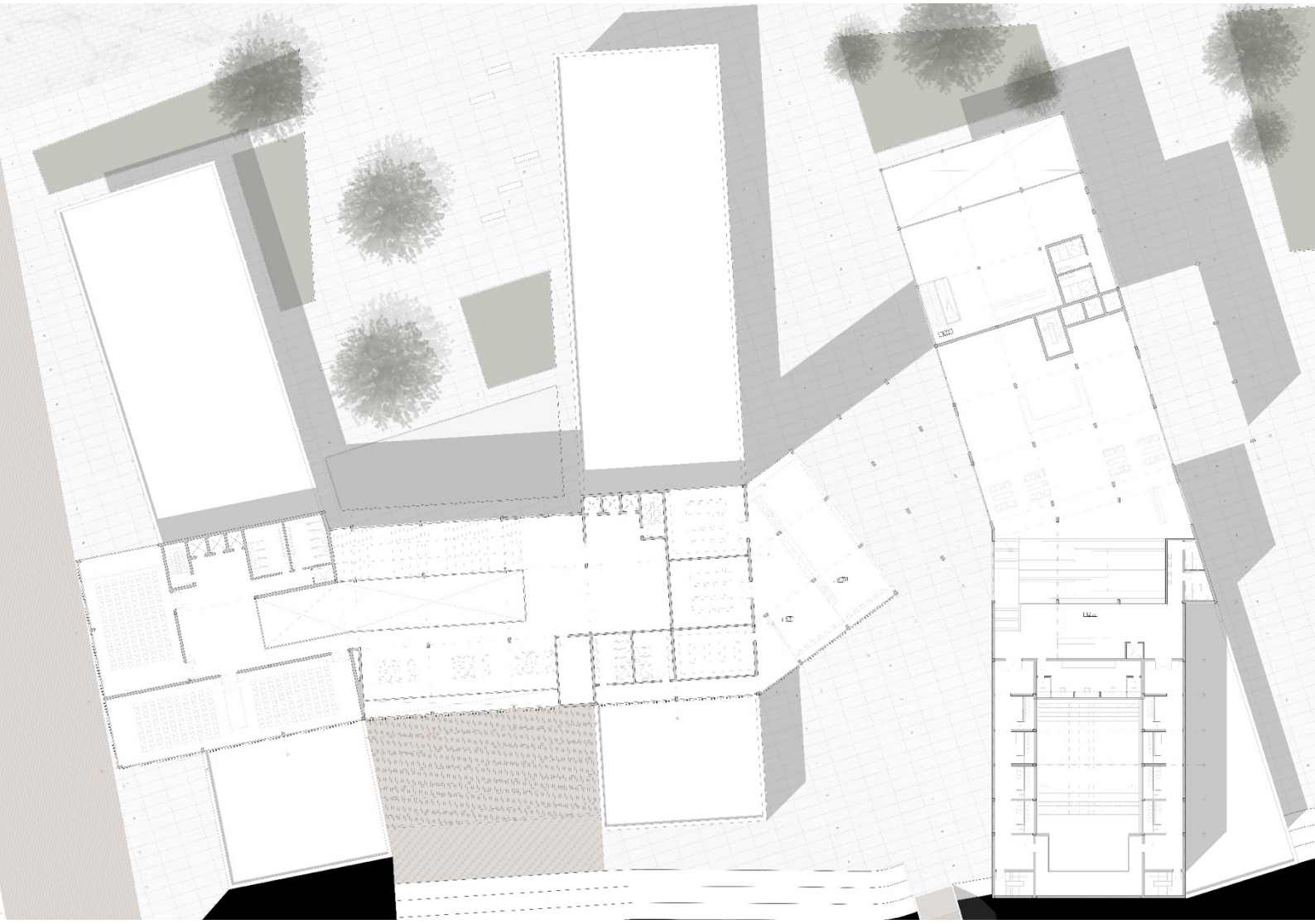


Figura 119 – Planta do segundo piso completo do novo equipamento. Elaborado pelo Autor, 2019

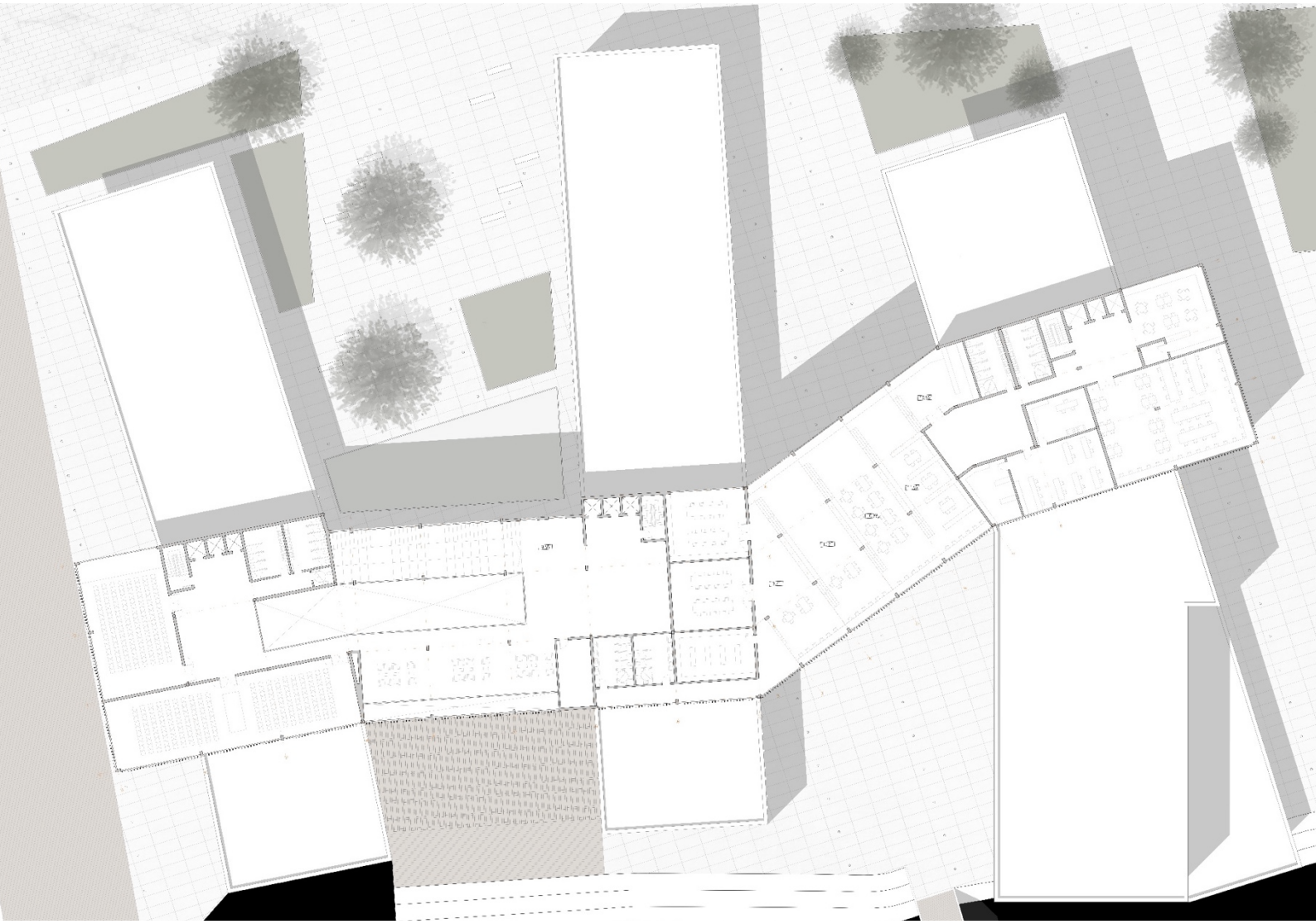
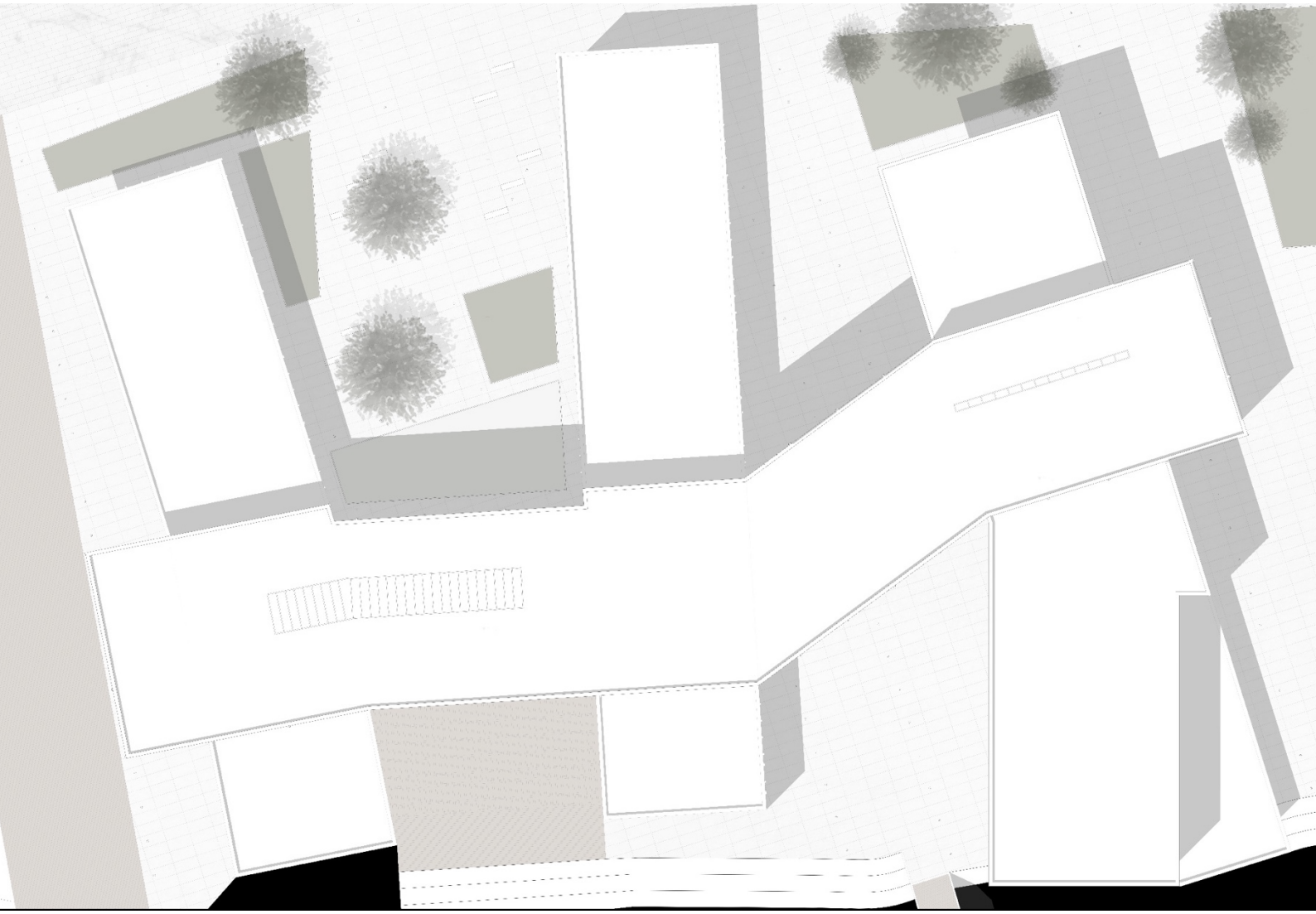


Figura 120 – Planta de cobertura do novo equipamento. Elaborado pelo Autor, 2019



06 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O lugar de intervenção, sendo uma zona ribeirinha, necessita de uma requalificação que valorize o seu enquadramento paisagístico e as memórias edificadas, de forma a integrar um programa que conjugue o passado da cidade com o presente. Esta intervenção tenta responder a uma articulação entre a cidade e Alburrica, de forma a integrar o passado industrial com a cultura e a educação.

No início desta investigação tinha-se expressado várias questões e objetivos, de forma a resolver este grande vazio urbano que se encontra desconectado com a cidade do Barreiro. No desenvolvimento deste trabalho entendeu-se que uma das formas como se conseguiria resolver estas questões seria a atividade da contemplação da paisagem e de um elemento, neste caso um equipamento, que criasse a ligação com a cidade e com o rio Tejo. A intervenção neste local foi tratada de modo a integrar um plano urbano que incluísse os vários edifícios industriais e que relacionasse a envolvente natural, de forma a criar uma ligação entre o património e a paisagem. Dando um maior destaque em relação ao património, decidiu-se incorporar no novo edifício um elemento industrial preexistente da zona, de modo a criar uma relação entre o património da cidade e o edificado novo. É neste sentido, que surge o programa da cultura e da educação, representando a memória com um carater contemporâneo, recriando vivências outrora vividas neste lugar.

Este polo cultural, que integra uma preexistência e um edifício novo, vem transformar esta área, de uma área sem vivência de pessoas numa área criada para a população. Isto acontece através das várias atividades que existem no parque natural, tais como: o lazer, a cultura e o desporto. Este novo equipamento tem também como função cativar visitantes, de forma a criar uma ligação entre a arquitetura e a paisagem, procurando encontrar o ponto de equilíbrio entre o edificado preexistente e o novo. Através dos elementos preexistentes pretendeu-se criar sensações e ambiências interiores e exteriores com os elementos contemporâneos, dando assim importância ao valor patrimonial e à memória, destacando-os na paisagem.

Em termos de escala, o novo edifício tenta integrar-se com os edifícios industriais existentes evidenciando-se levemente em relação aos mesmos, de forma a dar continuidade à horizontalidade existente em Alburrica. Através da implementação do novo pretendeu-se que todo o espaço público incluísse os vários elementos e criasse uma continuidade em todo o complexo, destacando assim a frente ribeirinha. Ainda no espaço público o objetivo principal foi a integração dos elementos culturais, de forma a relacionar o espaço de lazer e desportivo.

Em suma, a intervenção proposta pretende devolver esta zona permeável e natural à cidade do Barreiro, retomando a ligação do rio Tejo e a cidade e devolvendo o património, que foi importante no desenvolvimento do Barreiro, e as suas memórias de novo à cidade e à população.

BIBLIOGRAFIA

AA. VV. (1981) *UM OLHAR SOBRE O BARREIRO. Século XVIII – Final do Século XIX – Princípios do Século XX*. Revista não periódica Câmara Municipal do Barreiro, 11-1983. Editor: Augusto Pereira Valegas

AA. VV. (1985) *UM OLHAR SOBRE O BARREIRO*. Revista não periódica Câmara Municipal do Barreiro, 12-1985, Nº 3 Editor: Augusto Pereira Valegas

AA. VV. (1986) *UM OLHAR SOBRE O BARREIRO*. Revista não periódica Câmara Municipal do Barreiro, 10-1986, Nº 4 Editor: Augusto Pereira Valegas

AA. VV. (1987a) *UM OLHAR SOBRE O BARREIRO*. Revista não periódica Câmara Municipal do Barreiro, 08-1987, Nº 5 Editor: Augusto Pereira Valegas

AA. VV. (1987b) *UM OLHAR SOBRE O BARREIRO. Final do Século XIX – Princípios do Século XX*. Revista não periódica Câmara Municipal do Barreiro, 12-1987, 2ª edição, Nº 1 Editor: Augusto Pereira Valegas

AA. VV. (1989a) *UM OLHAR SOBRE O BARREIRO. Barreiro e os Descobrimentos. Recuperação do Moinho Pequeno. Município Barreirense (séc. XVI). XXV Aniversário dos J.J.B.* Revista não periódica Câmara Municipal do Barreiro, 06-1989, II Série, Nº 1 Editor: Augusto Pereira Valegas

AA. VV. (1989b) *UM OLHAR SOBRE O BARREIRO*. Revista não periódica Câmara Municipal do Barreiro, 12-1989, II Série, Nº 2 Editor: Augusto Pereira Valegas

AA. VV. (1990) *UM OLHAR SOBRE O BARREIRO. A criação da Freguesia e a fundação da Igreja Paroquial de Santa Cruz (1487). Azulejos do Barreiro. Margens... na cultura... na educação. Margem sul Quinhentista. A poesia num Jornal Operário - O sul e o sueste 1919-1933*. Revista não periódica Câmara Municipal do Barreiro, 06-1990, II Série, Nº 3 Editor: Augusto Pereira Valegas

AA. VV. (1993) *Número Especial: História dos moinhos do Barreiro*. Revista não periódica Câmara Municipal do Barreiro, 11-1993, III Série, Nº 2 Editor: Augusto Pereira Valegas

AA. VV. (1993) *Património - Riegl e Hoje*. Revista da Faculdade de Letras, Editor: Ferreira de Almeida

AA. VV. (1999) *Embarcações Tradicionais do Tejo no Concelho do Barreiro* Câmara Municipal do Barreiro

AA. VV. (2009) *Programa de Acção REPARA - Candidatura para a Regeneração Programada da Área Ribeirinha de Alburrica*. Barreiro: Câmara Municipal do Barreiro, Departamento de Planeamento e Gestão Urbana, Projecto Municipal para Acções e Projectos Estratégicos

AGUIAR, J. (1999) A CIDADE DO FUTURO JÁ EXISTE HOJE: Algumas notas sobre reabilitação urbana. Lisboa: *Atic Magazine*, nº 24

AGUIAR, J. *Sebentas do MIARQ-INT-REAB - Recuperação e Reabilitação Arquitectónica*. Lisboa, Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa

ANDERTON, F. (1991) *Architecture for all Senses. Architectural Review. n. 1136*. London: MBC Architectural Press & Building, pp. 27-28.

BAHAMÓN, A; **ÁLVAREZ**, A. (2009) *Palafita: da arquitetura vernácula à contemporânea*. Lisboa. Argumentum

BATISTA, J. (2017) *O Imaginário da Água do Estuário do Tejo na Conceção da Paisagem - Reinvenção da Quinta Braamcamp no Barreiro*. Lisboa. Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa

CMB. (2013) *Barreiro Antigo: Uma visita pela História*. Câmara Municipal do Barreiro, 07-2003

CMB. (2015) *Guia Documental da Casa Reynolds / Sociedade Nacional de Cortiças*, Caderno 05/2015 – DPC/CMB. Câmara Municipal do Barreiro, 07-2015, Espaço Memória – Arquivo Municipal

CAMARÃO, A. (2010) *Musa museus. arqueologia & outros patrimónios 3*. Setúbal, pp. 215-220

COELHO, C. ; **COSTA**, J. (2006) *A Renovação Urbana de Frentes de Água: Infraestrutura. espaço público e estratégia de cidade como dimensões urbanísticas de um território pós-industrial*. Lisboa. CEFA e CIAUD

CULLEN, G. (2008) *Paisagem urbana*. Lisboa: Edições 70

CUSTÓDIO, J. (2005) *"A indústria portuguesa época do Movimento moderno. 1925-1965". A arquitectura da indústria 1925-1965 Registo Docomomo Ibérico*. Barcelona. Fundação DOCOMOMO Ibérico, pp. 14-35

DERRUAU, M. (1977) *"Geografia Humana". Volume II*. Lisboa. Editorial Presença,

DIAS, F. (2017) *"(H)à outra margem: O equipamento como elemento referencial da cidade | Barreiro-Alburrica*. Lisboa. Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa"

FARIA, C (2010) "Industrialização e Urbanização em Portugal: que relação? O caso do Anteplano de Urbanização da Vila do Barreiro de 1957", *Malha Urbana*, nº9, pág.79-101

FOLGADO, D. (2005) *"O lugar da indústria no território". A arquitectura da indústria. 1925-1965 Registo Docomomo Ibérico*. Barcelona. Fundação DOCOMOMO Ibérico,

GOMES, C. (2011) *O preço da memória: A sustentabilidade do património cultural edificado*. Lisboa

HALBWACHS, Maurice (1990) *A memória coletiva*. São Paulo. Edições Vértica

LOUÇÃO, Maria Dulce (2016) *Habitar o desabitado: Um contributo para arquitetura de interiores*. Lisboa. Caleidoscópio

LUÍS, Armando (2016) *Imaginários da paisagem*. Lisboa. Faculdade de Belas Artes

LYNCH, K (2007) *A boa forma da cidade*. Lisboa. Edições 70

LYNCH, K. (1960). *A Imagem da Cidade. (3a Edição)*. Lisboa: Edições 70

MACHADO, J. (1991) *Vocabulário Português de Origem Árabe*. Editorial Notícias

MENDELS, F. (1972) *Proto-Industrialization: The First Phase of the Industrialization Process. The Journal of Economic History*. The Tasks of Economic History, pp.241-261

MENDES, J. ; **FARIA**, M. (2010) *Actas do colóquio internacional Industrialização em Portugal no século XX: o caso do Barreiro:* Lisboa. EDIUAL

NEVES, R. ; **VEIGA**, M. (2013) *Workshop Estejo: Alburrica. Organização: Faculdade de Arquitectura e Artes da Universidade Lusíada de Lisboa*. Lisboa. Universidade Lusíada Editora

SAMPAIO, Maria da Luz (coord.), *Reconversão e Musealização de Espaços Industriais. Actas do Colóquio de Museologia Industrial*. 2002. Associação para o Museu da Ciência e da Indústria, Porto, pp. 3-8.

SILVA, J. (2018) *Olhar a Paisagem do Barreiro - O Equipamento como Elemento de Ligação entre a Cidade e o Rio. Centro de Educação e Preservação da Vida Estuarina. em Alburrica*. Lisboa. Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa

TICCIH (2003) *Carta de Nizhny Tagil sobre o Património Industrial. Nizhny Tagil*

TICCIH, *The International Commitee for the Conservation of the Industrial Heritage* (Consultado em: http://www.mnactec.cat/ticcih/)

VALENTINI, Silvia (2012) *Os Sentidos da Paisagem*. São Paulo. Faculdade de arquitetura e urbanismo

ZUMTHOR, P. (2006) *Atmosferas*. Barcelona. Editorial Gustavo Gili

ANEXOS

ANEXOS I | COMPLEMENTOS AO TRABALHO DE INVESTIGAÇÃO

- Plantas históricas
- Fotografias aéreas

ANEXOS II | COMPLEMENTOS AO TRABALHO PRÁTICO

- Registos Fotográficos históricos
- Registos Fotográficos do Autor, 2018
- Referências de Projetos Complementares

ANEXOS III | PROCESSO DE TRABALHO

- Esboços e desenhos
- Maquetes

ANEXOS IV | PEÇAS FINAIS

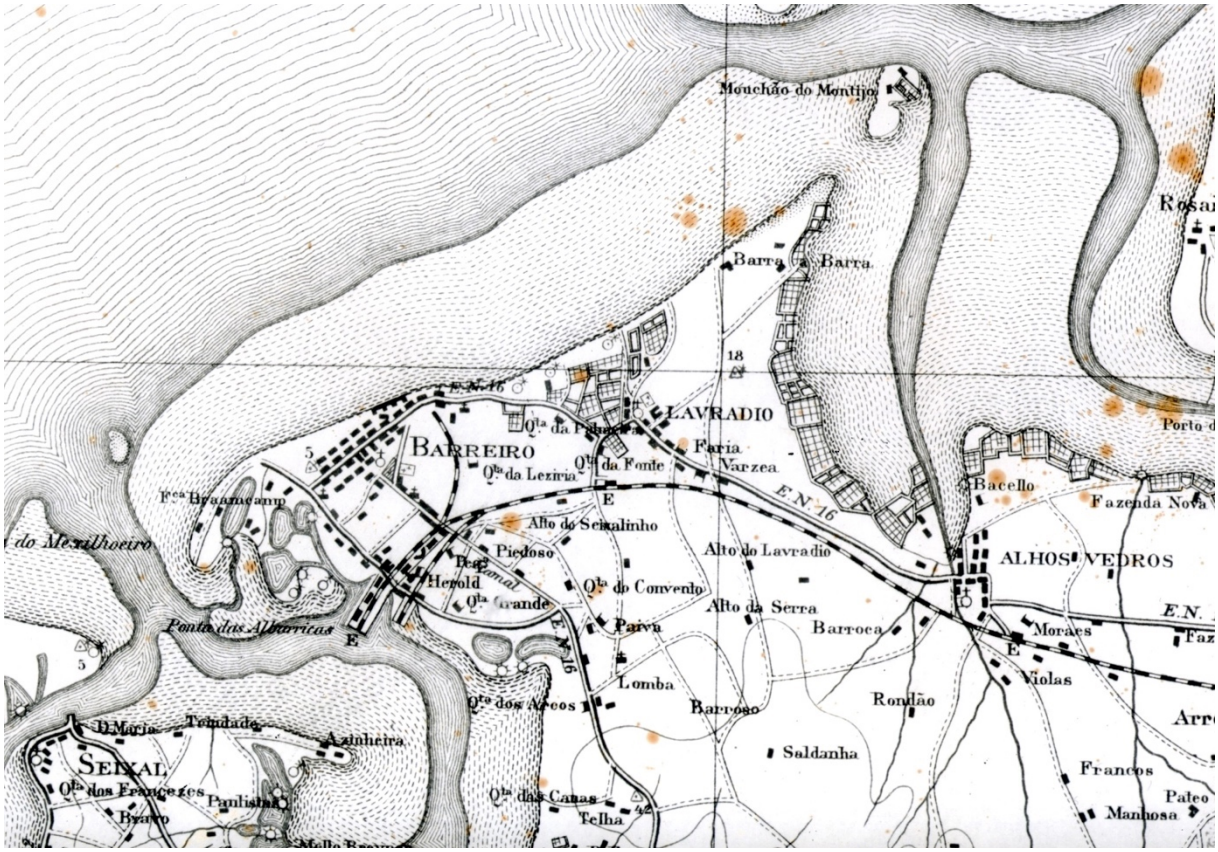
ANEXOS I | COMPLEMENTOS AO TRABALHO DE INVESTIGAÇÃO

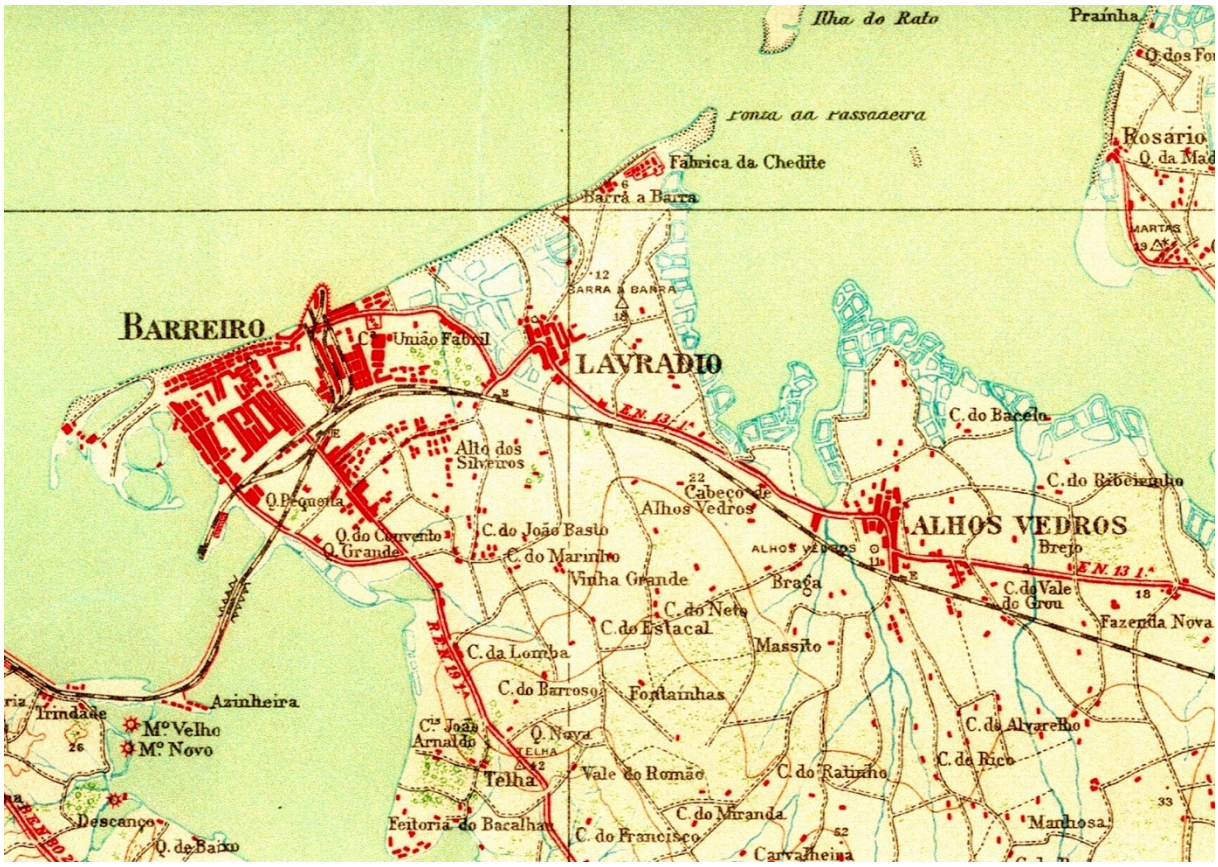
PLANTAS HISTÓRICAS

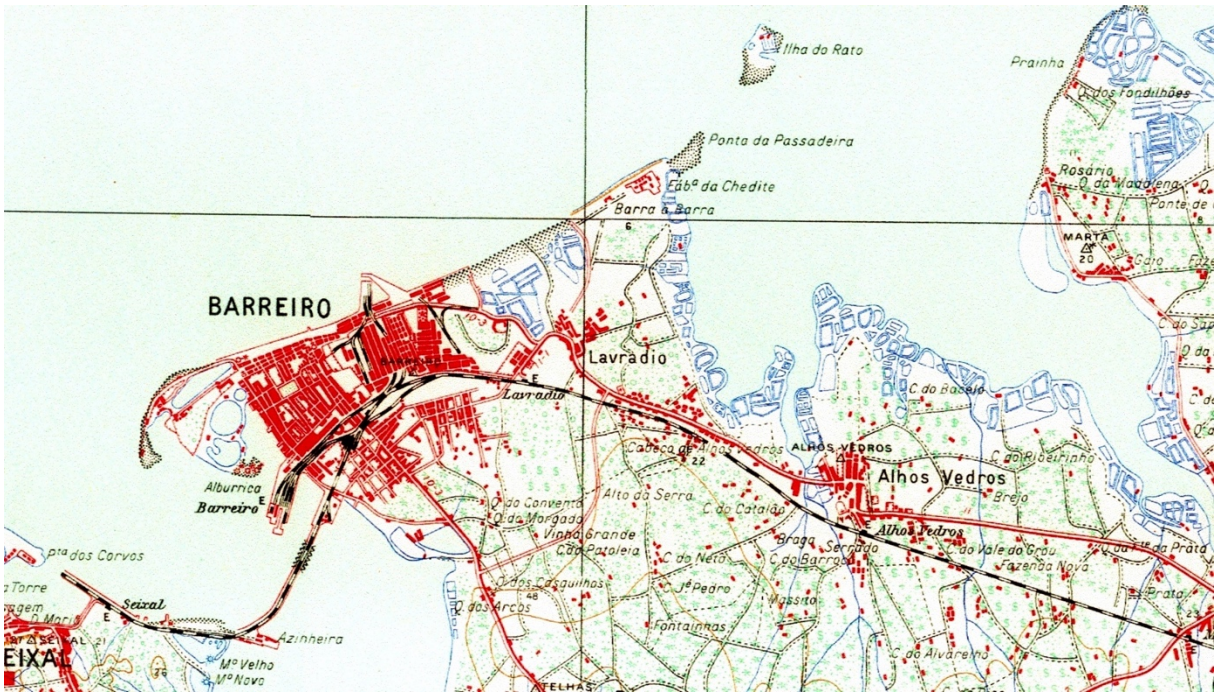


Extracto da carta dos Arredores de Lisboa – 1816 (IPCC)



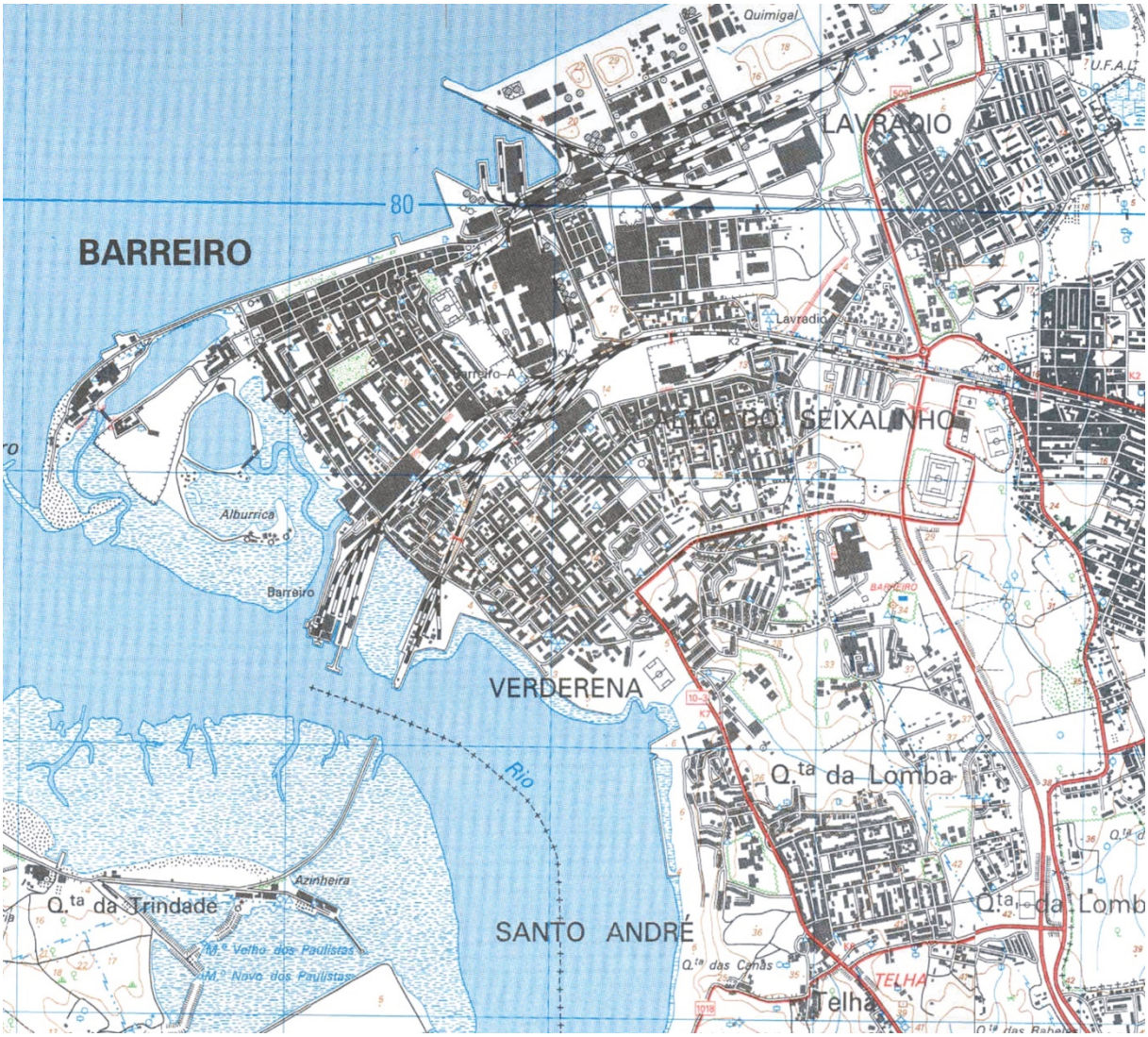

Mouchão do Montijo
Barra a Barra
LAVRADIO
BARREIRO
Faria
Varzea
Bacello
Fazenda Nova
ALHOS VEDROS
Alto do Seixalinho
Piedoso
Herold
Alto do Lavradio
Alto da Serra
Barroca
Moraes
Violas
Paiva
Lomba
Barroso
Rondão
Saldanha
Francos
Manhosa
Pateo
Ponta das Albarricas
Trindade
Azinheira
SEIXAL
Telha


Ilha do Rato
Praínha
Ponta da Passadeira
Fabrica da Chedite
Barra a Barra
Rosário
BARREIRO
União Fabril
LAVRADIO
C. do Bacelo
Alto dos Silveiros
Cabeço de Alhos Vedros
ALHOS VEDROS
Brejo
Q. Pequena
Q. do Convento
Q. Grande
C. do João Basto
C. do Marinho
Vinha Grande
Braga
C. do Vale do Grou
Fazenda Nova
C. do Neto
C. do Estacal
Massito
C. da Lomba
C. do Barroso
Fontainhas
Azinheira
Trindade
Mº Velho
Mº Novo
Q. Nova
Telha
Vale do Romão
C. do Ratinho
C. do Alvarelho
C. do Rico
Descanço
Q. de Baixo
Feitoria do Bacalhau
C. do Francisco
C. do Miranda
Manhosa
Carvalheira


Ilha do Rato
Prainha
Ponta da Passadeira
Fáb.ª da Chedite
Barra à Barra
Rosário
MARTA
BARREIRO
Lavradio
Lavradio
C. do Baceio
ALHOS VEDROS
Alhos Vedros
Alhos Vedros
Alburrica
Barreiro
Alto da Serra
C. do Catalão
Vinha Grande
C. da Patoleia
C. do Neto
Braga
Serrado
C. do Barroso
C. do Vale do Grou
Fazenda Nova
Pta dos Corvos
Seixal
Azinheira
Mº Velho
Mº Novo
Fontainhas
C. do Alvarelho
TELHAS


BARREIRO
ETAR
Quimiparque
Lavradio
Alto do Seixalinho
ALTO DA PAIVA
Alburrica
Barreiro
Verderena
Ota. da Lomba
Santo André
Azinheira
Azinheira
Ota. de Trindade
TELHA


BARREIRO
LAVRADIO
Q. da Palmeira
Q. da Fonte
Lavradio
Fábr. Braamcamp
Alburrica
C. António Maria
C. do João Bastos
Q. do Convento
Q. do Morgado
C. do Máximo
Alto da Peiva
Vinha Grande
C. do Almeida
C. do Patoleia
C. do D. Luiz
C. Bordalena
Q. dos Casquilhos
C. da Lomba


Quimigal
U.F.A.L.
LAVRADIO
80
BARREIRO
Lavradio
Barreiro-A
SEIXALINHO
Alburrica
Barreiro
VERDERENA
Rio
Q.ta da Lomba
Azinheira
Q.ta da Trindade
SANTO ANDRÉ
M.os Velho dos Paulistas
M.os Novo dos Paulistas
Q.ta das Canas
TELHA
Telha

FOTOGRAFIAS AÉREAS









ANEXOS II | COMPLEMENTOS AO TRABALHO PRÁTICO

REGISTOS FOTOGRÁFICOS HISTÓRICOS





REGISTOS FOTOGRÁFICOS DO AUTOR, 2018

























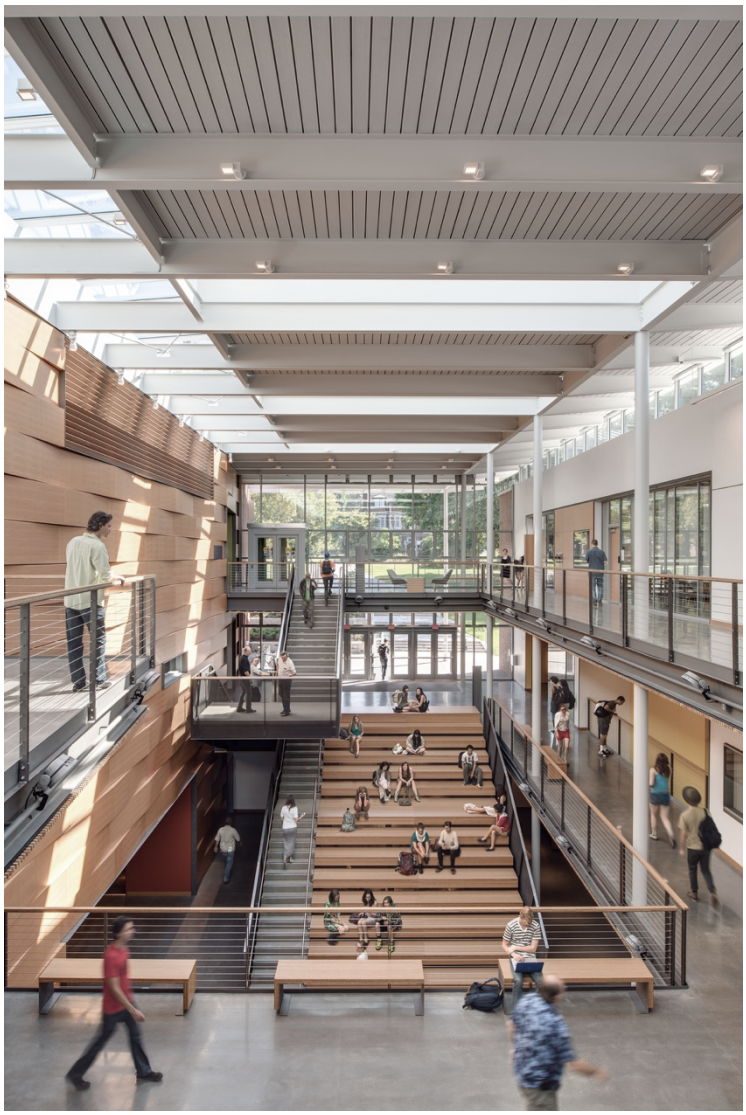




REFERÊNCIAS DE PROJETOS COMPLEMENTARES

EDIFÍCIO DA FACULDADE DE ARTES PERFORMÁTICAS REED | OPSIS ARCHITECTURE

https://www.archdaily.com.br/br/772146/9-projetos-selecionados-para-o-premio-aia-de-design-de-instalacoes-educacionais/55c9a811e58ece5c7d00024f-aia-announces-nine-education-facility-design-awards-photo



SPEED ART MUSEUM | KULAPAT YANTRASAST

https://arcspace.com/feature/speed-art-museum/?fbclid=IwAR10-1gm14iWOm0hPjivwYSTLSLYxx2DGW7bLmyLO3ETv4Avx2jythc0kiY





Pedreira Do Campo | M - Arquitectos

https://www.archdaily.com/566906/pedreira-do-campo-urban-planning-m-arquitectos?ad_medium=gallery

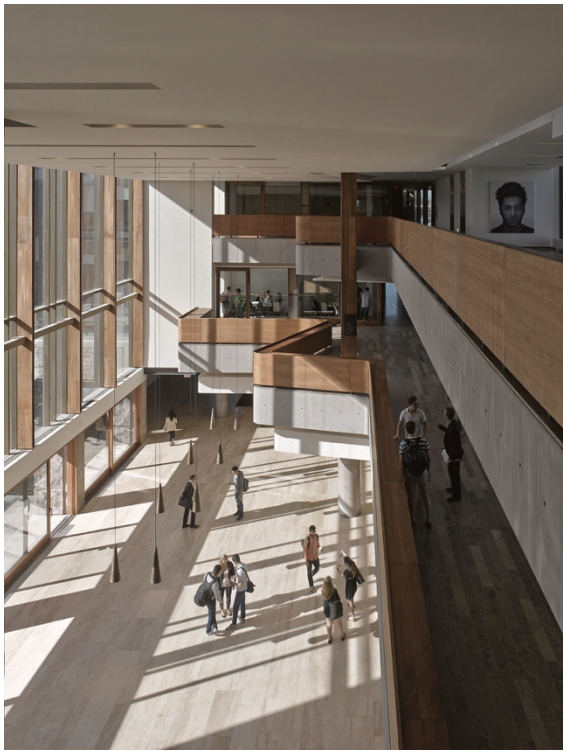




Edifício Richard Ivey | Hariri Pontarini Architects

https://www.archdaily.com.br/br/775103/edificio-richard-ivey-hariri-pontarini-architects?ad_medium=gallery





GAUDIN HOUSE | SAVIOZ FABRIZZI ARCHITECTES

https://www.archdaily.com/617834/gaudin-house-savioz-fabrizzi-architectes/





THE HIGH LINE | DS+R

https://dsrny.com/project/high-line





ANEXOS III | PROCESSO DE TRABALHO

ESBOÇOS E DESENHOS

1. UM PATRIMÓNIO ESQUECIDO

(RE)ERGUER A QUINTA BRAAMCAMP COMO CENTRO CULTURAL E CONGRESSOS

FACULDADE DE ARQUITETURA | SEMINÁRIOS DE APOIO AO PFM 2018
RICARDO VASCONCELOS DA SILVA | 20130337
5º ANO 2º SEMESTRE | 2017-2018 | TURMA D
ORIENTADORES: JOSÉ MANUEL DOS SANTOS AFONSO
JOSÉ LUÍS MOURATO CRESPO

PALAVRAS-CHAVE: MEMÓRIA, PATRIMÓNIO, INDÚSTRIA, REABILITAÇÃO, AUTOSUSTENTABILIDADE



ÁREA DE INTERVENÇÃO | ALBURRICA, BARREIRO

PROBLEMÁTICAS:

1. DESCONECTADO DO CENTRO DO BARREIRO
2. ESPAÇO PÚBLICO NÃO QUALIFICADO
3. DESCARACTERIZAÇÃO DA NATUREZA E DA ENVOLVENTE
4. DETERIORIZAÇÃO DO PATRIMÓNIO ARQUITETÓNICO DO LUGAR

OBJETIVOS:

1. DEVOLVER À CIDADE O PATRIMÓNIO NATURAL E ARQUITETÓNICO
2. RECUPERAR AS MEMÓRIAS DO BARREIRO E ALBURRICA
3. CONCEBER UM PONTO DE ATRATIVIDADE PARA O LUGAR
4. DILUIR AS BARREIRAS FÍSICAS E VISUAIS E REQUALIFICAR O ESPAÇO PÚBLICO
5. CRIAR PERCURSOS PEDONAIS E ACESSOS AOS PONTOS MARCANTES
6. REQUALIFICAR AS LAGOAS

QUESTÕES DE TRABALHO:

1. PODERÁ UM EQUIPAMENTO CULTURAL PROMOVER UM PROCESSO DE REVITALIZAÇÃO NO PARQUE NATURAL DA ALBURRICA?
2. PORQUÊ CRIAR UM EDIFÍCIO SUSTENTÁVEL?
3. COMO REALIZAR A REABILITAÇÃO DO EDIFÍCIO E DO ESPAÇO VERDE?

EVOLUÇÃO DO COMPLEXO DA QUINTA BRAAMCAMP AO LONGO DO TEMPO



ANTIGA QUINTA BRAAMCAMP



DEMOLIÇÃO DA ANTIGA FÁBRICA DA SOCIEDADE CORTICEIRA



RUÍNAS DA QUINTA BRAAMCAMP



ANTIGA FÁBRICA DA SOCIEDADE CORTICEIRA



RUÍNAS DA QUINTA BRAAMCAMP



RUÍNAS DO MOINHO DE MARÉ

BIBLIOGRAFIA



CASOS DE ESTUDO





DANIEL LIEBESKIND | JEWISH MUSEUM | BERLIM
ESTRUTURA QUE REMETE À NATUREZA E É ALUSIVO AO PATRIMÓNIO NATURAL DO LOCAL



NIETO SOBEJANO ARQUITECTOS | MORITZBURG MUSEUM | HALLE
PRESERVAÇÃO DA RUÍNA COM ARQUITETURA CONTEMPORÂNEA



TABANLIOGLU ARCHITECTS| DAKAR CONGRESS CENTER | DAKAR
EDIFÍCIO SUSTENTÁVEL, CONECTANDO OS VÁRIOS BLOCOS COM UMA ÚNICA COBERTURA



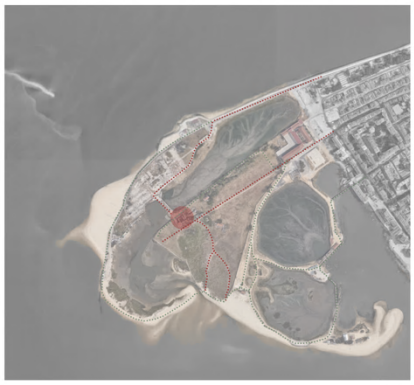
TURENSCAPE | QUNLI STORMWATER WETLAND PARK | HAERBIN
INTERVENÇÃO NÃO EVASIVA EM TERRITÓRIO SELVAGEM, RESPEITANDO O CARIZ DE ZONA PROTEGIDA

2. UM PATRIMÓNIO ESQUECIDO

(RE)ERGUER A QUINTA BRAAMCAMP COMO CENTRO CULTURAL E CONGRESSOS

FACULDADE DE ARQUITETURA | SEMINÁRIOS DE APOIO AO PFM 2018
RICARDO VASCONCELOS DA SILVA | 20130337
5º ANO 2º SEMESTRE | 2017-2018 | TURMA D
ORIENTADORES: JOSÉ MANUEL DOS SANTOS AFONSO
JOSÉ LUÍS MOURATO CRESPO

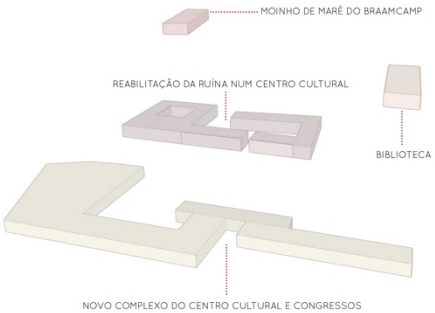
ACESSIBILIDADES DO CENTRO DA CIDADE PARA ALBURRICA



PONTOS MARCANTES DA ALBURRICA

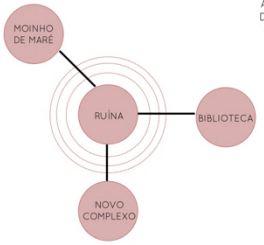


1. ESCOLA PRIMÁRIA
2. MOINHO DE MARÉ PEQUENO
3. MOINHO DE MARÉ GRANDE
4. MOINHOS A VENTO
5. MOINHO DE MARÉ DO BRAAMCAMP
6. ALDEIA DE PESCADORES

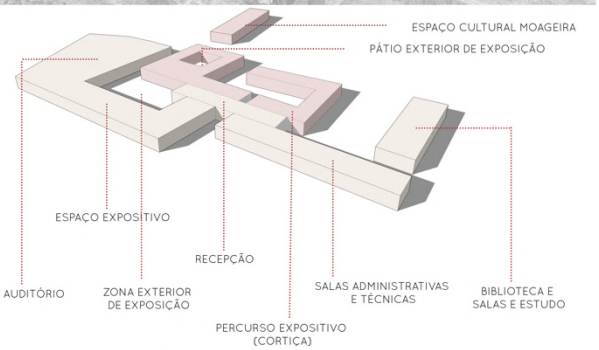


IMPLANTAÇÃO DA PROPOSTA DE PROJETO





A RUÍNA DA QUINTA BRAAMCAMP É O CENTRO DE TODO O DESENVOLVIMENTO DA PROPOSTA. ELA COMPORTA-SE COMO UM NÚCLEO QUE DISPERSA PARA OS OUTROS ELEMENTOS. A NÍVEL DE DESENHO URBANO TODOS OS PERCUROS CONVERGEM PARA A RUÍNA



FOTOS DOS PONTOS MARCANTES DO LUGAR

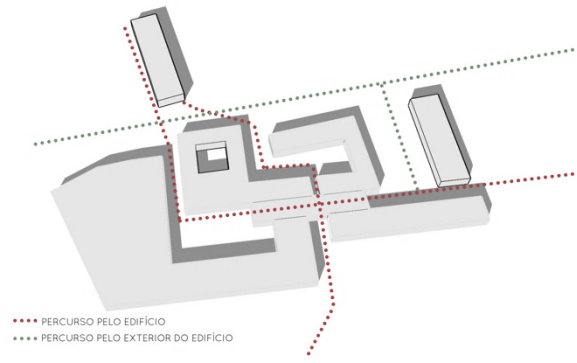

PRAIA NA ALBURRICA

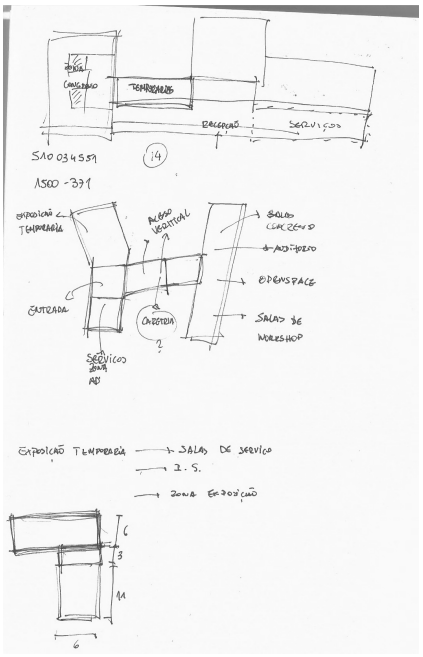

MOINHO DE MARÉ DO BRAAMCAMP

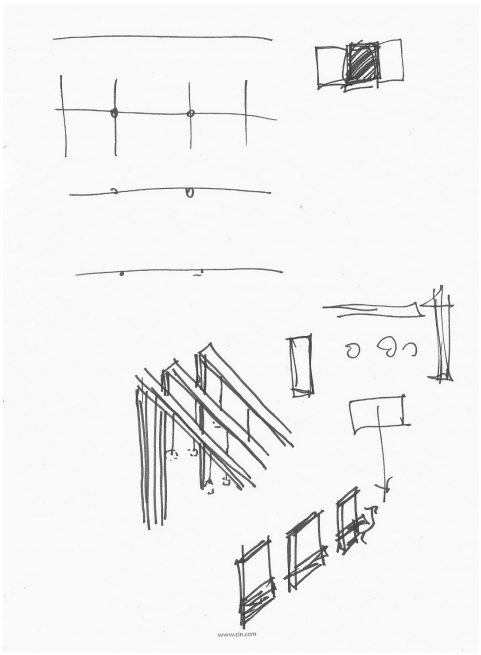

MOINHO DE VENTO A SUL DA ALBURRICA

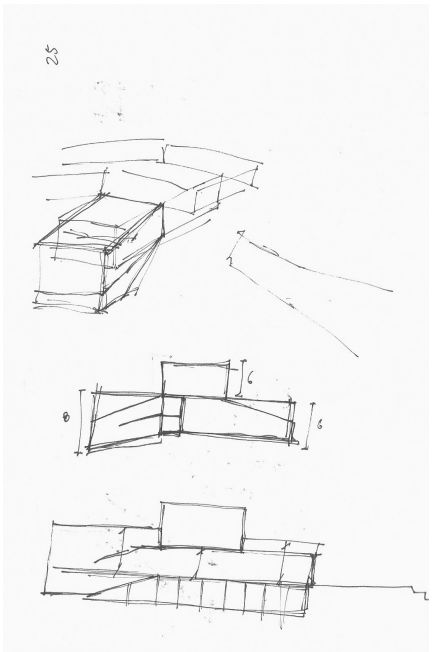

MOINHO DE MARÉ PEQUENO

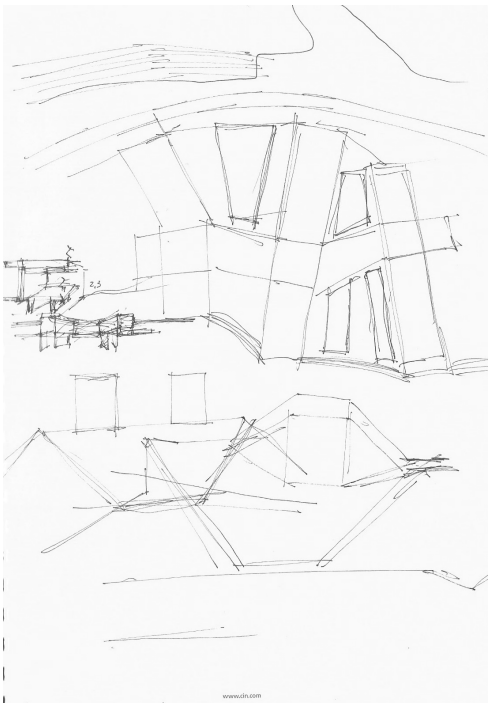
ESQUEMA DE PERCURSO NA INTERVENÇÃO DO PROJETO

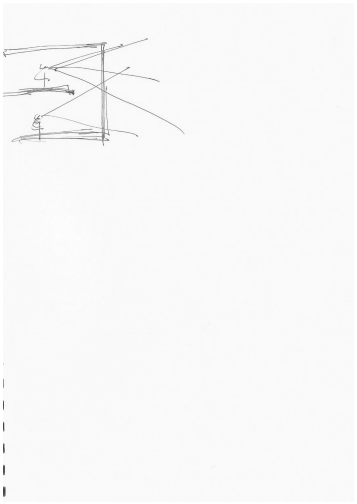


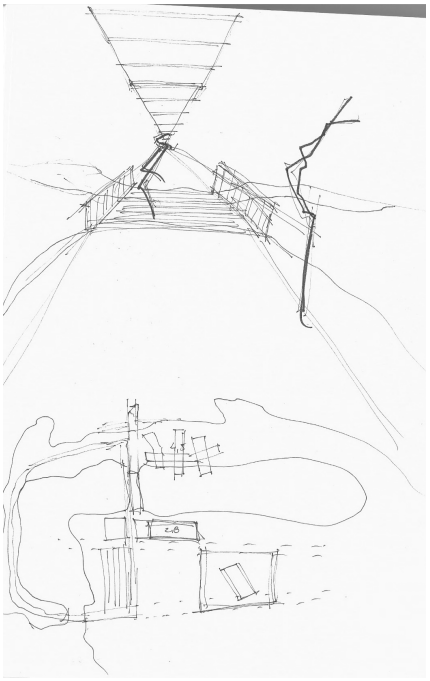

TEMPORÁRIA
EXPOSIÇÃO TEMPORÁRIA
SALAS DE WORKSHOP
EXPOSIÇÃO TEMPORÁRIA
SALAS DE SERVIÇO
Z. S.

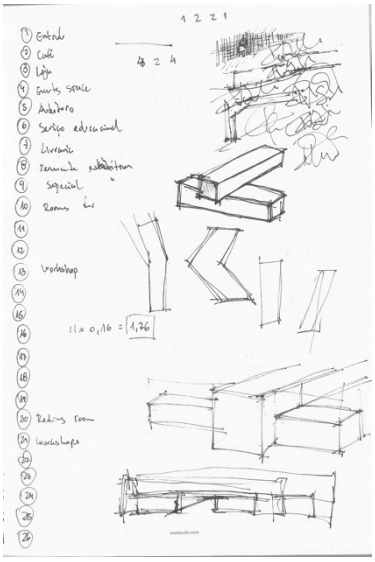


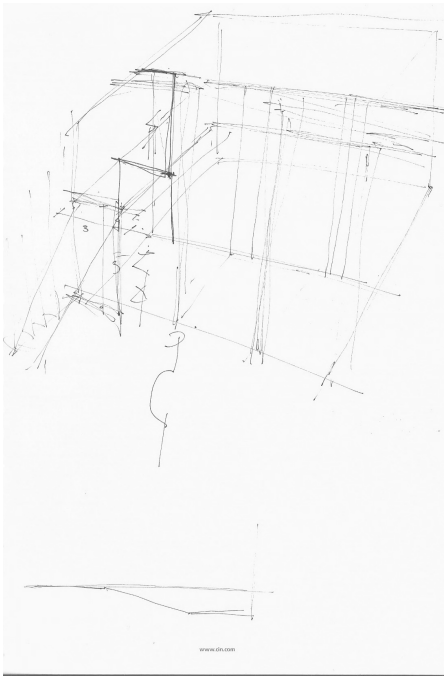


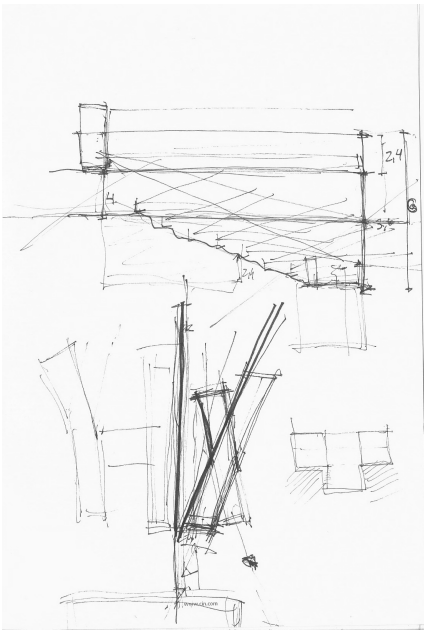


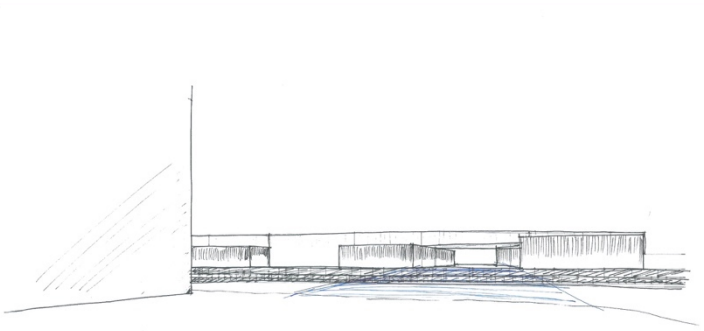


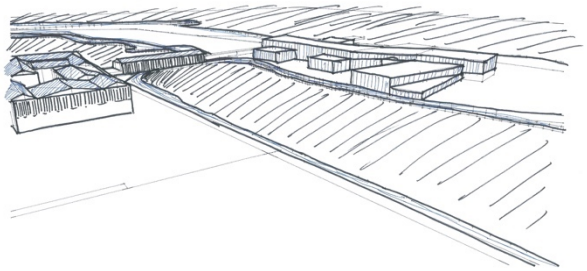


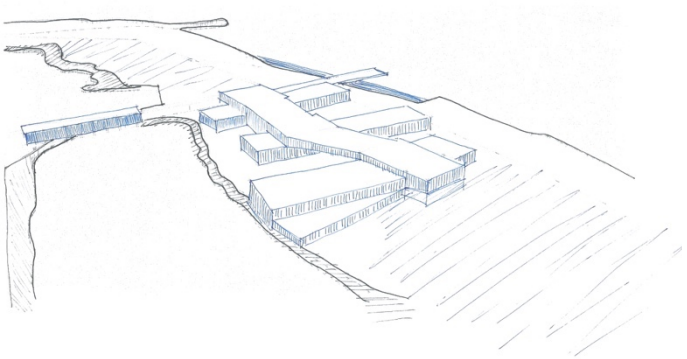

1 2 2 1
1 Entrada
2 Café
3 Loja
4 Guarda space
5 Auditório
6 Serviço educacional
7 Livraria
8 Remanda exhibition
9 Especial
10 Rooms for
11
12
13 Workshop
14
15
16
17
18
19
20 Reading room
21 Workshops
22
23
24
25
26
11 x 0,16 = 1,76
www.cin.com


www.cin.com

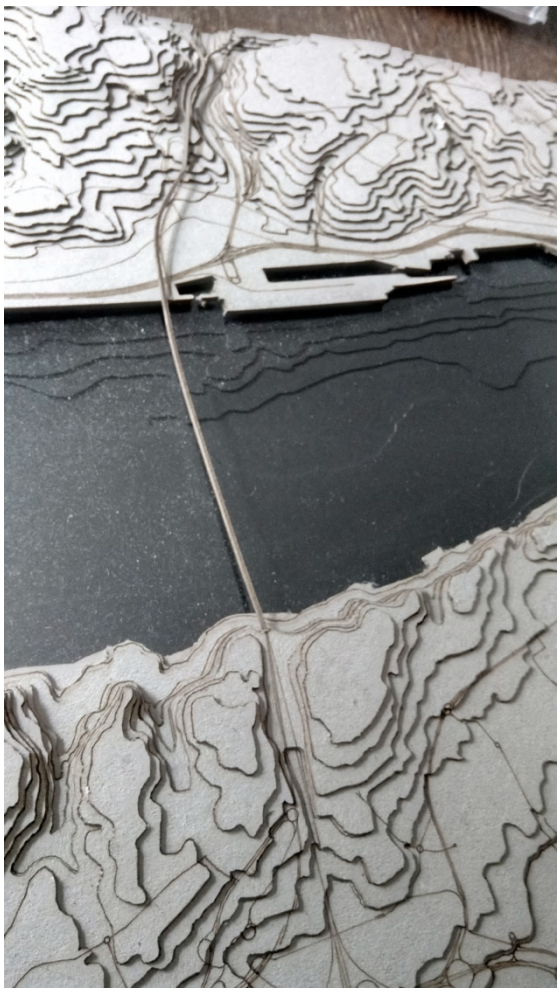

2.4



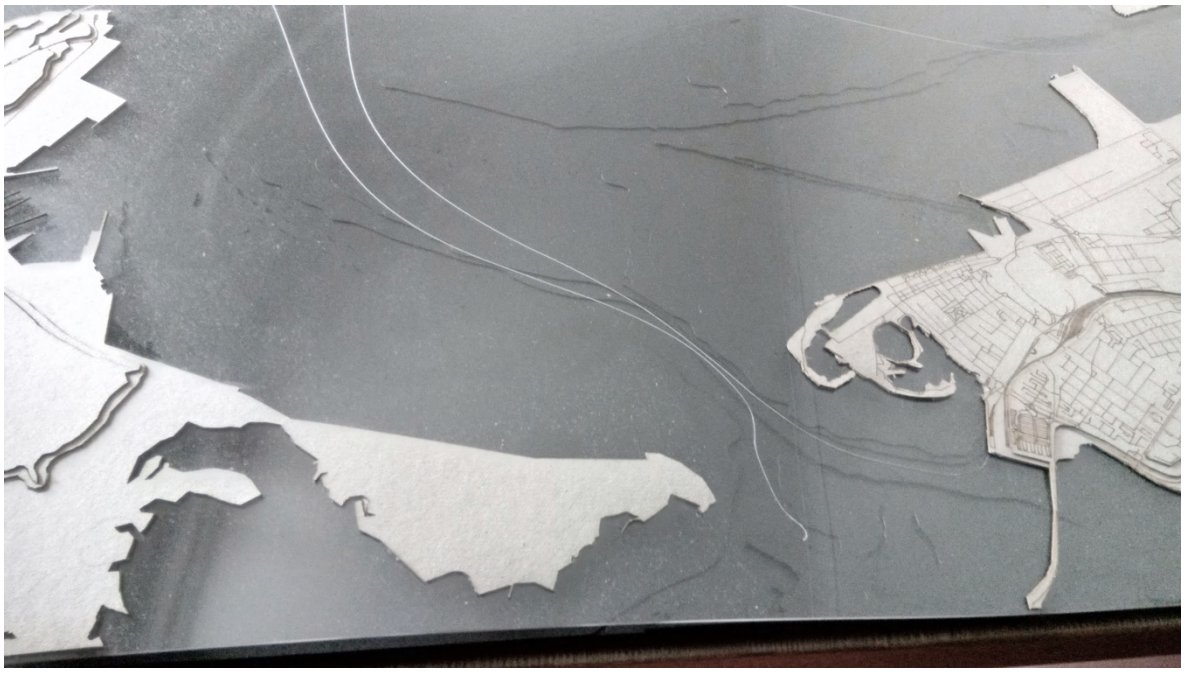




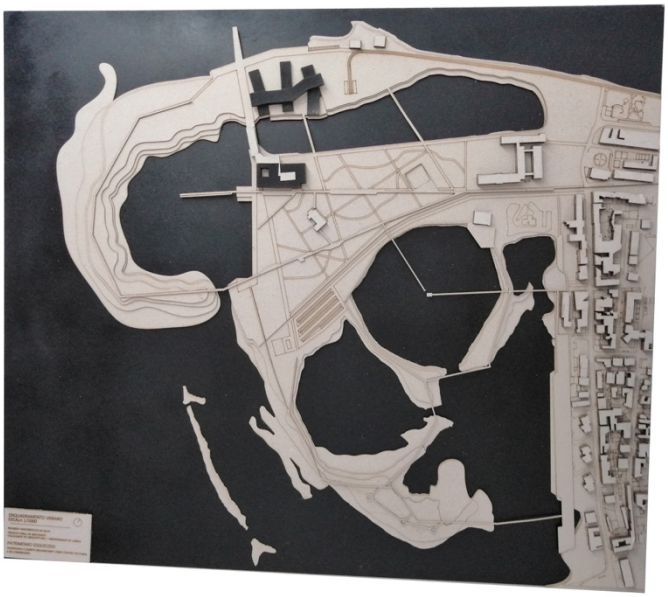
MAQUETES

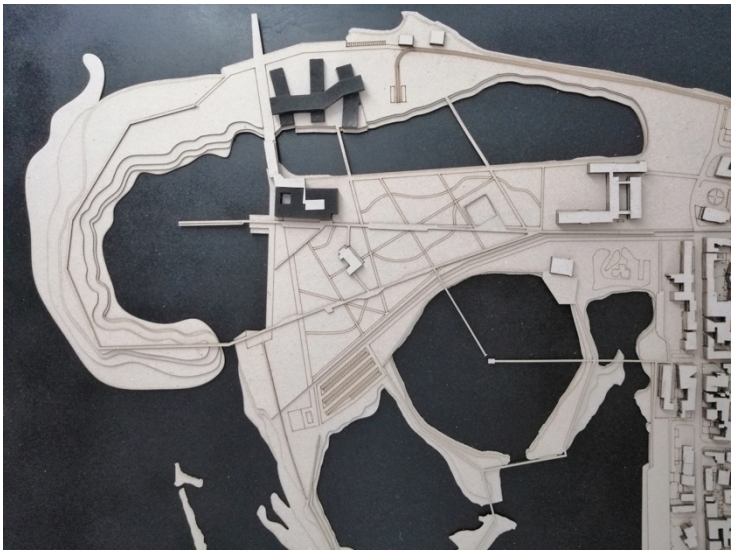


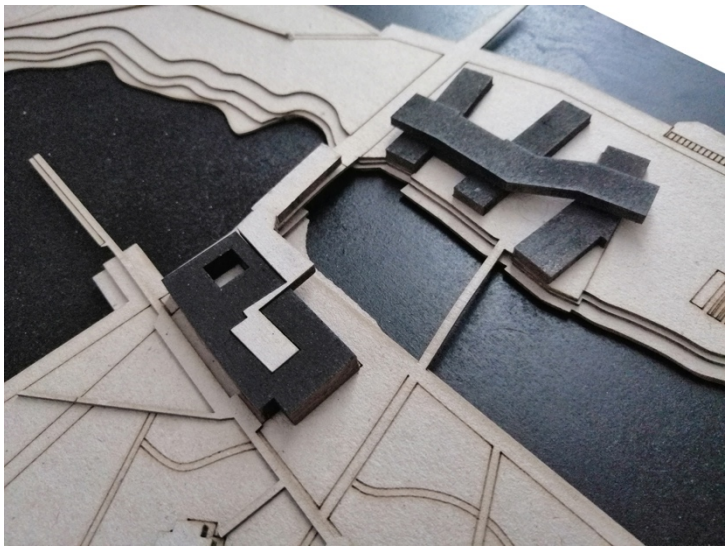


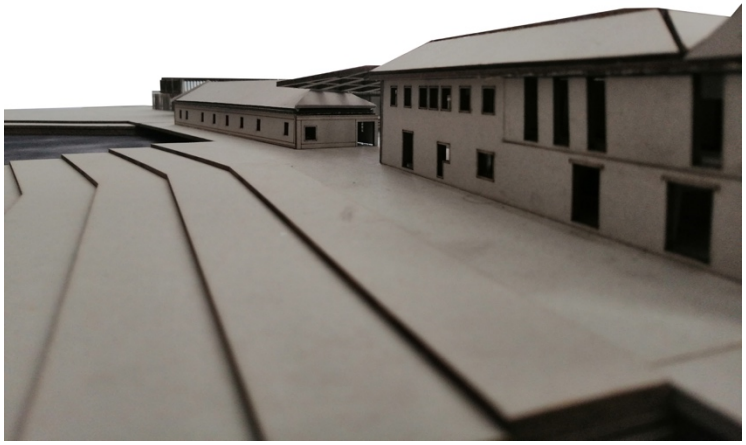


ANEXOS IV | PEÇAS FINAIS

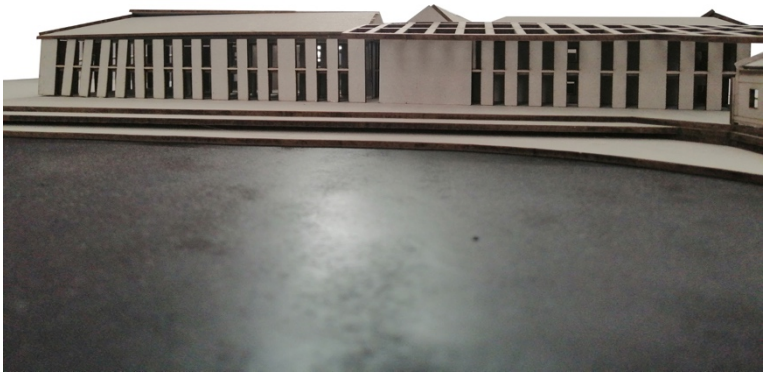


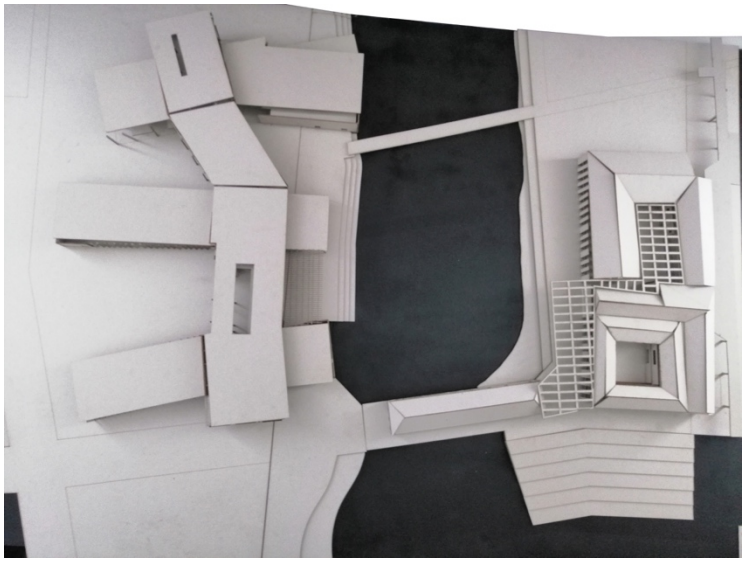


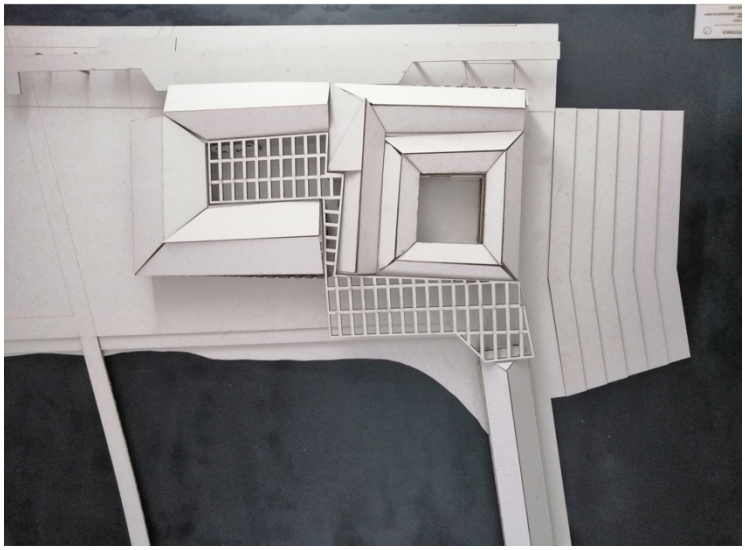




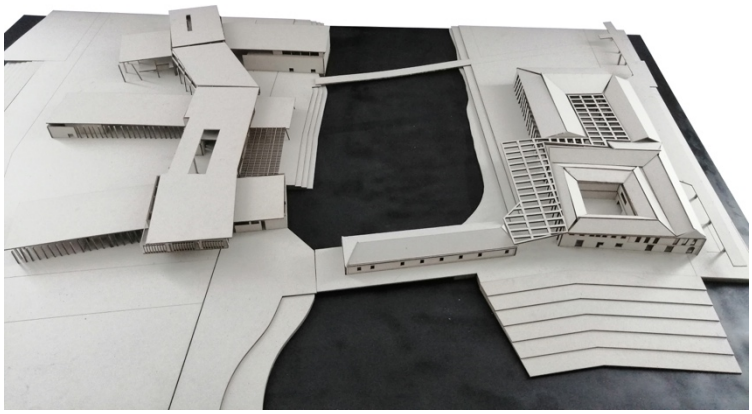


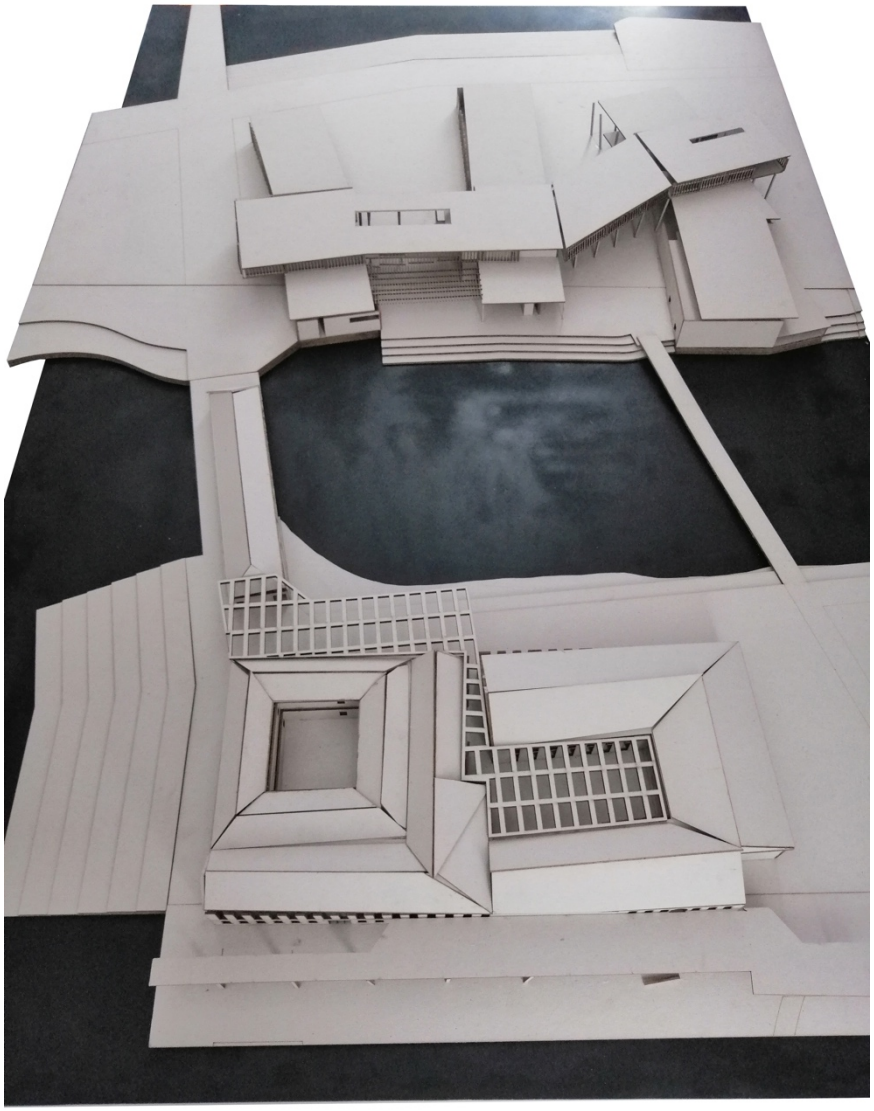




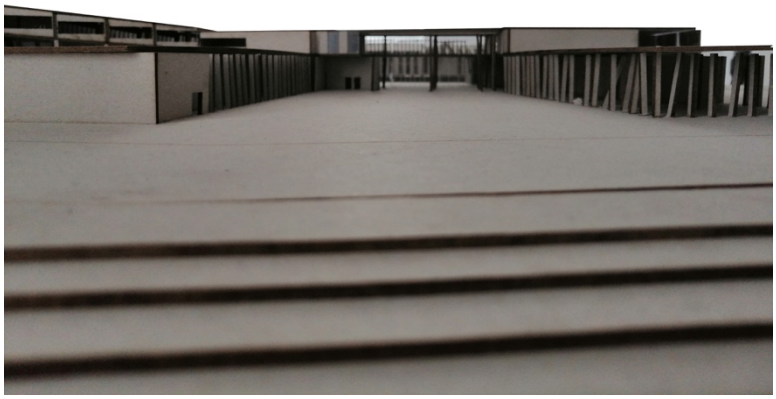


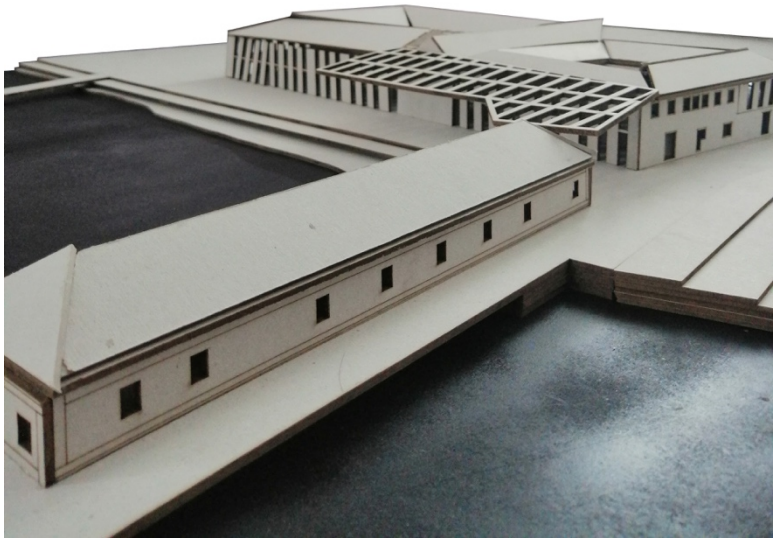














FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

U LISBOA | UNIVERSIDADE DE LISBOA

RICARDO VASCONCELOS DA SILVA | 20130337 | 13 DE MARÇO DE 2019
ORIENTAÇÃO: PROFESSOR DOUTOR PEDRO RODRIGUES
PROFESSOR DOUTOR JOSÉ CRESPO

O PATRIMÓNIO ESQUECIDO: (RE)ERGUER A QUINTA BRAAMCAMP
COMO CENTRO CULTURAL E DE CONGRESSOS

PROPOSTA ARQUITETÓNICA
PLANTA DE CONTEXTUALIZAÇÃO

ESCALA 1:3500











FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

U LISBOA | UNIVERSIDADE DE LISBOA

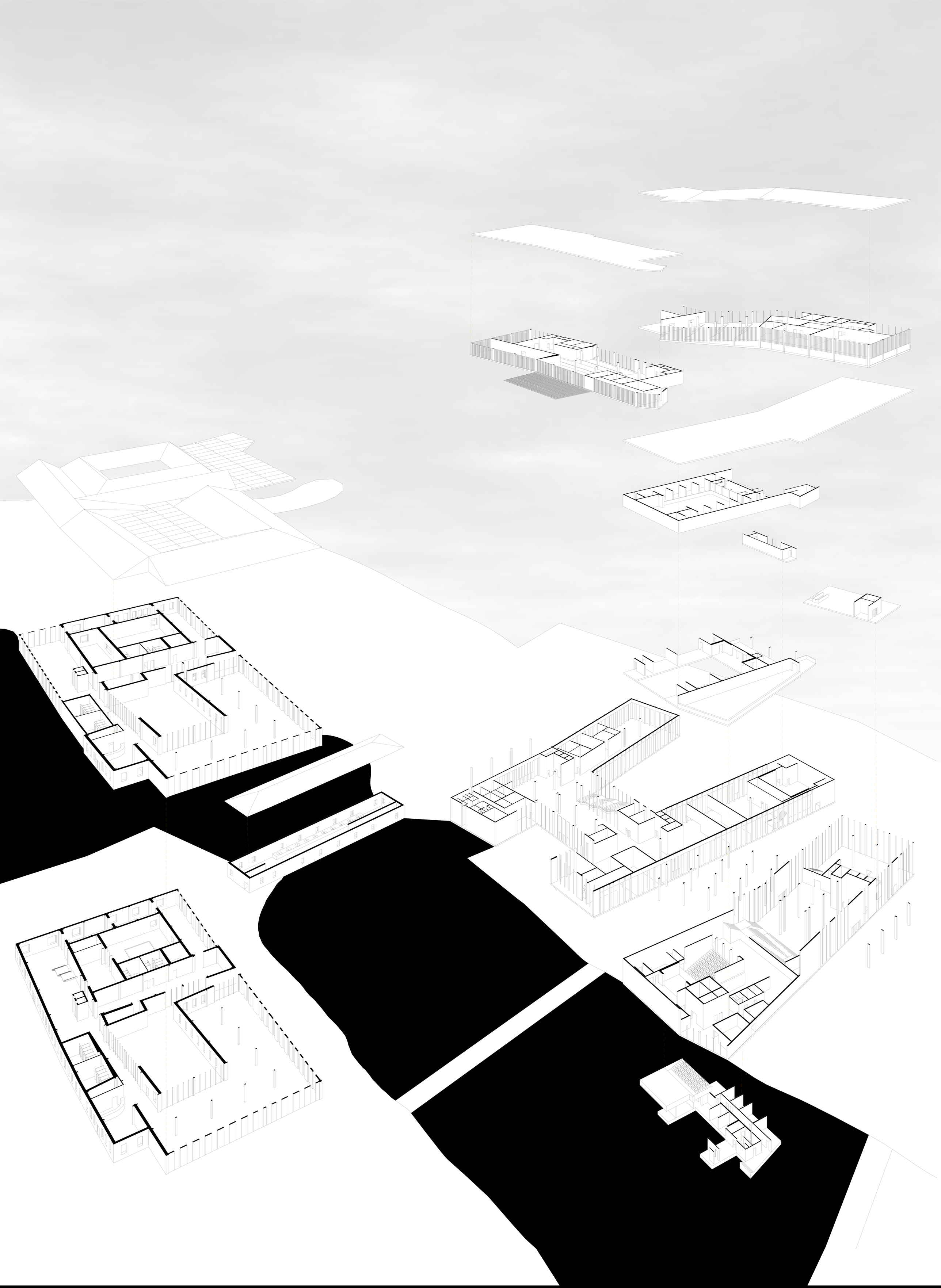
RICARDO VASCONCELOS DA SILVA | 20130337 | 13 DE MARÇO DE 2019
ORIENTAÇÃO: PROFESSOR DOUTOR PEDRO RODRIGUES
PROFESSOR DOUTOR JOSÉ CRESPO

O PATRIMÓNIO ESQUECIDO: (RE)ERGUER A QUINTA BRAAMCAMP
COMO CENTRO CULTURAL E DE CONGRESSOS

PROPOSTA ARQUITETÓNICA
PLANTA DE ENQUADRAMENTO URBANO

ESCALA 1:2000

02



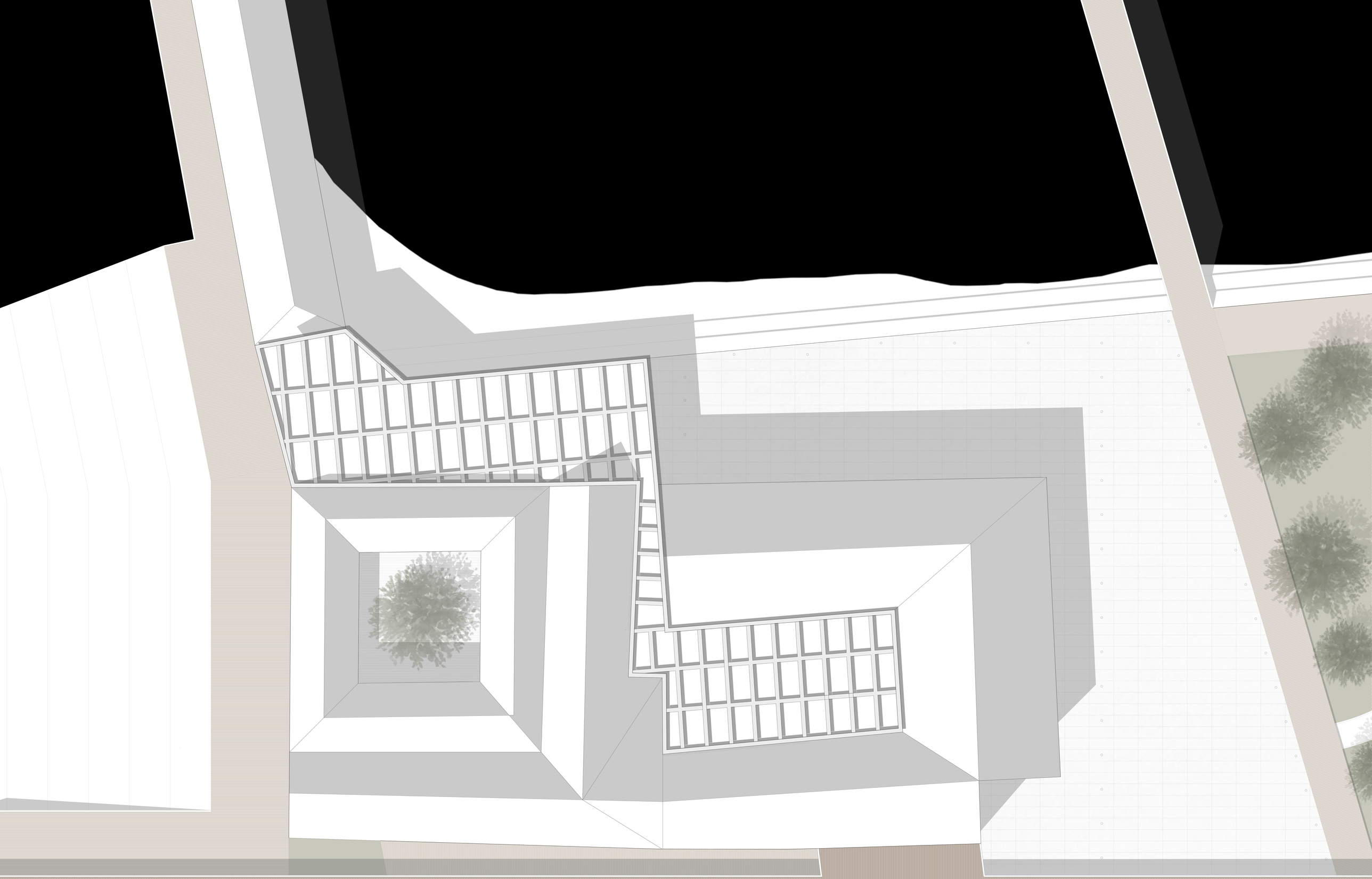
FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

U LISBOA | UNIVERSIDADE DE LISBOA

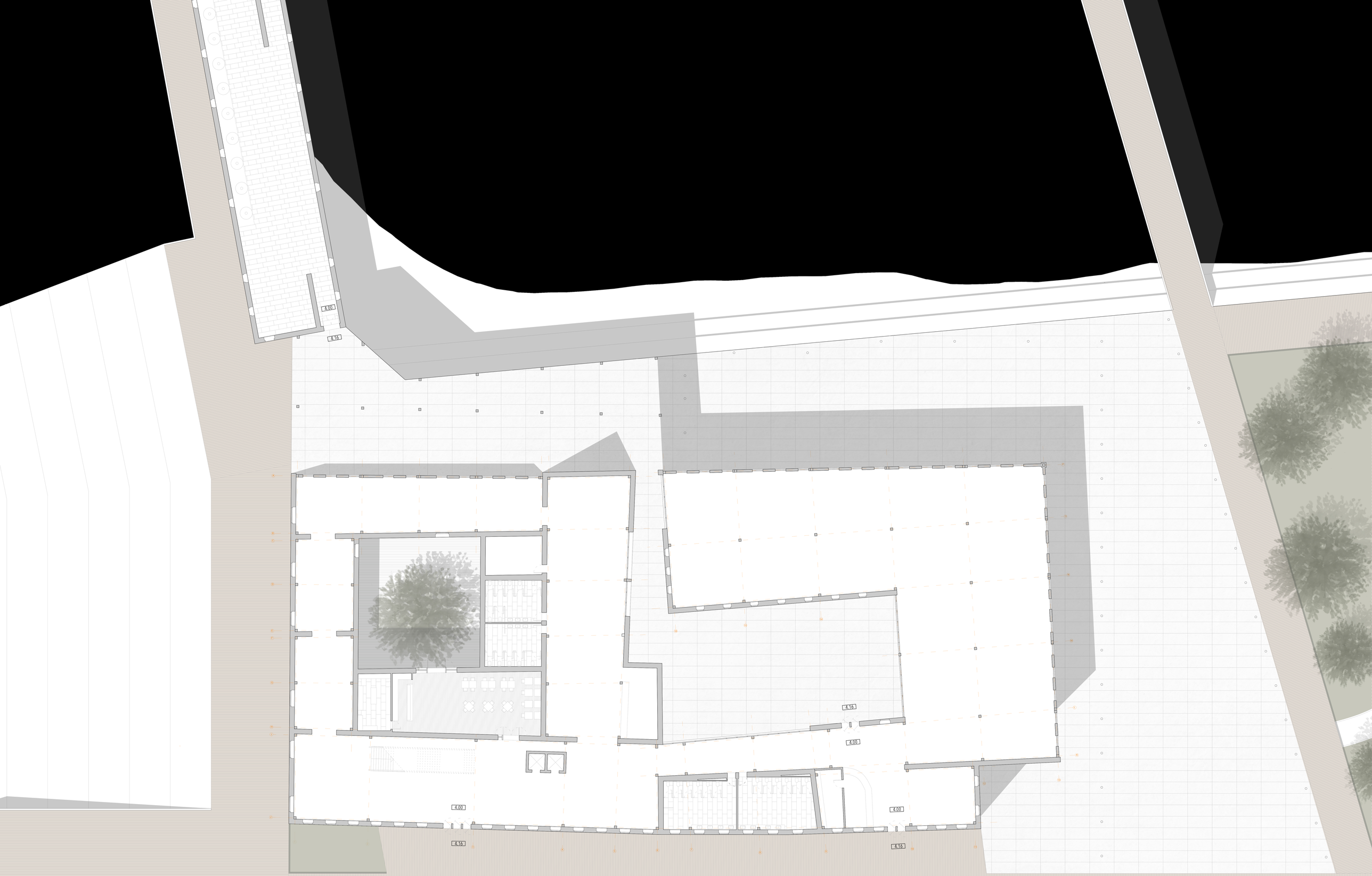
RICARDO VASCONCELOS DA SILVA | 20130337 | 13 DE MARÇO DE 2019
ORIENTAÇÃO: PROFESSOR DOUTOR PEDRO RODRIGUES
PROFESSOR DOUTOR JOSÉ CRESPO

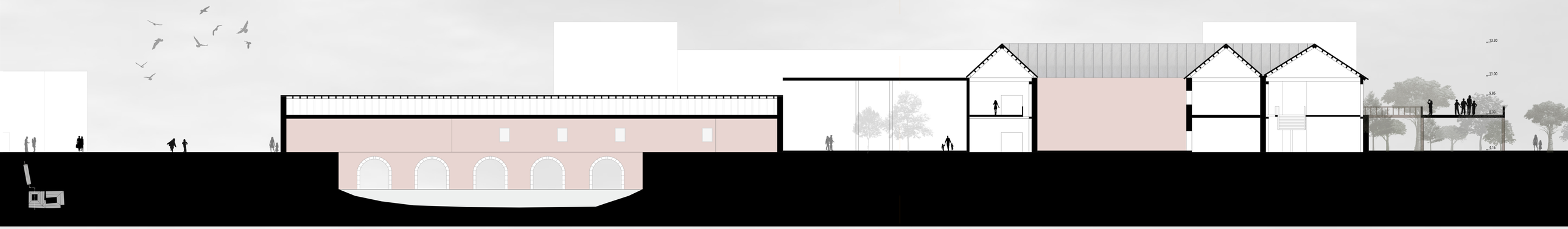
O PATRIMÓNIO ESQUECIDO: (RE)ERGUER A QUINTA BRAAMCAMP
COMO CENTRO CULTURAL E DE CONGRESSOS

PROPOSTA ARQUITETÓNICA
AXONOMETRIA EXPLODIDA

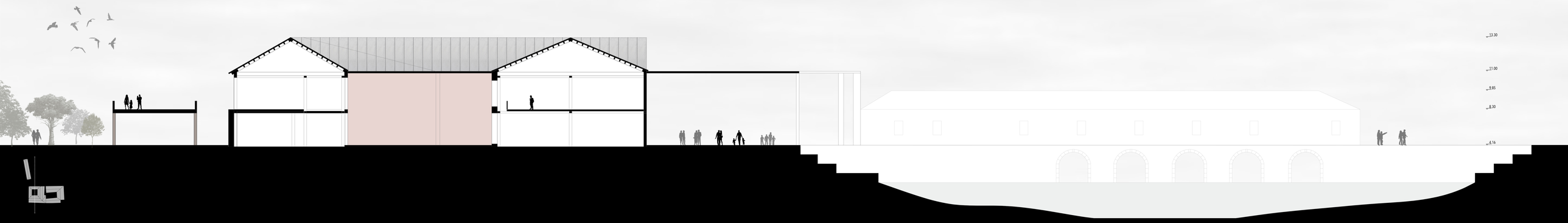



8.30
8.30


4.00
4.16
4.16
4.00
4.00
4.16
4.00
4.16







FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

U LISBOA | UNIVERSIDADE DE LISBOA

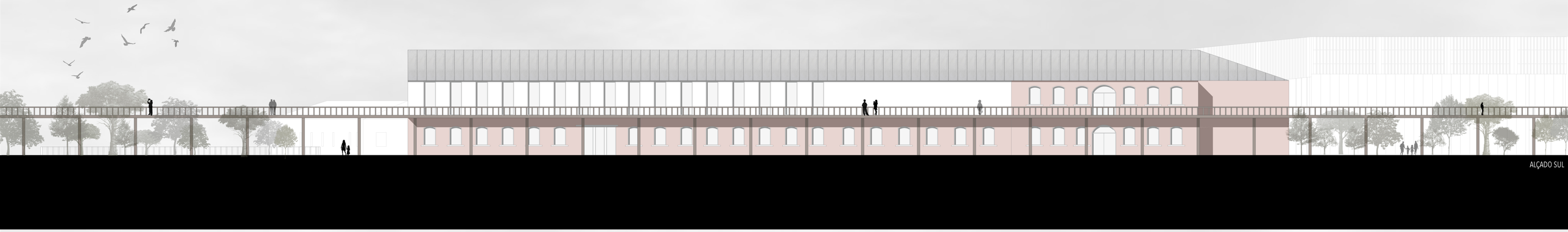
RICARDO VASCONCELOS DA SILVA | 20130337 | 13 DE MARÇO DE 2019
ORIENTAÇÃO: PROFESSOR DOUTOR PEDRO RODRIGUES
PROFESSOR DOUTOR JOSÉ CRESPO

O PATRIMÓNIO ESQUECIDO: (RE)ERGUER A QUINTA BRAAMCAMP
COMO CENTRO CULTURAL E DE CONGRESSOS

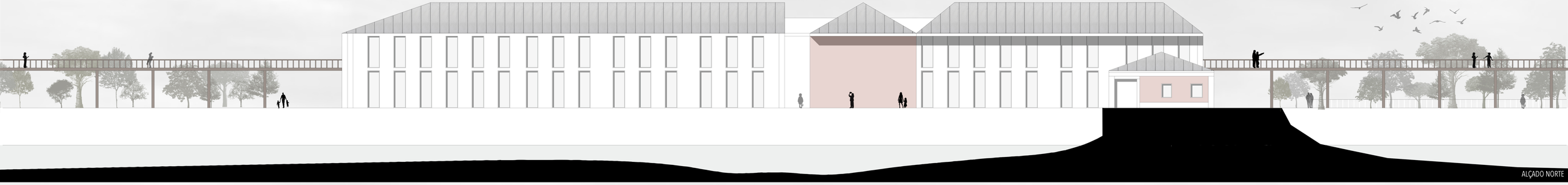
PROPOSTA ARQUITETÓNICA
CORTES DA QUINTA BRAAMCAMP

ESCALA 1:200

07



ALÇADO SUL



ALÇADO NORTE



ALÇADO OESTE

FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

U LISBOA | UNIVERSIDADE DE LISBOA

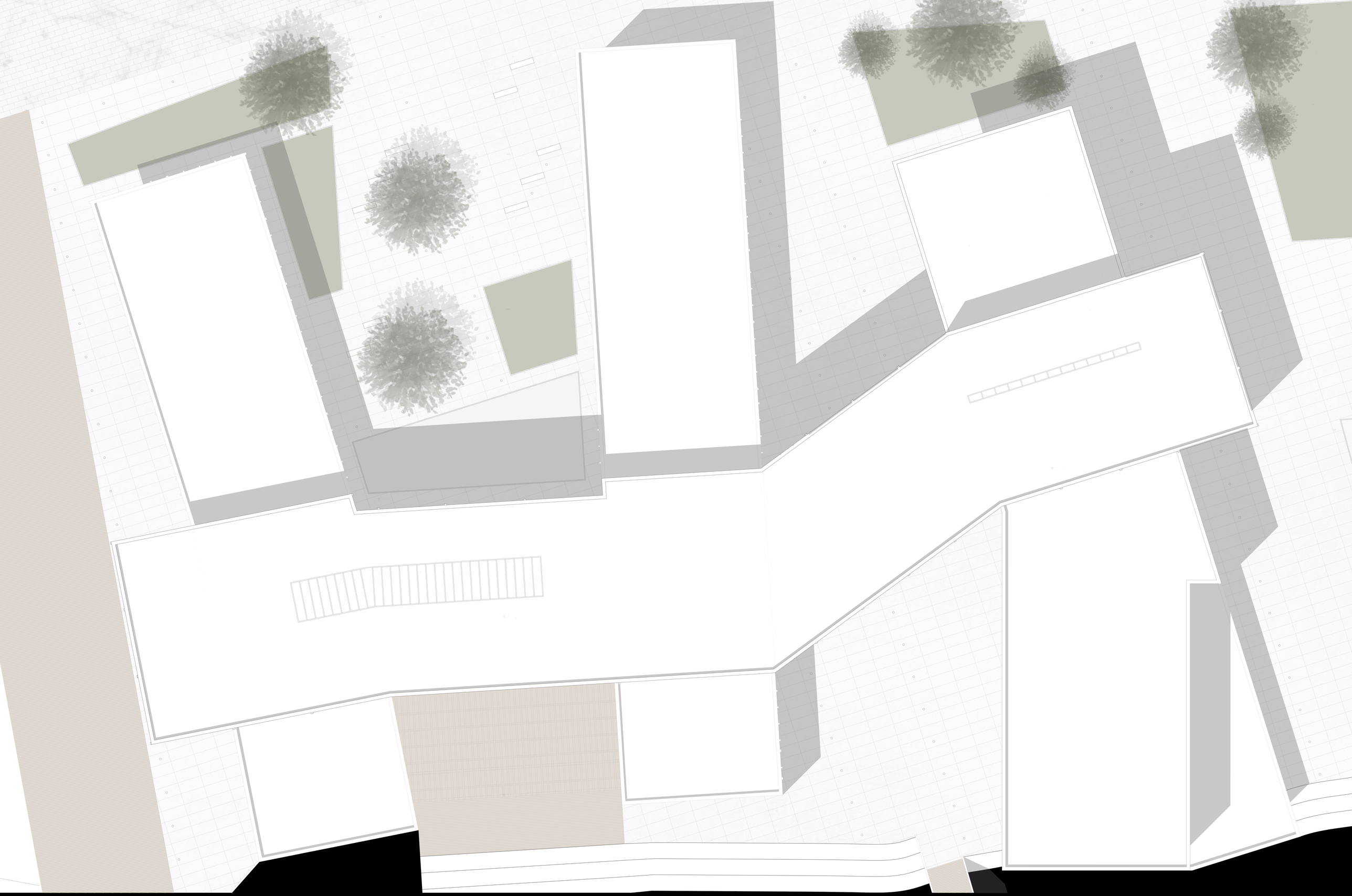
RICARDO VASCONCELOS DA SILVA | 20130337 | 13 DE MARÇO DE 2019
ORIENTAÇÃO: PROFESSOR DOUTOR PEDRO RODRIGUES
PROFESSOR DOUTOR JOSÉ CRESPO

O PATRIMÓNIO ESQUECIDO: (RE)ERGUER A QUINTA BRAAMCAMP
COMO CENTRO CULTURAL E DE CONGRESSOS

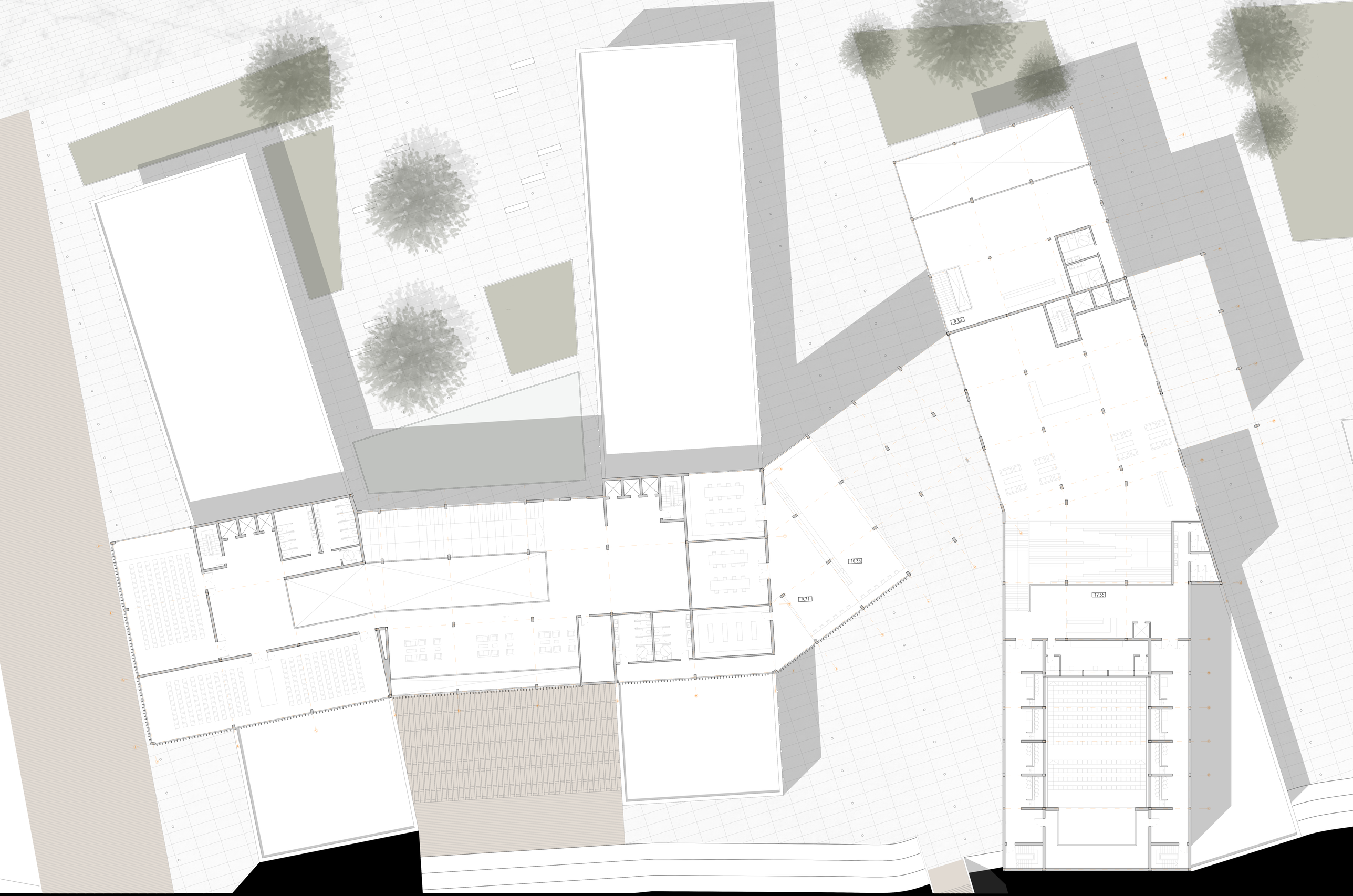
PROPOSTA ARQUITETÓNICA
ALÇADOS DA QUINTA BRAAMCAMP

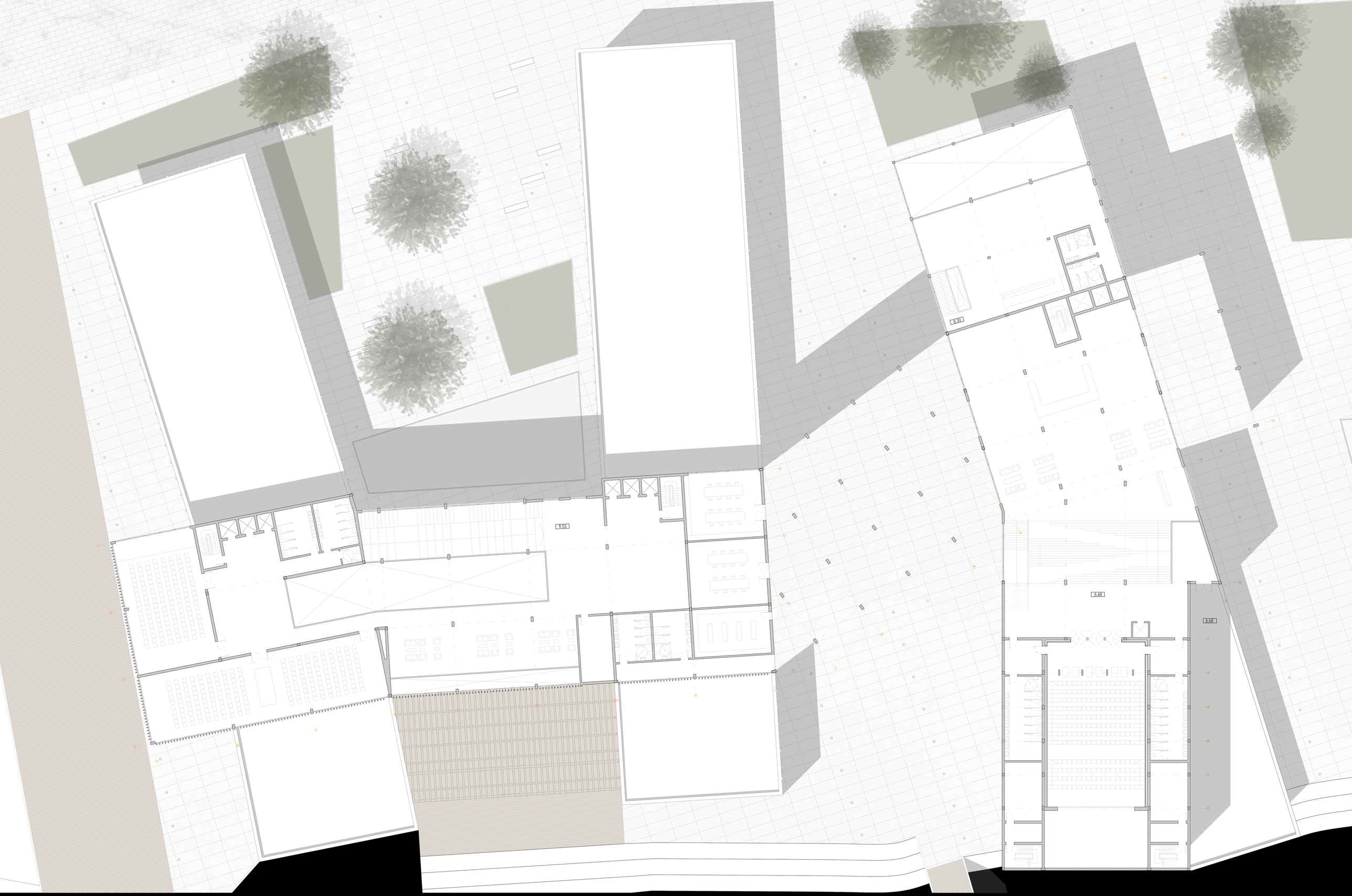
ESCALA 1:200

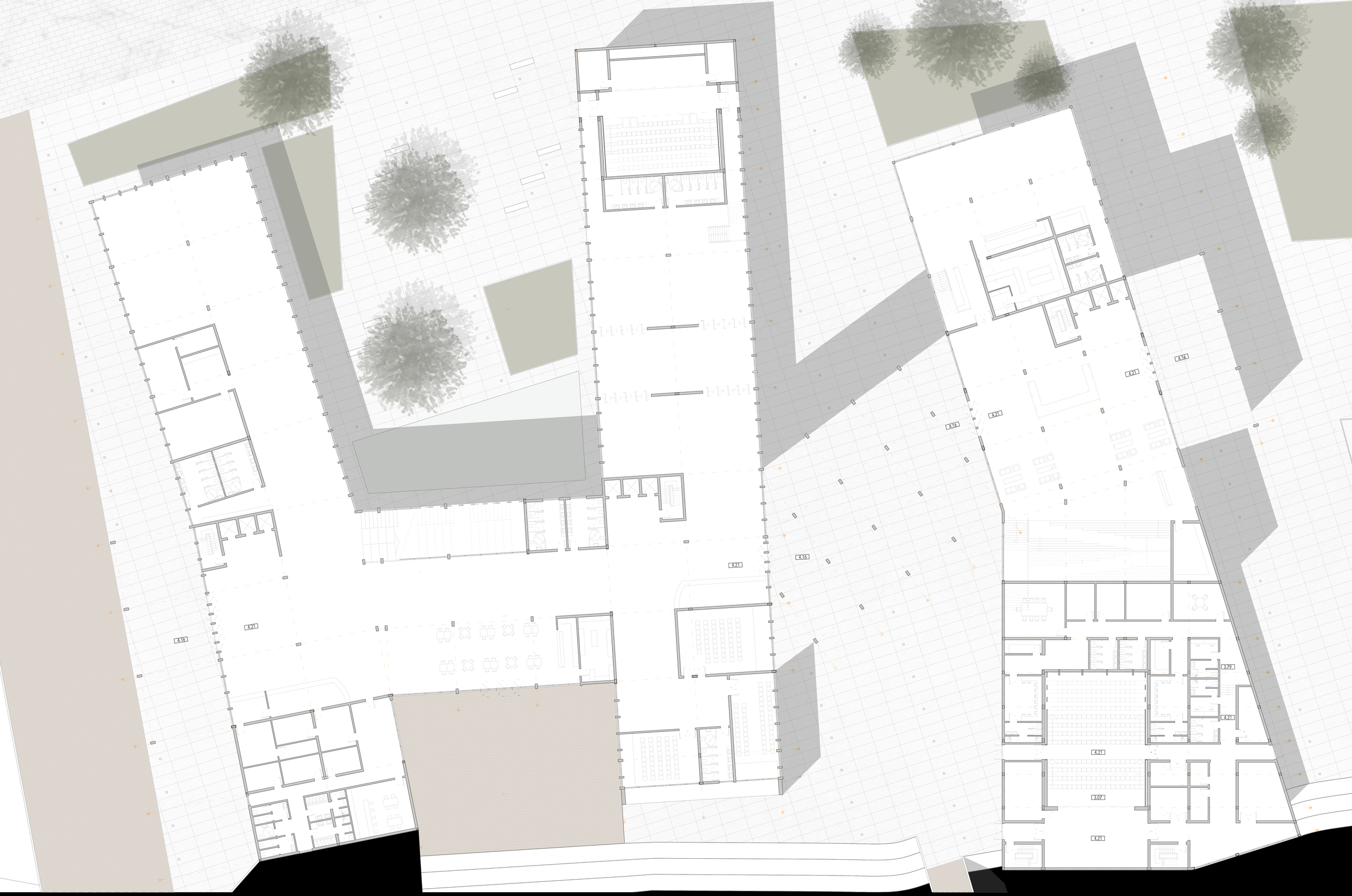
08



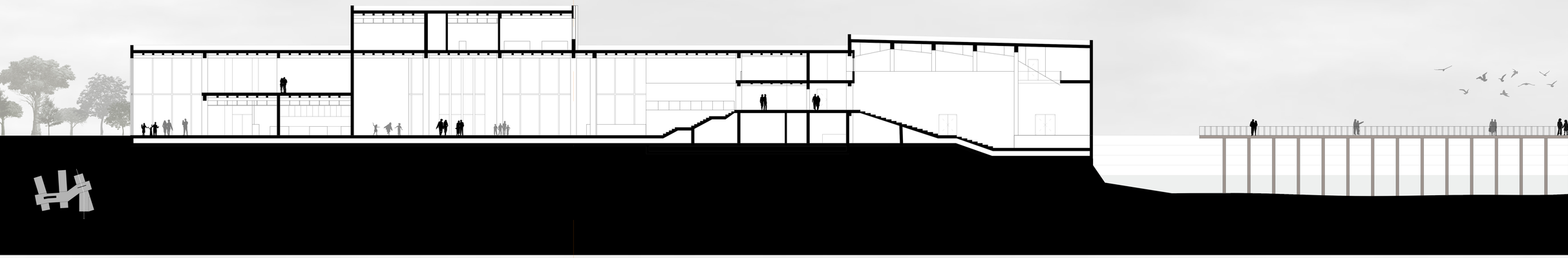

12.55
11.63
10.99
10.35
9.71
9.55

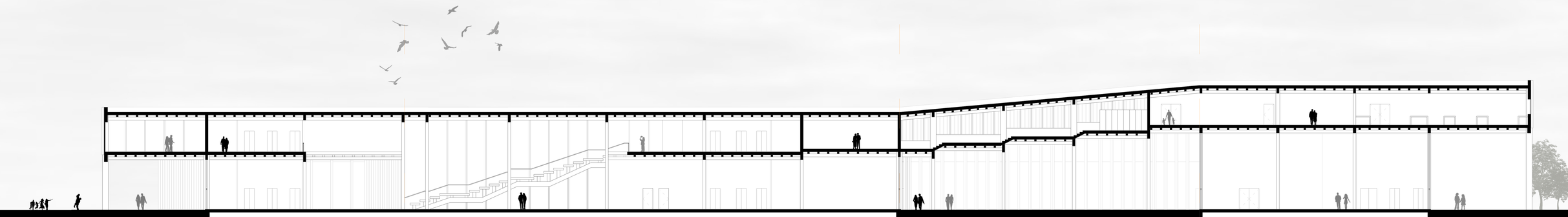

6.30
10.35
9.71
12.55


6.30
9.55
6.68
6.68


4.16
4.21
3.79
3.07


13.55
9.55
4.16


16.55
12.55
4.16


16.55
12.55
4.16



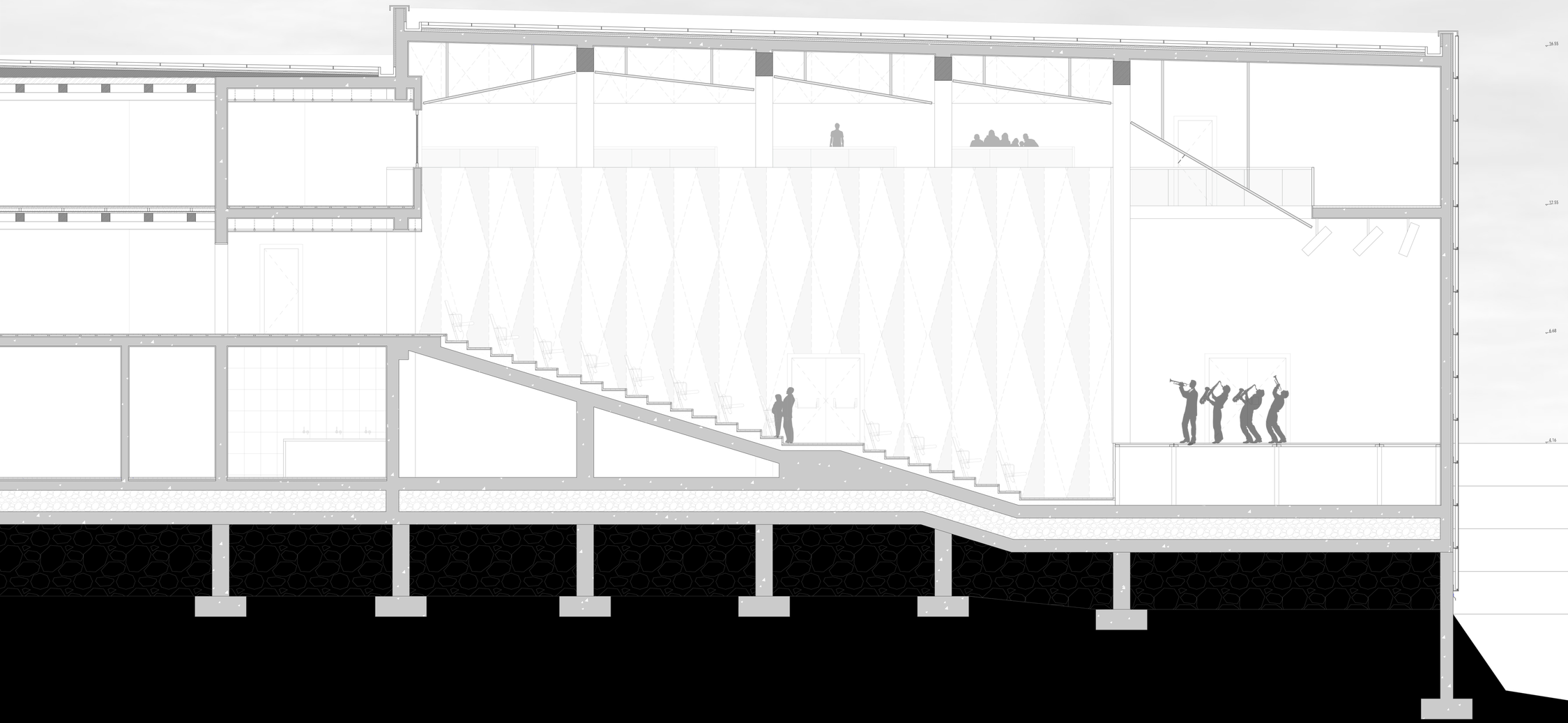
ALÇADO SUL

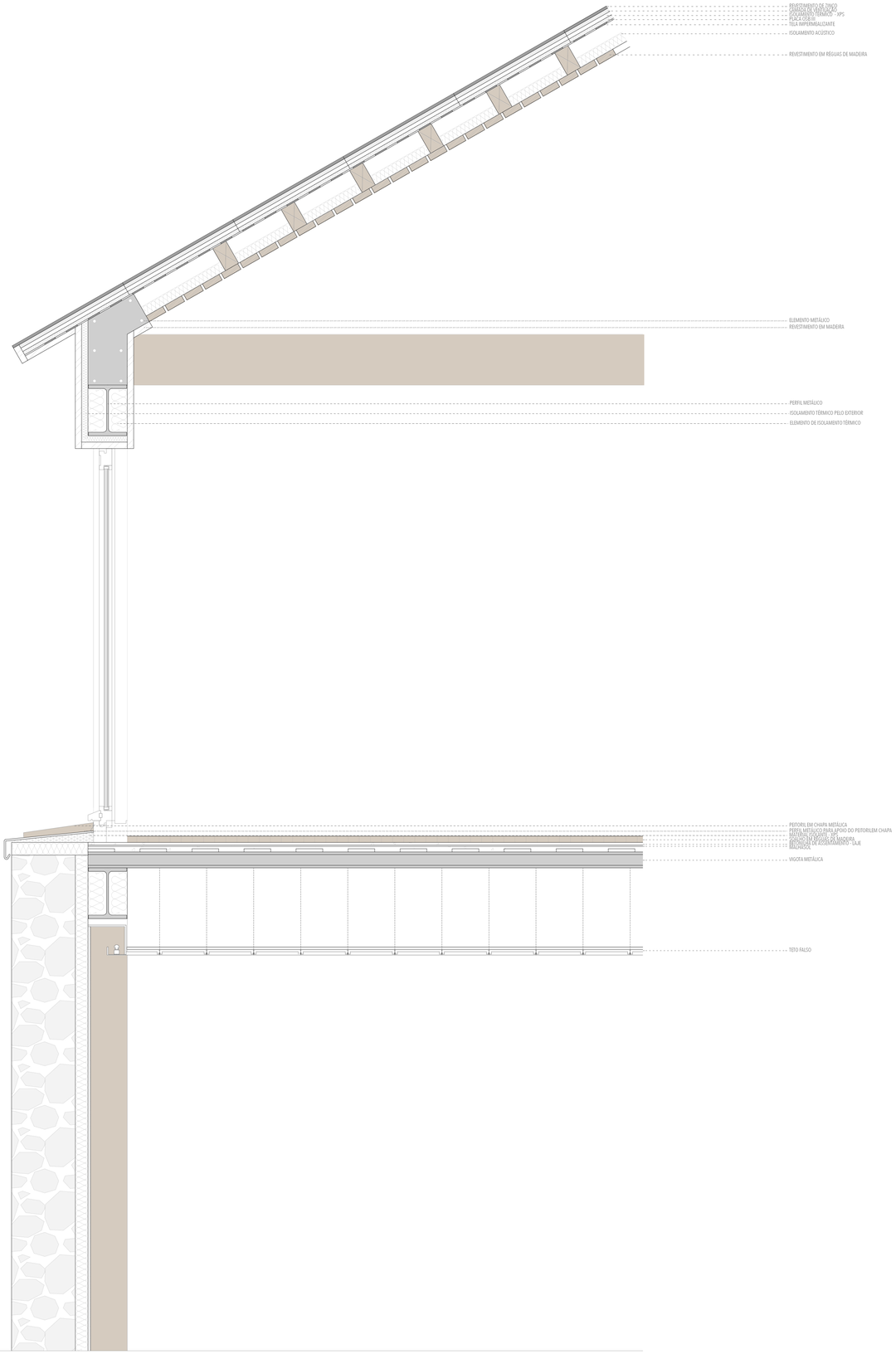


ALÇADO ESTE



ALÇADO NORTE


16.55
12.55
8.68
4.16


REVESTIMENTO DE ZINCO
CAMADA DE VENTILAÇÃO
ISOLAMENTO TÉRMICO - XPS
PLACA OSB III
TELA IMPERMEABILIZANTE
ISOLAMENTO ACÚSTICO
REVESTIMENTO EM RÉGUAS DE MADEIRA
ELEMENTO METÁLICO
REVESTIMENTO EM MADEIRA
PERFIL METÁLICO
ISOLAMENTO TÉRMICO PELO EXTERIOR
ELEMENTO DE ISOLAMENTO TÉRMICO
PEITORIL EM CHAPA METÁLICA
PERFIL METÁLICO PARA APOIO DO PEITORIL EM CHAPA
MATERIAL CIMENTÍCIO - XPS
SOLIDO EM MADEIRA DE MADEIRA
PEITORIL EM ASSENTAMENTO - SAJE
MACHADOR
VIGOTA METÁLICA
TETO FALSO

